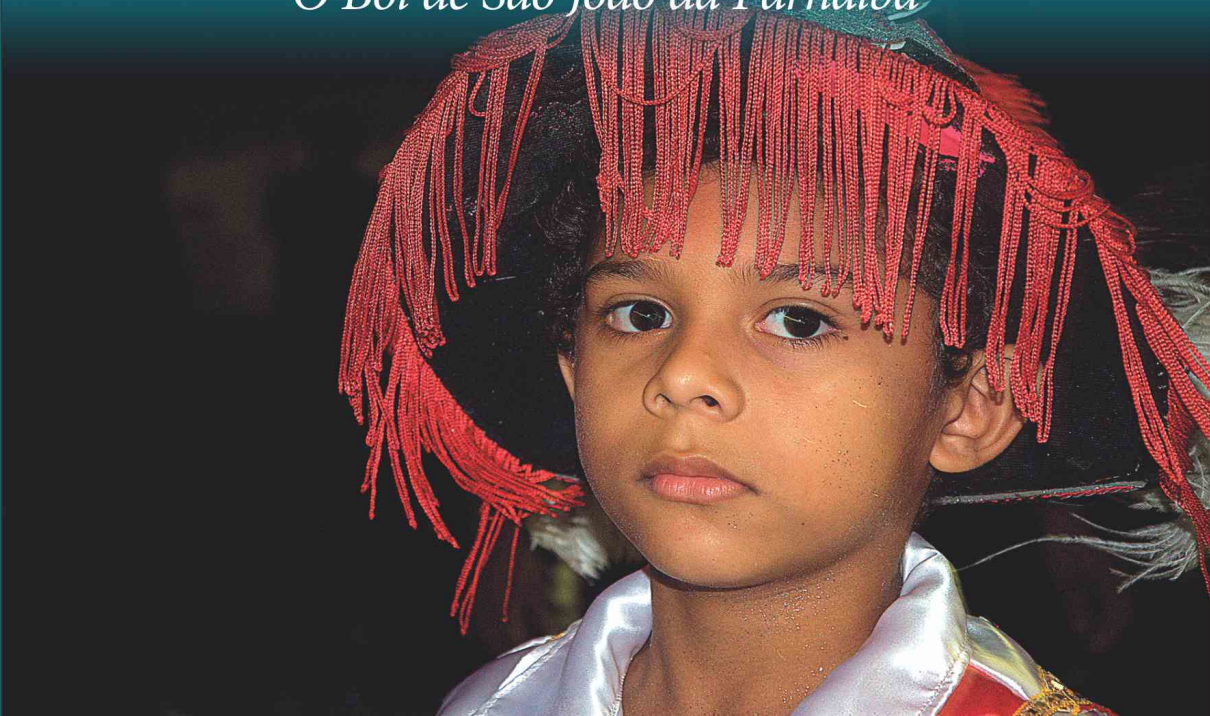


BENJAMIM SANTOS

# VEREDAS DA MEIA-LUA

*O Boi de São João da Parnaíba*



# Veredas da meia-lua

*O Boi de São João da Parnaíba*

© 2019 by **Benjamim Santos**  
Todos os direitos reservados. Permitida a reprodução parcial  
desta obra, desde que citada a fonte.

**CAPA E PROJETO GRÁFICO** | Paulo Moura

**ARTE FINALIZAÇÃO** | *IrmãodeCriação*

**FOTOGRAFIAS** | Helder Fontenele, Benjamim Santos, Walter Fontenele  
e acervos pessoais de João Batista dos Santos Filho, Benjamim Santos

**FOTOS DA CAPA** | Francisco das Chagas Sousa (Rei da Boiada)  
e menino não identificado

**IMPRESSÃO** | Gráfica do Povo

## FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária Larissa Andrade CRB – 3/1179

S2373v Santos, Benjamim.  
Veredas da meia-lua: o Boi de São João da Parnaíba./ Benjamim Santos.  
– 1. ed. – Teresina: Halley, 2019.  
180 p. il.  
ISBN 978-85.9538.071-4  
1. Piauí – História 2. Folclore – Piauí 3. Bumba-meu-boi 4 Literatura Piauiense I. Título  
CDD – 981.22

Benjamim Santos

**Veredas da meia-lua**  
*O Boi de São João da Parnaíba*

Teresina  
Benjamim Santos  
2019



*Dedicado a Acrísio João dos Santos  
e toda a família Pirão, Raimundo  
e Socorro Bandeira, Rafael e  
João da Guia, Arlindo e Laura,  
João Rodrigues e José Rodrigues,  
Paulo César, João Alves, Roberto  
William, Batista do Catanduvas,  
Chiquinho (Folharal do Rei da Boiada)  
e a todos os brincantes e donos de  
Boi da Parnaíba.*

*Dedicado também a Lili Machado que,  
como gerente de cultura do Sesc-Avenida,  
realizou a primeira exposição com peças  
dos Bois de São João da Parnaíba, em  
agosto-setembro de 2007.*



## *Sumário*

### *Iniciação, 13*

Presença do Boi .....	15
Bumba-meu-boi .....	20
A Parnaíba e o Boi .....	22
O Mês dos Arraiais .....	25
O Fenômeno das Quadrilhas .....	26

### *A tradição, 29*

Um auto de várias faces .....	31
Composição do brinquedo .....	32
O Enredo .....	32
Vocabulário tradicional .....	33
Personagens de canto e dança .....	34
A Catrevagem .....	35
Amo .....	36
O Faca .....	38
Instrumentos e toque de tambor .....	38
Toadas e repentis .....	39
Representação da morte .....	41
Nomes de Boi .....	47



Meia-lua .....	48
Licença .....	49
Pelas ruas, pelas casas .....	50
A brincadeira .....	50
No meio da noite, os contrários .....	51
Deoclécio e o Boi do Deoclécio .....	53
Três berços, três celeiros .....	54
O Boi nos Tucuns .....	56
O Boi na Ilha .....	57
Boi no Catanduvás .....	58
Fora dos celeiros .....	59
A Morte em cinquenta .....	59

### *Ambiente externo, 63*

Prefeitura .....	65
Três Secretarias .....	67
Parcela de poder .....	68
Campeonato de Bois .....	69
Regulamentos do Campeonato Parnaibano de Bumba-meu-boi .....	71
Os jogadores .....	75
Prêmios e vitoriosos de 2004 .....	78
Troféu Simplicação .....	79
Prêmios e vitoriosos de 2005 .....	79
Prêmios ou incentivo? .....	80
Os políticos e o Boi .....	82
Em Teresina .....	82

Na imprensa .....	83
Intelectuais, tradicionalistas e o Boi .....	83
Projeto Revitalizando o Bumba-meu-boi .....	84
Tudo levou a mudanças .....	85

### ***Reviravolta nos currais, 87***

Os Bois no século 21 .....	89
O que ficou da tradição .....	91
O que sumiu .....	93
O que pode sumir .....	94
As novidades .....	98
Cordas no toque do Boi .....	99
Mulheres invadem a malhada .....	101
Outras novidades .....	103
A saída dos Vaqueiros .....	104
Até o Boi? .....	106

### ***O Boi vivo, 111***

Estrutura familiar .....	113
Núcleo comunitário .....	114
Os Brincantes .....	115
Dono-de-Boi .....	116
Uma Liga .....	117
Ensaio .....	118
Quanto custa um Boi .....	119
Crédito no comércio .....	121
Corrida contra o relógio .....	122

Fardamento .....	123
Arte e artesanato .....	126
Máscaras .....	128
Ele, o Boi .....	130
Um brinquedo de muitas danças .....	131
Boi de meninos .....	134
O Mirim Prateado .....	135
O Boi nos bairros .....	138
Lindo Amor .....	139
Igarapu .....	139
Novo Vencedor .....	140
Flor do Lírio .....	141
Rei da Boiada .....	142
Novo Fazendinha .....	144

***Das mortes, 147***

***O tempo e os Bois, 161***

Imagens .....	167
---------------	-----

No século 18, deu-se a instalação da Vila de São João da Parnaíba. Oitenta e dois anos depois, tornou-se cidade, com uma área que abrangia grande parte do norte do Estado do Piauí. Situada dentro do triângulo formado pelas capitais do Maranhão, do Piauí e do Ceará, a meio caminho de São Luís e Fortaleza, Parnaíba é uma cidade nascida a beira-rio e quase a beira-mar. A menos de vinte quilômetros das praias da Atalaia e a dezessete quilômetros do Farol da Pedra do Sal, nenhuma outra cidade (nem do Piauí nem do Maranhão) fica mais dentro do Delta do Rio Parnaíba. Esse delta, onde vivia um povo nativo que foi exterminado, é composto por um aglomerado de quase cem ilhas, ricas em pastagens naturais. E aí estão os elementos naturais que deram origem à Parnaíba e ao seu desenvolvimento: a terra, o rio e o gado.

Como Vila, São João da Parnaíba viveu um período de luxo e riqueza logo em seguida ao apogeu do Ciclo do Couro. Dezenas de anos depois, já cidade, fez novamente a riqueza de alguns comerciantes com a exportação da cera de carnaúba e outros produtos extrativos com um fluxo intenso de navegação pelo rio Parnaíba. Mas nem o parnaibano nem os demais piauienses souberam se entender muito bem com tais elementos: a carnaúba sofreu queda de valor na economia e o rio perdeu o poderoso volume d'água.

Na segunda metade do século 20, empobrecida, a cidade deu de crescer e se expandir pelas terras mais altas, mais ou menos como Alice, quando se pôs a crescer no País das Maravilhas. Existe, porém, um grande laço que continua a unir todas essas épocas: o Boi. Não mais aquele boi de matadouro e de exportação, mas um Boi de ilusão que vive, brinca e morre para a cada ano ressuscitar para brincar de novo pelas ruas da cidade e de novo morrer e outra vez ressuscitar, sempre mais forte e vigoroso, num ciclo mítico de canto e dança.

É o Boi de São João: expressão máxima de nossa Cultura Popular, feita por um povo analfabeto ou de pouco estudo; manifestação do sentimento de toda a gente parnaibana; patrimônio imaterial de valor jamais dimensionado à altura que se impõe.

E de tal modo que, tendo o Boi como ponto de partida, pode-se contar a História da Cidade.

# *Iniciação*

*O Boi da Parnaíba nasceu no Catanduvas.*

Batista, do Rei da Boiada



## Presença do Boi

Meu pai era fascinado pelo Boi de São João. Todo ano, em junho ou julho, pelo menos um Boi brincava na frente da minha casa. E eu também, como todo menino da Parnaíba, me deixei fascinar. Aliás, todo o povo parnaibano é fascinado pelo Boi. Hoje, como antigamente (antigamente significa primeira metade do século 20), todo mundo na Parnaíba para diante de um Boi que esteja brincando ou corre à porta da rua para ver um Boi que passa. Esse fascínio não se alterou por mais que se tenham alterado algumas características essenciais dos velhos Bois. É um fascínio, um apego, como se fosse coisa de nascença.

A gente sempre ouvia falar do bumba-meu-boi do Maranhão, mas nos parecia uma coisa tão menor que, até hoje, ninguém daqui gosta do Boi de lá. É um boi pequeno, um boizinho, se comparado ao nosso. Como outra diferença, o de lá é chamado bumba-meu-boi, enquanto, entre nós, sempre foi Boi de São João ou, simplesmente, Boi. Com o tempo e com muito investimento promocional, o bumba-meu-boi do Maranhão apareceu nacionalmente; tornou-se referência folclórica e turística de São Luís. Mas o primeiro Boi que conheci, fora da Parnaíba, foi o de Recife. E foi um espanto. No que há de essencial, ou seja, a trama, com a morte e a ressurreição do Boi, é igual ao da Parnaíba; fora isso, porém, são poucos os elementos em comum. Em Pernambuco, o Boi é ligado ao Ciclo



do Natal, mas pode ir às ruas também durante o carnaval. Nisso está a primeira dessemelhança. Outra é que uma apresentação do Boi pernambucano dura cerca de oito horas, sem intervalos, numa seqüência de dança e diálogo rápido, tão rápido que só um espectador muito atento pode apreendê-lo em todas as sutilezas e elementos de comicidade.

Hermilo Borba Filho, romancista e homem de teatro, fez um estudo rigoroso sobre o Boi pernambucano, a partir do Boi Misterioso, do Capitão Boca Mole, de Recife. Desse Boi, assisti, juntamente com Hermilo, a uma apresentação em Afogados, bairro recifense, na própria casa do dono do Boi. Ele guarda com o Boi da Parnaíba apenas o fio dramático da ação (morte-investigação-ressurreição do Boi) e alguns personagens. O Boi de Pernambuco é talvez o que possui o maior número de personagens individuais. Hermilo classificou esses personagens em três linhas: os humanos (a Catirina, o Capitão, o Mateus, o Bastião, o Padre, o Médico...); os bichos (o Boi, o Cavalo-Marinho, a Ema, a Cobra, o Pinica-pau) e os fantásticos (a Caipora, o Diabo, o Babau, o Morto-carregando-o-vivo, o Mané Pequenino e o Jaraguá).

Alguns elementos são característicos em todos os Bois do Brasil: os personagens humanos misturados a bichos e personagens fantásticos; o canto, a dança, o uso da máscara, as correrias, perseguições, pancadarias; grande variedade de personagens cômicos; o folguedo sempre ligado a ciclos religiosos, principalmente nos dois solstícios, isto é, no Tempo do Natal e no Tempo de São João, embora em Recife, o Boi se apresente também no carnaval. Em todos, dá-se a Morte do Boi e a sua Ressurreição.

De dez anos pra cá, o Boi conseguiu espaço na chamada mídia nacional via Parintins, pequena cidade do interior do Amazonas, quase na fronteira com o Pará. Parintins explodiu, quase de repente, no meio turístico nacional com os seus dois Bois. E são só mesmo dois: o Garantido e o Caprichoso.

Há trinta anos, quando coordenei um curso de Desenvolvimento Social para a Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), em Manaus, conheci um Prefeito de Parintins. Ele me falava da cidade como um lugar inteiramente desconhecido, até mesmo da Capital do Amazonas. Nada havia; sequer um campo de pouso de aviõezinhos; nada que pudesse revelar a cidade fora dos seus limites. No entanto, hoje, Parintins é referência nacional quando se trata de Bumba-meu-boi.

Claro que já havia Bois por lá, nos anos setenta, mas foi no final dos anos oitenta que o fenômeno estourou, com muitos investimentos e patrocínios da Prefeitura, do Governo do Estado e de grandes empresas nacionais. Em consequência, a exibição dos Bois em competição tornou a cidade ponto turístico no final de junho. É uma competição tão cerrada que dividiu a cidade em dois cordões de torcedores. Os gastos e as exibições dos Bois de Parintins tornaram-se tão elevadas e grandiosas quanto as das Escolas de Samba do Rio de Janeiro e o turismo na cidade, durante o festival, se fez quase tão intenso quanto o do carnaval no Rio. O nome da cidade percorre hoje todo o Brasil e os sites dos Bois fornecem as principais informações. Pois se deu que, ao mesmo tempo em que os tais Garantido e Caprichoso se fizeram nomes nacionais, os Bois de São João da Parnaíba alteraram muitas e muitas de suas antigas tradições. Essas transformações e outras que estão em processo situam-se no mesmo período em que os Bois de Parintins entraram em evidência.

Mas não há registro sobre os Bois na Parnaíba. Nem na literatura, nem na poesia; nem mesmo em forma de artigo, crônica ou o que seja. A única exceção é um pequeno estudo feito por alunas da Escola Normal, que traz a compilação de trechos da encenação da morte do Boi e algumas letras de toada. Não há nada que revele a origem do Boi, detalhes de sua história, dos brincantes, do canto ou da dança.

Sabe-se que o escritor maranhense Humberto de Campos, que morou na Parnaíba, cantava jornadas da Chegança trepado nos galhos do cajueiro de seu quintal. Isto, lá pelos últimos anos do século 19, o que nos revela que, desde a segunda metade daquele século já se brincava a Marujada na Parnaíba. Em seu livro *Memórias*, Humberto de Campos lembra que era a “festa popular mais famosa da Parnaíba” e cita o “majestoso caboclo” Benedito Guariba como o botador da Chegança, nome do folguedo que depois os parnaibanos trocaram por Marujos e que, na Paraíba, é Nau Catarineta e, em Pernambuco, chama-se Fandango.

Difícil também é entender porque nem mesmo Benedito dos Santos Lima, jornalista, fundador e editor do *Almanaque da Parnaíba*, nem mesmo ele, jamais incluiu qualquer referência ao Boi, naquele *Almanaque*. E é difícil de entender, sobretudo, porque se sabe que ele conhecia todos os donos de Boi da cidade; conhecia muito bem o folguedo; sabia de sua importância social, e também cultural, para a cidade. Mas nenhum número do *Almanaque* estampa sequer uma foto de Boi.

Escritores e poetas parnaibanos também não tiveram olhos para o Boi. Todos ignoram o Boi. A mesma atitude é encontrada no meio acadêmico, universitário, de hoje. Mas os intelectuais parnaibanos, de um modo geral, carregam o Boi na memória. Acham mudado o Boi de hoje e sentem saudade do Boi de quando eram crianças. Assumem um tradicionalismo que não combina com eventos folclóricos que insistem em permanecer vivos enquanto tudo se transforma ao seu redor. E muitas mudanças aconteceram na Parnaíba desde que éramos crianças. E o Boi também mudou. Mudou muito, nos últimos trinta anos. Continua ainda em processo de mudança. Mostra novas alterações a cada ano.

Acompanhei, de perto, o Boi da Parnaíba nos anos quarenta e cinquenta. Depois disso, estive muito tempo longe da cidade. Agora, voltei a acompanhá-lo, mais de perto ainda, desde 2001. Pra

mim, era tão belo há sessenta anos como é belo hoje. Mas o Boi não é feito por mim nem por quaisquer outros intelectuais. É feito por brincantes das camadas mais populares de nossa gente. Eles são os donos do Boi. São eles que criam e recriam seus batalhões. São eles que inventam, alteram e modificam qualquer detalhe do brinquedo e sempre com o objetivo de fazerem o que consideram melhor e mais bonito. São eles que lutam a cada ano para botar um Boi na rua. Fazem isso há pelo menos cem anos. Ou mais? Desde que os nossos parnaibanos mais velhos eram meninos que os Donos-de-Boi procuram, a cada ano, botar na rua um Boi mais bonito. E bonito não quer dizer simplesmente “mais enfeitado”; envolve muitos aspectos. É direito deles. A nós, cabe apenas assistir ao brinquedo... a não ser que nos envolvamos e façamos também o nosso Boi.

Este livro tem como base as minhas afinidades com o Boi de São João da Parnaíba: meu afeto por ele, minha sedução; meus olhos grudados nele; minha busca de entendimento de tudo que acontece em cada Batalhão; meu desejo de mergulhar fundo na representação e no mistério do brinquedo. Não se trata, portanto, de um estudo sociológico nem de uma História do Boi da Parnaíba. Nem mesmo é resultado de pesquisa, em seu significado científico. Nada aqui foi pesquisado, no sentido acadêmico de pesquisa. Tudo foi vivido e sentido nas muitas vezes que vi Bois brincando e nas muitas conversas com brincantes, conversas que vêm de muito antes que eu soubesse que cada participante do Boi se autodenomina brincante e que o Boi é um brinquedo. Aos dezessete anos, eu já comprava um chapéu de Vaqueiro, daqueles de palha enfeitados com flores e contas, só mesmo para ter em casa, sabendo que pertencera a um vaqueiro do Flor do Ano ou do Rei das Campinas. (Os nomes de Boi têm um lugar especial no meu coração.) A primeira vez que escrevi sobre o Boi de São João foram artigos publicados no Jornal do Comércio, de Recife, em 1968. As conversas com donos de Boi, essas, são mais recentes. São de agora, depois

que passei a trabalhar na área oficial da cultura da cidade e tive acesso a todos eles. Para os estudiosos, defensores de teses acadêmicas e historiadores, o caminho continua livre e aberto. Embora haja inúmeros dados objetivos, neste livro, predomina a emoção, com a certeza de que, há muitos anos, entre uma meia-lua e outra, o Boi vem passando por muitas veredas.

## Bumba-meu-boi

Em homenagem a São João, o bumba-meu-boi nasceu na Vila de São João da Parnaíba, atual cidade da Parnaíba, na segunda metade do século 18.

Embora nenhum dos estudiosos do folclore apresente documentos que assinalem o lugar de origem do bumba-meu-boi, todos são unânimes em afirmar que a brincadeira nasceu na segunda metade do século 18. Significa então que surgiu no final do Ciclo do Gado, enquanto chegava ao auge a produção de carne-seca na Vila de São João da Parnaíba, litoral do Piauí. Nesse período, com exceção de Salvador, Recife e São Luís, o Nordeste do Brasil era essencialmente rural, campestre, marcado por um vocabulário que incluía fazenda, boiada, boi, cavalo, burro, pasto, malhada, couro, curral, vaqueiro, ferro, caboclo, amo... No Piauí, cujo sertão fora invadido por baianos e paulistas ligados ao gado que por aqui buscavam terras de bons pastos, fundaram-se inúmeras fazendas de gado. Em meio a esse linguajar e fruto dele, surgiu o mais popular dos nossos folguedos e o mais brasileiro de todos. No universo vocabular do bumba-meu-boi não há espaço para “verdes prados, montes e campinas”, como no Pastoril, nem para “terras de Espanha ou terras de Portugal”, como na Nau Catarineta. Todo o cenário e os personagens do Bumba-meu-boi são brasileiros, mesmo os fantásticos, como Caipora, Babau e Jaraguá. O Bumba-meu-boi respira Brasil, em qualquer região que ele exista e com qualquer

nome que lhe seja atribuído. Nenhum outro folguedo, mantido o que ele possui de essencial, é tão espalhado pelo Brasil e nenhum recebe tantas denominações: boi-esse, boi-aquele, boi-aqueloutro. Mas, como generalização nacional para estudo e fins turísticos, passou a ser chamado bumba-meu-boi em todo o país.

Os folcloristas apontam o Bumba-meu-boi como um folguedo que ocorre, com variações de lugar para lugar, em todo o Brasil. Os dicionaristas e enciclopedistas o definem como uma “dança dramática”, um “bailado cômico-dramático”, “folguedo de rua” ou “manifestação folclórica com dança, canto e declamações”. E generalizam quando afirmam que o folguedo acontece de novembro a janeiro, associando-o ao Ciclo do Natal. É verdade, em alguns Estados; nos demais, não. Em Pernambuco, por exemplo, o Boi brinca durante também o carnaval; no Piauí e no Maranhão, nasceu associado ao principal santo de junho, São João, cuja noite de véspera do seu nascimento, 23 de junho, assinala o solstício de inverno, como a Noite de Natal é a festa do solstício de verão, no hemisfério sul.

Por sua vez, os folcloristas piauienses que escreveram alguma resenha sobre o Bumba-meu-Boi, todos eles, generalizam abordando o folguedo como o “Bumba-meu-boi no Piauí”, quando, na verdade, falam do folguedo que conheceram ou “pesquisaram” em Teresina, Floriano ou Amarante. Mas até mesmo dentro do Estado do Piauí ocorrem variações de cidade para cidade. Os Bois que eles descrevem, nenhum deles retrata o Boi da Parnaíba, que nasceu típico, carregado de parnaibanidade. A Representação da Morte do Boi, porém, é sempre a mesma estória de um tiro acertado num boi de estimação, sua morte quase instantânea e sua ressurreição, motivo de alegria geral.

## A Parnaíba e o Boi

O Piauí é um Estado que nasceu sob o signo do boi, com forasteiros de outras Províncias que aqui chegaram e assentaram currais e fazendas, onde pastavam bois e vacas que fizeram a riqueza de baianos e paulistas, proibidos que eram de criar gado em terras do litoral, pois essas terras eram destinadas apenas ao cultivo da cana-de-açúcar.

Antes de se tornar cidade, a Parnaíba era uma Vila rural, à beira de um rio e diante de uma ilha. Nasceu de um povoado chamado Testa Branca. E quem diz que essa testa brancanão era a testa de um boi? Aquele povoado está hoje inserido à cidade, junto ao Catanduvas. No século 18, porém, Testa Branca não prosperou e a sede da Vila mudou-se para o lugar em que prosperou a cidade: o Porto das Barcas.

Logo depois do início do desbravamento, chegou à Vila de São João da Parnaíba, o português Domingos Dias da Silva, que aí se instalou no começo dos anos 1760. Dedicando-se à produção e exportação de carne-seca, conseguiu em pouco tempo ampliar a fortuna que havia trazido e gerar uma das maiores riquezas particulares da Colônia. Seu filho, Simplício Dias da Silva, deu continuidade a esse comércio e fez com que nenhuma outra vila ou cidade do Nordeste fosse mais presente e ativa no comércio de exportação de carne-seca do que a Vila de São João da Parnaíba.

Nas últimas décadas do século 18 e primeiras do século 19, o boi foi a principal base da economia da Província e o assunto mais comum entre os moradores da Vila. Todos os dias ali chegavam para morrer centenas de bois das inúmeras fazendas da Província. No auge da matança, a Vila mantinha 27 matadouros em atividade. Neles, matavam-se cerca de 30 bois por dia.

Daí vai que pode muito bem ter acontecido por esses pagos a estória de uma mulher de vaqueiro que tenha desejado, por entoujo,

comer língua de boi e que fosse do boi de estimação do dono da fazenda e que seu marido tenha ido arrancar a língua do dito boi. Por que não? Agora, que o tal boi tenha morrido e tenha revivido, aí já é outra história. Mas também possível. Como também nada disso pode ter acontecido nos arredores da Vila e a estória pode ter sido inventada aqui e levada pra fora ou inventada por lá e trazida pra cá. Mas, diante de tanta matança, a caboclada, ou melhor, a vaqueirama de caboclos e negros, para dar vingança a tantos bois que matavam, pode ter imaginado um Boi que não morre, que ressuscita sempre; todo ano redivivo. Um Boi dedicado a São João, o santo da Vila; o santo que se vestia com pele de animais e que aparece no imaginário popular rodeado de carneirinhos. Por que não? Entonce, o tal do bumba-meu-boi pode muito bem ter nascido na Parnaíba, lugar muito propício para sua criação. Não há, porém, nenhum registro que confirme esta origem. Como não há quem prove que não. Também não há registro de que tenha nascido noutra lugar. Daí vai que a brincadeira do Boi deve ter nascido aqui mesmo, nesta atual cidade da Parnaíba, na segunda metade do século 18. Da história da morte e da ressurreição daquele boi cuja língua lhe foi arrancada, nasceu por festejo (ou desabafo) um brinquedo de canto e dança, lembrando a velha história. Esse brinquedo percorreu os séculos, espalhou-se pelo Brasil levado por tantos e tantos vaqueiros e marítimos que passavam pela Vila. Em cada lugar em que aportasse, o brinquedo foi tomando uma forma própria, seguindo aquele ditado de que “quem conta um conto aumenta um ponto.” Por isso há tantas variações no bumba-meu-boi, de lugar para lugar.

Na Parnaíba, o bumba ficou sendo chamado Boi de São João, em lembrança da Vila em que nasceu e do Santo seu padroeiro. E se manteve por todos esses anos, sempre ligado ao mais pastoril de todos os santos Hoje, como se diz em linguagem atual, é patrimônio imaterial da Parnaíba. E do Brasil. É assim que tem de



ser visto por todos os que o admiram, prezam vê-lo brincar e não querem que ele se acabe. Para isso, para que não se acabe, os atuais donos e brincantes de Boi da Parnaíba carecem de estímulo, valorização, respeito, admiração, convites para brincar. É preciso que o brinquedo esteja presente em todas as festas cívicas, religiosas ou familiares da cidade. Ele é a cara da cidade. Precisa ser visto e estar incluído em todas as programações festivas. Jamais será espetáculo repetitivo porque cada Dono-de-Boi faz o seu Boi do seu jeito, veste o seu Boi do seu jeito, a cada ano renovado.

Toda a cultura parnaibana, em sua essência, está concentrada no Boi de São João. Em nenhuma outra cidade, o Boi está mais inserido em sua História do que na Parnaíba. Extinguir-se aqui essa brincadeira é eliminar parte da História da cidade. Obrigação é preservá-la. Apesar disso, ainda não apareceram estudiosos que o divulguem, embora muita gente dê palpite sobre a preservação e os futuros caminhos do brinquedo. Até agora, as pessoas que têm dado palpite conhecem pouco ou quase nada sobre sabem sobre os nossos batalhões e tudo que falam é apenas marcado pela emoção, pela lembrança dos Bois de sua infância e pelo medo de que eles se “adulterem” ou desapareçam.

O Boi é o mais tradicional folguedo popular existente na Parnaíba. Desde muito e muito tempo, apresenta-se todos os anos pelas noites da cidade, sempre a partir de 23 de junho (véspera de São João) indo até meado ou final de agosto. Marcado por canto, dança e representação teatral para a alegria de todos os brincantes.

Na Parnaíba, o Boi integra-se com harmonia à História da cidade, uma cidade que nasceu e cresceu com a força do boi em sua economia. O dinheiro dos primeiros ricos da Vila veio da matança de bois; bois que jamais ressuscitaram. Mas o dinheiro dos riquinhos de hoje não leva mais os Bois às ruas. É difícil para os Donos-de-Boi conseguirem botar o brinquedo na rua porque as casas de comércio não lhes dão crédito e os ricos não contratam o

Boi para brincar na porta de suas casas, como antigamente; nem os intelectuais, nem mesmo os folcloristas.

## O Mês dos Arraiais

Na noite de véspera de cada um dos três grandes santos de junho, acendem-se fogueiras em todos os bairros e subúrbios da Parnaíba. É tradição que se mantém e que parece firmar-se mais e mais a cada ano. E é bonito de ver. Gosto de pegar um carro e sair pelos bairros, á toa, só pelo prazer de ver fogueiras na frente das casas. Isto é, casas pobres. É tradição que somente os pobres mantêm. A cada uma das três noites, chamam-se primeira fogueira, segunda fogueira e terceira fogueira. E as noites ficam mais alumbrantes se, ao lado de alguma fogueira, brinca um Boi.

Por todo o Brasil e, mais especialmente, no Nordeste, junho é o mês dos arraiais, das festas de fogueira, de Santo Antônio, São João e São Pedro. De todas essas festanças, três se tornaram nacionalmente conhecidas e visitadas por turistas de todo o Brasil: a de Caruaru, a de Parintins e a de Campina Grande. Por que? A resposta é mais do que simples. Nascidas do gosto do povo, encontraram costa-larga nos prefeitos, nos governadores e nas campanhas de turismo receptivo. Essas festas, todas elas, começaram pequeninas; foram-se firmando, se agigantando. Cada novo prefeito dava continuidade ao que fizera o prefeito anterior e fazia crescer o vulto da festa. É preciso que seja assim para que cresçam os projetos municipais criados e feitos pelo povo. Foi assim com as Escolas de Samba do Rio; com os carnavais de rua de Recife e Olinda. Um prefeito aparece quanto mais fizer crescer o trabalho cultural e turístico dos prefeitos anteriores. Em 2004, para tornar o Arraial de São João da Parnaíba maior e mais brilhante, o Secretário da Cultura procurou apoio de grandes e médias empresas. Nada conseguiu. Buscou parceria com o Governo do Estado, através da Secre-

taria de Educação e Cultura e da Piemtur. Nem recebeu resposta. Mas não se fez de vencido e, com o apoio exclusivo da Prefeitura, realizou a mais importante festa popular junina da região norte do Estado. Com uma Equipe que Produção pequena, mas eficiente, conseguiu realizar o que a Parnaíba jamais havia visto em nível de festas populares: amplitude, variedade de ofertas nas barracas, parque de diversões, domínio completo do mercado avulso de barraqueiros ambulantes, uma vasta programação de eventos na Arena e na Tenda, pontualidade na seqüência das apresentações dos folguedos, policiamento (que se tornou apenas preventivo, pois nada de anormal aconteceu durante os doze dias de Arraial) e, sobretudo, um nível de organização de produção exemplar. Resultado: a Parnaíba se divertiu e pela primeira vez assistiu aos folguedos de arquibancada.

## O Fenômeno das Quadrilhas

A Quadrilha e o Boi são os únicos folguedos existentes na Parnaíba moderna. Um fato curioso, porém, se estampa à primeira vista. Não tendo mais que uns vinte anos de vida, as Quadrilhas deixaram de ser apenas uma dança e se tornaram um Folgado, pois apresentam um tema e uma representação teatral (o Casamento Caipira), ao passo que o Boi, sendo um folgado secular, vem, ano a ano, tornando-se apenas uma dança. Está quase extinta do Boi a cena de teatro em que o Boi é morto e é feita a investigação até que se descubra o matador e o Boi ressuscite. Com isso, os personagens da Catrevagem perderam a voz; nem sequer gritam mais seus antigos urros feitos de brrrrrrrrruuu!!! O Boi continua porém como um ritual dionisíaco, com seus personagens hieráticos.

A grande diferença, no entanto, aquela que deixa o Boi sustentado em seu pilar de nobreza, é que as Quadrilhas se apresentam sem músicos e sem canto dos brincantes. Tudo é gravado, inclu-

sive a cena do casamento caipira, em *play-back*. Por outro lado, as Quadrilhas estão em fase de organização conjunta: acabam de criar a Liga de Quadrilhas da Parnaíba. É um caminho de defesa e sustentação. A esse caminho, os donos de Boi ainda não chegaram.

No Arraial de São João da Parnaíba de 2005, apresentaram-se quinze Quadrilhas. Três ou quatro delas, as mais bem estabelecidas, são convidadas para competir no festival de Teresina e, quase sempre, se dão bem, embora ainda não tenham conseguido um primeiro lugar.

Mas é uma brincadeira cara. Uma Quadrilha de primeira linha gasta mais de oito mil reais (cerca de três mil dólares ao câmbio de 2005) para vestir cerca de 48 brincantes. Enquanto isso, os Bois, que precisam gastar isso para se apresentarem como merecem, mal chegam a gastar dois ou três mil. E um detalhe a mais: enquanto os Bois não conseguem um naco de patrocínio ou crédito, a maioria das Quadrilhas é financiada por vereadores eleitos ou em fase de pré-eleição. Em troca de votos, é claro.

Infelizmente (ou felizmente!), os Bois ainda não têm seus políticos de estimação, embora muitos Donos-de-Boi vivam pedindo, aqui e ali, alguma coisa a algum vereador, deputado ou apenas candidato: um caminhão para transporte do Batalhão, uma bandinha para animar alguma festa ou só mesmo dez merréis para comprar algum vidrilho que falte.



# *A tradição*

*Eu era apaixonado por essa brincadeira,  
mas quando via o Folharal e a Catirina,  
fugia de medo.*

Homem do povo, em entrevista  
a Rosinete Pereira, no Arraial de 2004



## Um auto de várias faces

O Boi de São João da Parnaíba é, ao mesmo tempo, cômico, romântico e dramático, com final catártico. A face cômica é a dos pícaros, cujo conjunto é chamado Catrevagem. A parcela romântica aparece nas toadas de amor, sempre referentes a uma “morena linda” ou “morena bela” que os vaqueiros amam, de quem sentem saudade quando vão partir e por quem sofrem a “dor da separação”. De dramático, ocorre a morte do Boi, causa de sofrimento em toda a fazenda, tal a sensação de perda sofrida pelo Amo, dono do Boi morto. Por fim, a catarse, com a ressurreição do Boi. Tudo isto é feito nas noites da Parnaíba, desde tempos imemoriais, ao som de tambores e toadas e dança e cena de teatro. Sua representação completa, em que se dialoga e canta a Morte e a Ressurreição do Boi, dura cerca de uma hora.

Nascido há mais de duzentos anos, quando o Brasil ainda era Colônia, com os índios já em extinção, os negros no trabalho escravo e os brancos como donos da Casa Grande, o Boi da Parnaíba é carregado de elementos oriundos dessas três culturas. Dos negros, vieram os tambores; dos índios, a arte plumária e o gosto por contas, vidrilhos e espelhos; dos brancos, o prazer do luxo e do brilho no trajar. Esse luxo aparente faz contraponto com a pobreza real dos brincantes.



## Composição do brinquedo

O Boi de São João da Parnaíba, em sua forma tradicional, é composto por dois Cordões de brincantes (a Vaqueirama), um Amo (ou senhor da fazenda), um Boi (de estimação do Amo), a Catrevagem (quatro personagens de agregados ou moradores nos arredores da Fazenda) e os Tambozeiros). Os Cordões são formados por três linhas de vaqueiros: os Caboclos-reais (à frente), os Vaqueiros (no meio) e os Boieiros, no final de cada cordão. O número jamais foi fixo, mas o mais antigo dos nossos Donos-de-Boi, Seu Raimundo Bandeira, afirma que cada Cordão é feito por dez homens e que um Batalhão não tem mais de 26 homens. São poucos, porém, os Batalhões de hoje que ainda obedecem essa antiga tradição. Um Boi de 26 homens é atualmente quase nada no meio da enorme arena em que são disputados os campeonatos.

## O Enredo

Numa fazenda, lá pelos cafundós de não se sabe adonde, criava-se muito gado, mas o Amo, dono da fazenda, tinha especial estima por um certo boi, com o qual não fazia nenhum negócio: não dava, não vendia, não trocava, não emprestava. Pois se deu que certo dia, o dito boi apareceu morto, com a língua arrancada. Chora o Amo em seu desespero. Chama-se o médico, chama-se o homem das ervas, interrogam-se os vaqueiros e ninguém dá jeito no boi, nem sabe quem o matou. Por fim, descobre-se que o matador foi Pai Francisco, vaqueiro da própria fazenda e marido de uma dita Catirina. E matou porque a Catirina, com entoujo de prenha, exigiu que o marido matasse o boi (só servia aquele) e lhe trouxesse a língua pra ela jantar. Descoberta a história, faz-se isso e aquilo e de repente o boi se mexe e lá vem, ressuscitado, para alegria de todos.

Este é o enredo dramático do Boi da Parnaíba e, de um modo geral, de todos os outros Bois Brasil afora.

## Vocabulário tradicional

**BAILADO CORRIDO** - dança principal dos Cordões: dois passos prá esquerda e dois prá direita

**BATALHÃO** - conjunto do Boi, formado por todos os seus brincantes.

**BOI** - a figura do Boi, animal de estimação da fazenda e razão de ser do brinquedo.

**BOI** - numa segunda acepção é o Batalhão formado por todos os brincantes.

**BOI DE SÃO JOÃO** - nome pelo qual o folgado é chamado na Parnaíba desde os mais remotos tempos.

**BOTADOR-DE-BOI** - homem que tem o Boi, que bota Boi e é dono-do-Boi.

**BRINCADEIRA** - a apresentação completa de um Boi.

**BRINCANTE** - todos os participantes do Boi.

**BRINCAR** - participar do Boi.

**BRINQUEDO** - o Boi, o folgado, considerado uma brincadeira.

**CACHIMBADA** - porrete de pano usado pela Catrevagem para bater nos moleques.

**CATREVAGEM** - conjunto de personagens, humanos ou fantásticos, cômicos e picarescos.

**CONTRÁRIO** - é o Boi adversário; independente de disputa por premiação. Em relação a um Boi, qualquer outro é seu contrário.

**CORDÃO** - cada uma das duas alas de Caboclos Reais. Vaqueiros e Boieiros.

**DESAFIO** - disputa ou peleja entre dois Amos através de repentes cantados.

**DONO-DE-BOI** - o mesmo que Botador-de-Boi, hoje, chamado também Presidente.

**FACA** - o homem que brinca debaixo do Boi.

**FARDA** - a roupa de cada brincante, com seus adereços.

**FARDAMENTO** - conjunto de todas as roupas com seus adereços.

**FOLHAÇA** - saia do Folharal, feita de folhagem seca de bananeira.

**MALHADA** - local de pasto do Boi.

**MEIA-LUA** - exibição rápida, em forma circular.

**PANCADA DE TAMBOR** - é o toque dos tambores, também chamado sotaque de tambor.

**PIQUE** - passo de dança, lento, muito usado para entrada dos Cordões na Arena.

**PRIMÁRIO** - Boi que sai pela primeira vez, pelo primeiro ano.

**REPENTE** - improviso cantado pelo Amo entre os refrões que são repetidos pelos Cordões

**SAIA** - pano que circunda o Boi para encobrir o Faca; também chamado Fralda ou Barra

**TOADA** - cada uma das canções puxadas pelo Amo e repetida pelos Cordões

**TAMBOZEIROS** - tocadores de tambor, batedores de tambor

**RONCADEIRA** - tambor em cuíca rústica que emite o ronco do Boi (outrora, ronqueira).

**VAQUEIRADA** - conjunto de todos os vaqueiros da fazenda: Caboclos, Vaqueiros e Boieiros.

**VAQUEIRAMA** - o mesmo que Vaqueirada.

## Personagens de canto e dança

**AMO** - é, ao mesmo tempo, Dono da Fazenda e Mestre de Cerimônia do Brinquedo.

**CABOCLOS REAIS** - são os melhores homens da fazenda; personagens que vêm à frente dos dois Cordões; vestidos luxuosamente, usam capacetes adornados de espelhos, contas, medalhas e plumas de pavão. Na tradição, eram os homens de mais idade, acima dos trinta anos.

**CABOCLO-GUIA** - primeiro Caboclo Real de cada Cordão; coordenador a dança e da evolução.

**VAQUEIROS** - vêm logo depois dos Caboclos Reais; usam chapéus recobertos de contas, espelhos, miçangas e vidrilhos. Na tradição, eram jovens entre os 18 e os 23 anos.

**BOIEIROS** - fecham cada um dos Cordões; usam roupas são mais simples e eram feitos por adolescentes, até uns 18 anos.

## A Catrevagem

É o conjunto de personagens picarescos, aqueles que não seguem as normas rígidas dos Cordões. No Boi tradicional da Parnaíba, são cinco: Pai Francisco, Catirina, Doutor Cazumbá, Folharal e Burrinha Sem qualquer coreografia marcada, têm acesso livre a todos os recantos e podem brincar por todo o espaço da representação e até fora dele. Usam porretes de pano com que investem sobre a molecada assistente e uns sobre os outros. Brincam, se abraçam, ameaçam falsas brigas, rolam pelo chão. A voz de cada um nunca é a voz natural do brincante; é sempre gutural, rouca ou em falsete.

**PAI FRANCISCO** - também chamado Nego Chico, é o personagem mais sério da Catrevagem; um vaqueiro que trabalha na Fazenda do Amo. Não se veste como os Vaqueiros dos Cordões. Veste uma roupa sinistra, quase sempre capa encarnada caindo dos ombros, e carrega uma espingarda. É o único personagem da Catrevagem que não é pícaro nem cômico. Por isso, sua atuação só tem sentido quando se faz a Representação da Morte do Boi, pois é ele quem atira no Boi para arrancar-lhe a língua.

**CATIRINA** - mulher do Pai Francisco. É o único personagem feminino do Boi, mas, desde sempre é interpretado por um homem, dos mais viris, conforme a tradição parnaibana.

**DOUTOR CAZUMBÁ** - é o médico chamado para curar o Boi; usa lamparina acesa sobre a cabeça tendo o fogo como símbolo da sabedoria. Com toda a cabeça oculta por máscara primitiva, é um personagem que beira o fantástico.

**FOLHARAL** - personagem fantástico, meio homem e meio vegetal. Com máscara primitiva, uma longa e ampla saia de folhas secas de bananeira, é o personagem mítico das matas, conhecedor de ervas e raízes. De todos é o mais amedrontador para as crianças.

**BURRINHA** - além do Boi, é o único animal do brinquedo, mas, diferente do Boi, o brincante que faz a Burrinha não se esconde dentro da carcaça do bicho. Seu corpo está exposto da cintura para cima. É um centauro de duas cabeças, a do burro e a do homem mascarado. Diferente do Cavalo Marinho do Boi pernambucano, a Burrinha é um personagem fantástico enquanto o Cavalo Marinho é um homem de verdade amontado em seu cavalo de mentira.

## Amo

É o personagem de maior evidência, depois do Boi. Seu papel, no enredo, é o de Dono da Fazenda; seu papel, no espetáculo, é o de Mestre-de-cerimônia, aquele que comanda e faz desenvolver toda a ação. Como Dono da Fazenda, todo o núcleo da ação recai sobre ele, pois é seu o Boi que mataram e cuja morte ele sofre e precisa reparar. Como Mestre-de-cerimônia, equivale ao Corifeu da Tragédia Grega, aquele personagem do Coro que tem voz própria, individual, e leva o Coro a cantar. O Amo comanda a brincadeira puxando as Toadas, que são repetidas e prosseguidas pela Vaqueira. Como complementos do canto e do toque de tambor, o Amo se utiliza de dois instrumentos: um maracá e um apito de marcação, únicos sons instrumentais além dos tambores.

Alguns Amos da Parnaíba têm excelente desempenho.

Manuel Diniz, conhecido por Mano, do Bairro São José, já foi Amo do Lírio do Campo e do Flor do Lírio; Chagas (Francisco das Chagas de Souza, 59 anos, vendendor de picolé) canta para o Novo Vencedor e para o Rei da Boiada; José Rodrigues, o Canário da Ilha, já foi Amo do Lírio do Campo e agora está no Novo Fazem-

dinha; João Rodrigues, pai do Canário, aos setenta anos, também canta no Novo Fazendinha; João Batista dos Santos Filho, o Batista do Catanduvás, é descendente de tradicional família de Donos-de-Boi; Chico Doura, canta no seu Lindo Amor e Raimundo Bandeira, também com 70 anos, é Amo e dono do Igarçu.

Mas quando o Boi brinca sem fazer a Representação da Morte, o Amo perde sua função de personagem (Dono da Fazenda) para se tornar apenas um animador. Deixa de ser o Corifeu do Coro de Cordões para se fazer um cantador que entoia as toadas para os Cordões repetirem.

Um bom Amo, além de ter boa voz, cantar bem e incentivar o Batalhão a uma boa apresentação, possui também o dom do improviso. No meio das Toadas, entre os refrões, canta repentinos e seus repentinos devem surpreender não só o grupo como o público espectador. Mas muito pouca gente presta atenção às toadas e só mesmo quem é ligado às veredas do Boi, sabe quando o Amo está improvisando, isto é, tirando repente. É, talvez o mais concentrado em sua função. Tem que estar atento a tudo que acontece com o Batalhão. Às vezes, muito empolgado, um Amo canta sem parar e não permite que os Cordões cantem sequer os refrões. É um pecadinho que pode fazer o brinquedo perder um pouco da grandiosidade.

Tal como um violeiro-repentista, vários Amos do Boi da Parnaíba são bons no improviso cantado. Alguns deles são exímios. Diz-se, dentro do meio de Bois, que nenhum supera o Canário nos mais diversos gêneros de repente: mourão, beira-mar, dominó, carta de baralho ou qualquer outro. E poucos se atrevem a desafiá-lo.

Em 2005, uma menina de doze anos, surpreendeu como Amo do Mirim Prateado. É ótima no repente e, com certeza, vai brilhar se continuar brincando de Amo. Por incompreensão, o Julgador deu-lhe nota baixa, sem sequer levar em conta que ela se apresentava num Boi Mirim. Por outro lado, deu nota alta ao Amo que cantou para o também Mirim Novo Ano. Só que quem cantaria para o Novo Ano havia sido o Canário da Ilha.

## O Faca

volteios, passos de dança, perseguição a outros personagens, brincadeiras com o público... em outros lugares é chamado miolo do Boi

Passos do Faca: balancear, bumbar

## Instrumentos e toque de tambor

É na fusão dos instrumentos, que dão ritmo e acompanham o canto, que se misturam no Boi da Parnaíba as três culturas que formaram o povo brasileiro: o tambor dos negros, o apito dos brancos e o maracá dos índios. Além desses, aqui e ali, o tá-tá-tá das flechas de madeira, de origem também indígena.

Tambores são os principais instrumentos do Boi. Formam um conjunto de percussão que pontua a apresentação do folguedo e silencia apenas durante a Representação da Morte.

— Cada Boi tem que ter originalidade no Toque de Tambor, diz Seu Bandeira, do Igarauçu.

Há pelo menos três toques distintos: um de ritmo ligeiro, outro mais brando e um terceiro que é mais lento. Este é puxado com três batidas da mão direita e duas da esquerda. Alguns Batalhões usam um breque, para se diferenciar. Também quanto ao uso do instrumento, há diferenças. No Igarauçu, toca-se com as mãos. Noutros, usa-se baqueta de pau.

Junto com eles, a Roncadeira. Infelizmente, a roncadeira vem desaparecendo do Boi parnaibano. Quando Secretário da Cultura, insisti com os brincantes para que retomassem a Roncadeira e propus que ela fosse um Quesito para Julgamento. Os Donos-de-Boi, depois de muita análise, decidiram que não entrasse como Quesito pois ia obrigar todos os Bois a terem Roncadeira. Isto se tornava impossível porque já não havia tempo para ensaio com ela;

os roncadores (tocadores de Roncadeira), em extinção, tinham que ensaiar muito para que o ronco não interferisse negativamente na Harmonia do Batalhão. Por isso, ela não conta ponto, mas, com certeza, dá um charme a mais em todos os Bois que a incluem.

O Apito, como o dos árbitros de futebol, é o único instrumento de sopro. É usado exclusivamente pelo Amo, enquanto os Cordões repetem as Toadas puxadas por ele.

O Maracá, instrumento chocalhante trazido dos índios (como as flechas dos Vaqueiros) é tocado também pelo Amo, complementando o ritmo dos tambores. Se houver dois Amos a se revezarem, cada um tem seu Maracá.

## Toadas e repentes

As Toadas do Boi da Parnaíba são sempre dolentes, com dois temas predominantes: o Boi e a mulher.

*Plantei cravo na roseira  
da Princesa do Jardim.  
O cravo ficou pra ela,  
a rosa ficou pra mim.* (Do Novo Dominante)

\* \* \* \* \*

*Vamos ver, vaqueirama,  
este ano eu quero ver  
a família chorar  
sem merecer.* (Toada de meia-lua)

\* \* \* \* \*

*Se despede, Rei da Boiada,  
Na casa, tu já brincou.  
Tu é o valentão guerreiro,  
mas teu dia já chegou.* (Despedida do Rei da Boiada)



\* \* \* \* \*

*Já morreu, já morreu, já morreu,  
já morreu, já se acabou.  
Quem quiser tirar retrato,  
peça licença que eu dou.* (Depois da Morte do Boi)

\* \* \* \* \*

De pouco tempo pra cá, surgiram as toadas que louvam a cidade e outras que contam passagens de sua História. Aí vão trechos de algumas.

No ano 2005,  
a Parnaíba mudou  
Morena, venho lhe dizer:  
chegou meu Boi Vencedor. (Louvor à cidade)

\* \* \* \* \*

Vem ver, morena,  
Flor do Campo brincar.  
O Boi urrou na campina,  
sereia cantou no mar. (Do antigo Flor do Campo)

Pelas Toadas, um Boi sempre se renova. Dificilmente se repete. Todo ano há novas Toadas. Nisso, o Boi se distancia muito do Pastoril, do Reisado e da Marujada, que brincam anualmente com as mesmas jornadas: mesmas melodias e mesmas letras. No Boi de São da Parnaíba, a cada ano, aparecem novas melodias e letras. Mas a tendência atual é de repetição. Amos andam meio preguiçosos para compor Mas sente-se uma tendência de perda gradativa de Toadas com sentido poético, como aquelas antigas.

## Representação da morte

É o miolo do folguedo. A razão de ser do Boi. No Boi de Pernambuco, que não tem Cordões, o drama da Morte é quase a totalidade do folguedo, que chega a durar sete, oito horas, sem interrupção, numa assustadora sucessão de personagens com diálogos de humor beirando o absurdo. Já no Boi de São João da Parnaíba, a Representação da Morte não dura mais de meia-hora inserida no miolo da brincadeira. Começa cerca de meia-hora depois da chegada do Boi e depois que termina, com o Boi vivo de novo, o Batalhão se despede e dá por encerrada a brincadeira naquela casa.

A Representação da Morte é feita com a participação de todos os brincantes. É o momento em que cada personagem mostra sua razão de estar ali e desempenha seu papel. O Amo deixa de ser o Mestre de Cerimônia e se assume como Dono da Fazenda, senhor e patrão de todos os caboclos, vaqueiros e agregados.

Aí vai um trecho de uma Representação da Morte, colhida por alunas do 3º Ano Pedagógico da Escola Normal de Parnaíba, em 1984, sob orientação da diretora Maria Cristina Moraes Souza de Oliveira, da coordenadora pedagógica Analina Machado e das professoras Nazareth Pires, Célia Ponte, Joseíra Cordeiro, Benedita Aguiar e Miriam Magalhães. O estudo foi publicado em forma de apostila com o título *O Piauí no Folclore Brasileiro*. Embora não cite o nome das alunas pesquisadoras, designa o brincante que lhes descreveu a Representação: Pedro Wilson da Rocha Silva, de 17 anos, morador dos Morros da Mariana.

(*O Amo canta.*)

**AMO**

— Te prepara, Nego Chico.  
Escuta aqui o que lhe vou falar.  
Acertar no meio da testa.  
Quero ver a bala entrar. (Bis)

Rio Brillhante é valente.  
Quando pega, quer matar. (Bis)

**VAQUEIROS** — Tu olha, morena, vem ver.  
Vem ver como tudo mudou. (Bis)

*(Nego Chico atira e derruba o Boi.)*

**VAQUEIROS** — Ai, ai, ai, senhor meu Amo,  
Nego Chico me atirou.  
Me atirou bala de chumbo.  
Ai, meu Amo, ai, meu Amo e nada me pegou.

*(Quatro Vaqueiros ficam aboindo em volta do Boi morto. Dirigem-se a Nego Chico e cantam.)*

**VAQUEIROS** — Boa noite, Pai Francisco.  
Como vai, como passou.  
Eu vim te buscar preso  
porque meu Amo mandou.  
  
Nego Chico, quem tu eras,  
pois tu eras meu amigo.  
Matou Riso Brillhante  
criou um grande perigo.

**CHICO** — Vaqueiro, diz teu Amo,  
que agora eu não vou não.  
Que eu tenho na mão uma cravina  
e na cintura um bom facão.  
  
Vaqueiro, diz a teu Amo  
que agora eu não vou lá,  
nem que me leve preso,  
nem que morra de apanhar.

**AMO** — Ei, vem cá, Vaqueiro.  
Ei, vem me contar. (Bis)

O que foi que o Chico disse,  
ei, Vaqueiro, ei Vaqueiro,  
que eu mando buscar. (Bis)

**VAQUEIROS** — Ai, ai, ai, senhor meu Amo,  
Amo do meu coração. (Bis)  
O Chico mandou dizer  
ai, meu Amo, ai, meu Amo  
que não vem, não.

**CORDÕES** — Ai, senhor, meu Amo,  
Nego Chico me atirou.

**AMO** — E tu vai lá Vaqueiro  
E tu vai reparando  
Olha lá que Nego Chico  
tá na porta te esperando.

(*Cordões repetem.*)

**CABOCLOS** — Boa-noite, Pai Francisco.  
Como vai, como passou?  
Eu vim te buscar preso.  
Foi meu Amo quem mandou.

**CORDÕES** — E tu vai lá Vaqueiro  
E tu vai reparando  
Olha lá que Nego Chico  
tá na porta te esperando.

**CHICO** — Caboco, diz a teu Amo  
que agora eu não vou lá  
nem que me leve amarrado,  
nem que eu morra de apinhar.

**CORDÕES** — E tu vai lá Vaqueiro  
E tu vai reparando ...

*(Caboclos apontam a lança no peito do Chico)*

**CABOCLOS** — A ponta da minha lança  
tem largura de três dedos  
para flechar o Nego Chico  
na veia do peito esquerdo.

**CORDÕES** — E tu vai lá Vaqueiro  
E tu vai reparando...

**CHICO** — Eu não gosto de caboco,  
nem que seja meu parente.  
Caboco tem uma moda  
de fazer vergonha à gente.

**CORDÕES** — E tu vai lá Vaqueiro  
E tu vai reparando...

**CABOCLOS** — Nego Chico tu te entrega,  
deixa de tanta façanha  
que um valentão é pra outro  
e você comigo não ganha.

**CORDÕES** — E tu vai lá Vaqueiro  
E tu vai reparando...

*(Pegam o Chico e o levam ao Amo.)*

**CABOCLOS** — Aqui Chico, meu Amo,  
Nego Chico valentão.  
Trouxemos ele amarrado  
peado de pé e mão.

**CORDÕES** — E tu vai lá Vaqueiro  
E tu vai reparando...

**AMO** *(a Chico)* — Te retira, meu caboco  
procurando teu lugar

pois é de lá que o Nego Chico  
vai me pagar.

**CORDÕES** — E tu vai lá Vaqueiro  
E tu vai reparando...

*(Param o toque e o canto. Vem o diálogo.)*

**AMO** — Nego Chico, tu vai me dizer por que razão tu teve de matar meu boi.

**CHICO** — Ora, senhor meu Amo, minha mulher Catirina está muito doente e desejou a rabada do boi. Disse que se comesse a rabada do boi ficaria boa. Então carreguei a espingarda e mandei fogo na testa dele. Só isso.

**AMO** — Agora me diz o que tu vai fazer porque eu vou querer esse boi vivo agora.

**CHICO** — Agora?! Mas agora eu não posse, eu não sei como se tira a bala da testa de um boi.

**AMO** — Eu não quero saber. Eu só quero ver meu boi dança. Quero ver ele vivo, vivinho. Dá um jeito. Manda chamar o Doutor.

**AMO** *(Canta)* — Doutor, doutor,  
você me faz um favor  
de receitar o meu boi  
que o Nego Chico matou.

*(Cordões repetem. Entra o Doutor. Chico e Catirina conversam com o Doutor.)*

**DOUTOR** — O que é que ele tem?

**CHICO** — Tem rabo, chifre, orelha tem.

**DOUTOR** — Eu quero saber o que ele sente. Qual o tipo de doença?

**CHICO** — Doutor, ele sofreu um acidente muito grave. A Catirina estava com vontade de comer rabada de boi e eu pum, pum, matei

o boi. E agora chamei o senhor para receitar o boi. O que é que é bom, seu doutor?

**DOUTOR** — Vou dizer.

**CHICO** — Sim. Diga.

**DOUTOR** — Você me pega um dente de pulga e um dedo de muriçoca. Coloque no sal, quando estiver sequinho faça o chá e dê pra ele tomar. Aí é só esperar.

**CHICO** — Doutor, muito obrigado pela receita. E se não der certo?

**AMO** — Não valeu, não valeu  
A receita do meu boi  
Nego Chico vai pagar.

*(Cordões repetem.)*

(.....)

*(Resolvem tirar a língua do boi como única solução.)*

**CORDÕES** — O sereno tá caindo  
nas ondas do mar.  
Nego Chico tira a língua  
se tu quer tirar.  
Tira a língua do boi  
Nego Chico  
pra amanhã tu almoçar.

*(Palhaçada. Caem. O Boi se levanta.)*

**AMO** — Lá no pé da roseira  
papagaio anunciou  
Morena tu tá chorando  
apaixonada de amor.

*(Vão vender a língua do boi para o dono da casa.)*

**CORDÕES** — Veja o meu boi

Canário da areia se levantou.  
Meu Boi Brilhante levantou.  
Água do mar balanceou.

Como não se trata de uma peça de teatro escrita por um autor, mas uma composição oral com tema e diálogo passados de pai para filho e de brincante para brincante, secularmente, a Representação da Morte é uma sequência de diálogos a partir do fio da trama. Modifica-se, portanto, de Boi para Boi. O que se viu acima foi o diálogo cantado entre Amo e Cordões e, a seguir, o diálogo da Catrevagem. Cada Boi faz a seu modo. Primeiro, chama os diversos personagens para a investigação até descobrir quem matou o Boi. Só depois, faz-se a cura (ou ressurreição) do Boi. O brincante Wilson deve ter saltado esse início ou não se fazia no seu Batalhão. Cada Boi teu seu jeito de fazer a Representação da Morte, mas sempre o cômico e o dramático se misturam: o sofrimento do Amo e seu desejo de ressurreição entremeados com as palhaçadas da Catrevagem.

## Nomes de Boi

— Ah, era muito nome de Boi! Todo ano mudava.

Assim me fala Claudiano, dono do Novo Vencedor e do Mirim Novo Dominante. Filho e neto de Donos-de-Boi, no Catanduvás, Claudiano relembra o Montenegro, que virou Preto Mimoso, que virou Rei das Campinas, Campina Verde e outros até chegar aos dias de hoje. O nome sempre estampado no lombo do Boi. É uma tradição antiga e que faz com que se saiba qual Boi estão brincando e que seja reconhecido mais tarde em fotografias. O nome na lombada equivale à marca gravada a ferro na traseira da rês viva para assinalar sua origem e seu dono.

Os nomes de Boi na Parnaíba sempre seguiram as mesmas tendências temáticas, já tradicionais, que podem ser de lembrança campestre e floral: Campina Verde, Flor do Campo, Rosa Brilhan-



te, Cravo de Rosa (do Riba, de Santa Luzia), Amor do Campo (do subúrbio Curre), Lírio do Campo, Flor do Lírio; de valorização pela beleza: Mimoso, Formoso da Ilha, Preto Mimoso, Lindo Amor; de referência à vocação noturna: Brilho da Noite, Riso da Noite (do Zé Artério, dos bairros mais altos); de valor precioso: Ouro Preto, Prateado, Diamante Negro (do Chico Grajiola, filho do seu Conceição e dona Chiquinha, nos Tucuns); de superioridade: Realeza, Rei das Campinas, Rei Montenegro, Rei da Boiada; de orgulho pelas vitórias alcançadas: Novo Vencedor, Novo Dominante; de alusão ao renascimento de Bois anteriores: Novo Fazendinha, Novo Ano; com referências celestes: Sol Brilhante, Estrela do Norte (do Neto, que também botava circo). Raros fazem referências geográficas: Igarapu e Brilho do Delta. Nos últimos anos, em alusão aos Bois de Parintins, têm aparecido Bois com nomes que fogem às tendências tradicionais, por aproximação com os bumbás de Parintins, como o Garantido, mirim do Catanduvas.

## Meia-lua

É uma saudação. Um rito solene de cumprimento com dois significados, um de passagem e um de despedida. Não dura mais que dois ou três minutos. O Batalhão chega diante da casa, os Cordões nas laterais com o Boi e a Catrevagem no centro e, cantando uma Toada fazem uma evolução circular passando um Cordão pelo outro e está feita a Meia-lua. Desfaz-se então o círculo, o Boi toma a frente e todo o Batalhão segue rua afora. É um cumprimento do Boi aos donos de casa que merecem a reverência.

Na tarde da Morte do Boi, como parte do ritual, o Batalhão passa pelas casas em que brincou naquele ano para se despedir. É chegar e fazer a Meia-lua. Só então, depois das Meias-luas em cada casa, o Boi está pronto para o sacrifício final.

## Licença

Nos tempos antigos, os nossos Batalhões precisavam de licença policial para brincar pelas ruas da Parnaíba. Era assim também com os Marujos, que tinham, em primeiro lugar, de apresentar-se perante o Capitão dos Portos. O Boi dependia de licença do Delegado de Polícia, conseguida com uma passagem pela porta da Delegacia, onde fazia um curto ritual hoje desnecessário, ofuscado pelo tempo, pelo crescimento da cidade pelas mudanças de costumes.

Nos anos 1950, a Delegacia de Polícia era situada na Rua Conde d'Eu, entre a Rua Grande e a São Vicente de Paulo. Era este o primeiro endereço, obrigatório, de todos os Bois. Todos ganhavam a rua pela primeira vez na Noite de São João, noite carregada de misticismo, poder divinatório e de animação em todo o Nordeste. Nesse dia, 23 de junho, os brincantes vestiam a farda do Boi pela primeira vez. Cada um ocupava seu lugar no Batalhão e o Boi, numa carreira vertiginosa, rumava prá Delegacia a fim de obter a Licença. Com o Delegado e a soldadesca à porta, o Boi chegava e fazia a Meia-lua cantando um “boa-noite”. O dono do Batalhão se apresentava às autoridades, dava seu nome, endereço, o nome do Boi com o número de brincantes e recebia um documento que o autorizava a brincar com o seu Batalhão. Ao mesmo tempo que aquele Boi recebia sua liberação, a Polícia o cadastrava em seu fichário, mantendo consigo os dados referenciais de todos os Bois da cidade. Qualquer Batalhão que fosse flagrado em infração e não tivesse a Licença consigo terminava na Delegacia. Qualquer arruaça ou rusga, o Delegado sabia a quem procurar. Um Boi clandestino sofria, por certo, punições piores, mas disso não encontrei notícias seguras.

Com o crescimento da cidade, a antiga Delegacia se distribuiu em distritos por diversos bairros. Os Bois passaram então a buscar a Licença diante do distrito correspondente ao bairro de origem de

sua origem. Depois, lá pelo meado dos anos oitenta, desfez-se essa exigência. Para isso, deve ter influído a diminuição e a extinção de violência entre Bois Contrários quando se encontravam.

## Pelas ruas, pelas casas

A principal tradição do Boi de São João e sua finalidade primeira é brincar para um público que o veja. Não existe teatro sem público; nem circo, nem qualquer outro espetáculo. Mas o Boi não espera o público; vai a ele e o pega em sua própria casa. Chamado pelo dono da casa, o Boi vai à sua porta e ali, seja terra, calçamento ou asfalto, brinca e se exhibe. Parece que pouco se importa com aplauso. É o mais profissional de todos os folguedos brasileiros. Quer dinheiro; quer paga. Não passa o chapéu, como artistas de rua; recebe pagamento estipulado previamente. Os brincantes da Catrevagem, porém, entregam a pessoas do público um lenço para recebê-lo de volta contendo algum dinheiro. É uma forma de gratificação típica do Boi da Parnaíba.

Nos velhos tempos, cada Batalhão era seguido de casa em casa por um bando de mulheres, vendedoras de laranja, cachaça, tapioca... Quando o Boi se despedia e partia, elas seguiam atrás, com a banca na cabeça e uma lamparina de querosene acesa. Era uma lamparina que não se apagava nunca e sempre me deixava cabreiro porque não se apagava, mesmo ao vento. Me diziam que elas botavam sal no pavio. Até hoje não sei.

## A brincadeira

A apresentação de um Boi é tida por brincadeira entre os brincantes. Um divertimento. Seu espaço de representação tradicional é o terreiro ou a rua em frente a uma casa de família. Contratado pelo dono da casa, o Boi, embora não seja tão pontual, é quase sempre pontual. Se marcar hora, chega na hora ou um pouquinho

depois. A família, seus convidados e vizinhos sentam-se em cadeiras na calçada e ali estão espaço e público à espera do Boi. Quando ainda ao longe, escutam-se o toque dos tambores e o ronco do Boi. É como se os brincantes já viessem com a função começada. Ao chegar, postam-se os dois Cordões nas laterais, delimitando a arena de representação, sem nenhuma parada para o início. É chegar e já está começada a brincadeira. Sucedem-se as toadas puxadas pelo Amo e repetidas (ou dialogadas) pelos Cordões enquanto o Boi brinca no centro rodeado pelos pícaros da Catrevagem. Os cômicos escolhem assistentes da platéia, gente que lhes pareça que tenha dinheiro e colocam em seu ombro um lenço, que deverá ser recolhido depois com algum dinheiro dentro. De repente, Pai Francisco dá um tiro de espingarda, tiro certo, e o Boi cai morto. É o começo da Representação da Morte, em que se faz a investigação sobre o matador e a luta pela cura do Boi que, por fim, ressuscita, para alegria de toda a fazenda e do Batalhão. Os cômicos correm aos assistentes para recolher o lenço com o dinheiro que tenham ali depositado enquanto a Vaqueirama cantam a despedida e o Batalhão segue rumo a outra casa.

## No meio da noite, os contrários

Se, atualmente, existe rivalidade entre alguns Bois, isso diz mais respeito a vitórias e derrotas no Campeonato anual do que propriamente aversão e ojeriza. Nenhum Boi de hoje odeia qualquer outro, mas não posso esquecer que é possível alguma exceção. No entanto, tempos atrás, a rivalidade era tão intensa que chegava à agressividade e à violência. Entre uma casa e outra, ou quando os Bois retornavam, alta noite, se acontecia de dois Contrários se encontrarem a rixa de rivalidade era ali mesmo decidida no corpo a corpo. Eram dois grupos de machos que se engalfinhavam e nenhum dos dois corria. Depois de começada, a pancadaria comia

solta; quem pudesse que se salvasse, antes que tudo terminasse na delegacia ou no hospital. Ou nos dois. Dia seguinte, a cidade sabia do acontecido; cada bairro amargava suas perdas ou cantava as vitórias. Por isso, a Delegacia tornou obrigatória a Licença para cada Boi. Era o único meio de pelo menos amedrontar brincantes tão violentos. Ficou na memória popular a lembrança de um brincante que, com sua lança de Caboclo Real, partiu a cabeça de um brincante de Boi Contrário, e até hoje conta-se no Catanduvas a violenta rivalidade entre o Montenegro e o Nacional, os dois Bois do próprio bairro, com membros da mesma família brincando nos dois. Certa madrugada, os dois se encontraram e a briga foi tão feia que envolveu todos os brincantes do Nacional e do Montenegro. Todos, todos, entraram na briga.

Essa violência foi arrefecendo com o crescimento da cidade. Os Bois foram deixando de percorrer as ruas noite adentro. A partir da década de oitenta, começo de noventa, com o advento dos Campeonatos, a rivalidade começou a se transformar em competição pela conquista de prêmios foi deixando de lado o recurso da violência. Nesse processo, foi importante a atuação do Batista do Catanduvas. Em 1999, seu Boi, o Rei da Boiada, sofreu uma cisão que resultou em dois Bois: o do Cláudio Neres (Novo Vencedor, conhecido como Boi dos Morenos) e o do próprio Batista, que manteve o nome de Rei da Boiada, o Boi dos Mosquitos). A rivalidade já começou forte, mas sem violência física. Em 2000, o Rei da Boiada ficou em 3º Lugar e o Novo Vencedor ficou em 2º. Sentindo-se superiores, os Morenos ironizaram os Mosquitos. No ano seguinte, aconteceu o contrário. Até que o Batista conseguiu que os dois Bois brincassem juntos e foi uma festa só. Hoje, já é comum que dois Bois binquem ao mesmo tempo no mesmo terreiro, com os dois Amos se revezando na cantoria. E é bonito de ver.

## Deoclécio e o Boi do Deoclécio

Nos anos quarenta e cinquenta, alguns Donos-de-Boi foram muito respeitados entre os brincantes, como Adrião e Sebastião, do Catanduvás e como um certo Macaé. Mas desse Macaé pouco ficou na memória dos mais velhos. Nenhum Dono-de-Boi, porém, foi mais conhecido na Parnaíba era o Deoclécio, e não só entre brincantes, mas em toda a cidade. Deoclécio era um soldado da Polícia Militar, nascido em Piracuruca. Servindo na Parnaíba, tornou-se uma espécie de *promoter* de danças populares. Além do Boi, fazia também o Congo, em que dançavam mulheres vestidas de saia muito larga e rendada. Ou eram homens vestidos de mulher?

O Congo brincava no quintal da minha casa, mas é um folgado totalmente extinto.

Dançava no quintal da minha casa, mas não lembro.

Além de Dono-de-Boi, Deoclécio era o mais popular de todos os soldados.

— Ele entrava em tudo, o Deoclécio.

Assim me conta o Edgar, antigo morador dos Tucuns.

— Gostava mesmo era de movimento. Em todo lugar com jeito de festa, botava banca de caipira, aquele jogo de aposta com dados sobre uma toalha de quadrados numerados de 1 a 6. Por algum tempo, teve roleta e jogava em mesas de pif-paf. Mas não era brabo, nem soldado de andar prendendo a torto e a direito. Ninguém guardava raiva dele. Em algumas confusões lá pela Munguba, chegava até a dizer: “rapaz, coopera”. No entanto, contam as más línguas que, quando Deoclécio queria uma certa mulher, prendia a dita-cuja e se utilizava dela na delegacia. Ou então, dava-lhe liberdade, para que ela se sentisse agradecida por esse favor. A recompensa viria depois.

No Boi, ele fazia o Amo, mas foi como “Dono-de-Boi” que Deoclécio incorporou-se ao folclore da cidade. Era um Boi que saía

tarde da noite. Não era daqueles que às sete horas já estivesse roncando na rua. Contam que, certas horas, para fazer gracejo com o dono-do-Boi, o Batalhão cantava:

“Eu tô no teu, Deoclécio.  
Eu tô no teu, Deoclécio.  
Eu tô no teu, Deoclécio.”

Quando ele se deu conta da gaiatice parou o brinquedo e perguntou aos brincantes:

— Que conversa é essa de *eu tô no teu, Deoclécio*?

E todo mundo disse que era brincadeira, significando: *eu tô no teu Boi, Deoclécio*.

O Boi do Deoclécio era um Boi com fama de muito bem vestido e ornamentado. Daí gerou um dos ditados mais populares da cidade. Bastava que alguém aparecesse muito bem vestido para que se dissesse: “Está mais enfeitado do que o Boi do Deoclécio”. É um dito que permanece até hoje, muitos anos depois da morte do soldado. A memória do seu Boi, porém, desapareceu pela falta de registro e de memorialistas. Indaguei de muita gente acima dos setenta anos de idade e ninguém lembrou-se do nome do “Boi do Deoclécio”. Alguns me disseram que se chamava Carinhoso, mas sem convicção.

## Três berços, três celeiros

Tucuns, Catanduvras, Fazendinha: nesses três bairros sempre houve brincantes e sempre se botou Boi, há muitos anos.

Embora não haja estudo nem reflexões a respeito do Boi parnaibano, muitos curiosos costumam se perguntar onde nasceu o Boi e, mesmo não tendo fonte segura, terminam por afirmar que foi na Fazendinha, um bairro da Ilha de Santa Isabel, que tem a Rua Evangelina Rosa como artéria principal. Nenhum deles, porém, fornece a fonte dessa afirmação e, mesmo assim, dão-se por satisfeitos.

Quantos anos tem o Boi da Parnaíba? Dizem os brincantes do Catanduvas, descendentes das mais antigas famílias de Donos-de-Boi, os Santos e os Neres, que o nosso Boi deve ter uns oitenta ou noventa anos. O cálculo é feito pelo ano de nascimento dos seus avós que, para eles, são os mais antigos Botadores-de-Boi. Mas não se tem notícia concreta a respeito do ponto da cidade, do Município ou da Vila, em que se fez o primeiro Boi. Quando estudiosos de renome nacional afirmam que o Bumba-meu-boi vem do século 18, ou seja, do período em que eram muitas e vastíssimas as fazendas de gado no Piauí, deixam margem para que se deduza ser possível que o Bumba-meu-boi, no norte da Província do Piauí, possa muito bem ter tido origem também naquela mesma época. Tal dedução é possível porque a Vila de São João da Parnaíba era, no final do século 18, o mais importante centro nordestino de exportação de carne-seca. O Boi aqui era figurinha diária. Todo dia matavam-se centenas de bois.

Por que então não supor que o Boi da Parnaíba tenha nascido bem antes do século 20? Uma vez que não há registro e sabendo-se que havia ambiente para tal criação, torna-se possível. Mais ainda ao percebermos que nas primeiras décadas do século 20 o Boi era já uma realidade marcada pela tradição. Em 1920, os ascendentes de Claudiano Neres e de João Batista dos Santos Filho já botavam Boi na rua. E era Boi bonito de ver: Batalhão completo, com Catrevagem e tudo.

Botar um Boi nesses três bairros tornou-se uma tradição que parece inquebrantável. Nenhum dos seus moradores se conforma se o seu bairro passar um ano sem Boi. Atualmente, cada um deles veste dois Batalhões, um de adultos e um de crianças.



## O Boi nos Tucuns

É um dos bairros mais antigos da cidade. Lá pelo final dos anos noventa e cinquenta, trocaram seu nome secular e passou a ser oficialmente chamado Bairro São José, em honra ao santo da Igreja ali construída no final dos quarenta. Mas a imposição do novo nome ainda não fez com que o nome original fosse esquecido. Por isso, aqui, será citado mais como Tucuns que São José.

Dos bairros antigos, é o mais unido ao Centro Histórico da cidade. Bairro de beira de rio e cais de porto; o mais fluvial entre todos, intimamente ligado à navegação pelo rio Parnaíba. Bairro que sempre foi de gente brincante. Há oitenta anos, faziam nos Tucuns as Pastorinhas, na época do Natal, cantando louvores ao Menino Deus nas jornadas a caminho de Belém. Por muitos motivos, as Pastorinhas sumiram do nosso mapa de folguedos, como os Marujos. Já nos dias de hoje, na época junina, vem se tornando tradicional uma quadrilha formada somente por homens, a metade vestida de mulher, dançando na rua, à moda tradicional do anavantu e anarriê. Também desde tempos remotos, brinca-se Boi nos Tucuns. Se o Boi tiver surgido há mais de cento e cinquenta anos ou no século XVIII, é então possível que tenha surgido nesse bairro, pois, nessa época, havia matadouros nos Tucuns. Claro que é possível.

E há muitos anos ninguém dos Tucuns admite que o bairro passe um ano sem Boi. Nos anos noventa e noventa, o Bairro foi Campeão muitas vezes, com o Mirim Cravo de Rosa, do João Piranha, Campeão em 97, e com os adultos Tira Fama, do Manuel Diniz, e o Realeza, também do João Piranha. No terceiro milênio, o bairro já foi tetra-campeão, com o Lírio do Campo, de 2001 a 2004, além do Mirim Prateado, que foi Campeão em 2004.

## O Boi na Ilha

Como as lagoas do Portinho e do Bebedouro, a Ilha de Santa Isabel é um dos recantos mais belos da Parnaíba. Poucos lugares do Nordeste se compõem de um sistema ecológico tão variado. Do delta do Parnaíba, esta Ilha é a maior e a única que pertence ao Estado do Piauí. Todas as demais estão situadas no Maranhão.

Com vasta área de praia, dunas, mangue, igarapés e carnaubais, a Ilha se faz bem diferente do núcleo urbano da Parnaíba. Com vegetação nativa de carnaubeiras, aí aprimorou-se um dos mais belos artesanatos de palha e de renda de almofada. São também seculares e famosos os cajus do Labino, região antigamente despovoad a meio caminho do centro da Parnaíba e da Praia da Pedra do Sal. Durante as grandes enchentes do Rio Parnaíba, a Ilha é invadida pelas águas, que derrubam casas e deixam parte da população ao desabrigo. Nessas épocas, os carnaubais continuam virentes, mesmo dentro d'água, numa paisagem de beleza passageira.

Hoje, como antigamente, a Ilha continua campestre. Quando menino, muitas vezes me levantava de madrugada para atravessar o rio com meu pai. Do outro lado, seguíamos a pé até ao curral de não-sei-quem para tomarmos leite mungido, que é como chamamos o leite acabado de ser extraído. Pois nessa Ilha de minhas lembranças pode também ter nascido o Boi de São João. É possível, pois é um dos mais antigos celeiros de Boi. De um dos seus Bairros, a Fazendinha, sempre saíram Bois que atravessam o Rio para brincar nas noites da Parnaíba. E os Bois da Fazendinha sempre foram dos mais belos.

Hoje, a Ilha brinca com dois Bois: o Mirim Novo Ano e o Novo Fazendinha, de nome quase lendário. Em 2005, cada um sua categoria, os dois foram Campeões no Arraial de São João da Parnaíba.

## Boi no Catanduvas

Durante todo o século 20, o Catanduvas nunca deixou de ter Boi. Seus brincantes arvoram-se o direito de afirmar que ali nasceu o Boi da Parnaíba. É mais do que possível. E ninguém pode contestar. Nem provar. Mais atrevido, chego a dizer que ali pode ter nascido o bumba-meu-boi, folguedo brasileiro nascido do Ciclo do Couro.

Duas famílias são os mais antigos botadores de Boi da cidade, ambas do Catanduvas: os Neres, conhecidos no bairro como Os Morenos, e os Santos, chamados Os Mosquitos. Juntos, no início, os chefes das duas famílias botavam Bois Contrários, mas cada um com membros das duas famílias. Ficaram famosos o Montenegro e o Nacional, tidos como os Contrários de maior rivalidade na história da nossa boiada. Depois as famílias de juntaram num Boi só, que sempre mudava de nome, sendo famoso o Rei das Campinas que depois virou Rei da Boiada.

Nas últimas décadas do século 20, imperava o Rei da Boiada, mantido por dois descendentes dos velhos troncos das duas famílias: o Claudiano, dos Morenos, filho de João Neres de Souza, e o Batista, dos Mosquitos, filho de João Batista dos Santos, conhecido por João Peinha, tido por muita gente como o melhor Amo que a Parnaíba já teve. Com eles, unidos, o Rei da Boiada foi muitas vezes Campeão até que, em 1997, Claudiano resolveu se tornar independente: desligou-se do Batista e criou o Novo Vencedor e o Mirim Novo Diamante. Sozinho, o Batista continuou com o Rei da Boiada e o Mirim Garantido. As duas famílias voltaram a ter Bois Contrários, mas se cisão enriqueceu o número de Bois da Parnaíba, nunca mais o Catanduvas voltou a ter um Boi Campeão.

## Fora dos celeiros

Além daqueles celeiros, mesmo antigamente, fazia-se Boi em algum subúrbio. Nos últimos trinta anos, com a expansão da cidade e o aparecimento de novos bairros, passaram a se formar Batalhões novos, com novos donos. Na Parnaíba de hoje, além de um Batalhão em Rosápolis, botam-se Bois no Pindorama, no Bairro Piauí, São Vicente de Paulo, João XXIII e Sabiazal. Alguns são Batalhões novos, outros, foram formados por velhos Botadores-de-Boi, como o Igaracu, o Boi do Bandeira, que mora no Bairro Piauí. O incentivo à criação de Bois em tais bairros, sem tradição do brinquedo, é essencial para a permanência do Boi vivo, continuamente recriado e com novos e jovens brincantes.

## A Morte em cinquenta

Do final de junho ao final de julho ou começo de agosto, o Boi brincava na Parnaíba todas as noites. Todas as noites morria e ressuscitava tantas vezes quantas fossem as casas em que se apresentasse. finalmente, depois de um mês de brincadeira, chegava o dia da Morte do Boi, a morte definitiva. Depois, o Boi só voltava no ano seguinte.

A notícia da morte de um Boi, nos anos cinqüenta, corria toda a cidade, uma cidade de trinta mil habitantes. E era sempre numa tarde de sábado. Uma delas a que assisti, me deixou marcado para sempre pela beleza do espetáculo e seu espírito dionisíaco. Aí vai trecho do que escrevi para o *Jornal do Comércio*, de Recife, em 1968, sobre uma tarde de Morte de Boi.

Quando cheguei, a área estava cercada com cordas, deixando aberta apenas uma porteira. Era o curral, um campo enfeitado com bandeirinhas de papel de seda com as estacas recobertas com o mesmo papel. Ali, ia morrer o Rei das Campinas, um dos

mais tradicionais Bois da Parnaíba. Em volta do cercado, atrás das cordas de isolamento, uma pequena multidão pouco a pouco tomava lugar, ficando mais para trás os vendedores de laranja, pipoca, bombons, bolos e doces feitos em casa, numa espera pela chegada do Boi, lá pelas quatro horas, pois o Rei das Campinas andava se despedindo das casas em que havia dançado. Diante de cada uma, fazia a meia-lua dançada pelos Caboclos e Vaqueiros cantando as toadas de despedida, “até para o ano”, com a promessa de voltar no ano seguinte. Assim, aquele cortejo de brincantes percorria as ruas da Parnaíba, acostumada já, de muitos anos, às danças e piruetas do Boi e da Burrinha, às correrias do Folharal, do Cazumbá e da Catirina, às cantigas e danças de tantos Caboclos e Vaqueiros. Era a única vez em que o Boi saía durante o dia, a tarde de sua morte. Estouram ao longe os foguetes e começa a correria pra junto das cercas do curral para pegar lugar. Eram operários das fábricas de sabão; dos armazéns do cais do porto; empregadas domésticas que, desde cedo deixaram suas cozinhas arrumadas; magarefes e açougueiros; vendedores de frutas e hortaliças no mercado; garçonetes e tantas empregadinhas de lojas e pequenos escritórios e mais a meninada. Dos ricos, só uma miúda parcela que subiu na capota dos seus carros para, do alto e de longe, espiar as estripulias.

O Boi aparece ao longe. Quase vertical, correndo em pé, brinca como se não soubesse do que o espera. Com ele, os cômicos da catrevagem e, bem mais atrás, os dois cordões de vaqueiros. O boi aparece, muito à frente dos Vaqueiros e dos Caboclos Reais. Sua entrada no curral é festiva e grandiosa: palmas, foguetes, gritos. O Boi esturra, corre, muge, persegue. Está começado o espetáculo.

Mesmo sabendo da morte próxima, os brincantes encontram nessas últimas brincadeiras um prazer e um contentamento superiores ao próprio sacrifício. A alegria, a partir daí, é geral, contagia qualquer espectador. Dentro da arena, começa um longo ritual de despedida, em que o grupo de Caboclos Reais e, depois, os Vaqueiros, se põem a brincar com o Boi. E o Rei das Campinas afinal parece compreender que esse mimo é anúncio da morte. Mesmo assim, entrega-se, respondendo com evoluções, ora rastejando os chifres na areia, ora matreiro, acompanhando

a dança diferente dos seus matadores. Os brincantes se revezam no curral. Os que ficam de folga, fora da arena, vão à banca mais próxima e bebem goles rápidos de cachaça ou tiquira.

Já os agrados ao Rei das Campinas vão se tornando mais sérios, passando a ataques. É quando o Boi compreende que está sendo perseguido. Beira à fúria e começa a avançar contra os perseguidores, para defender-se. As lanças de madeira dos Vaqueiros estalam nos chifres do Boi. A Catirina, o Folharal, o Cazumbá e a Burrinha correm por todos os lados, ao redor dele, e saltando, puxam-lhe o rabo com grosseiras e patéticas investidas. O Rei avança também contra o público, afasta-se dos Vaqueiros e torna a avançar. Num canto, músicos são jogados ao chão. O Boi desvairia numa dança alucinada; encontra a porteira aberta, desembestado, foge em campo livre quando entram em cena vaqueiros de gibão de couro montados em cavalos reais a persegui-lo. Tentam agarrá-lo pelo rabo, pelos chifres, a fim de trazê-lo de volta ao curral da morte.

Com a fuga do Boi, a correria na platéia tinha sido geral. Mas continua o espetáculo, o animal exausto, exausto o homem que por dentro executa as danças, sendo revezado a cada instante, até que chega a morte, o tiro certo, o sangue escorrendo, manchando a arena. Começa então o testamento das partes do Boi, que é es-traçalhado sem piedade. Suas partes são distribuídas. E a cachaça passa a correr livre noite adentro. Bebe-se o sangue do Boi.

Dois a dois, os Caboclos Reais se despedem do Boi, com suas lanças, dançando em torno dele, cruzando-se, seguidos pelos Vaqueiros-de-lança e pelos Boieiros, com seus chapéus de palha enfeitados com flores e espelhos.

Cantam-se as despedidas. Os Boi se vai exasperando com as brincadeiras dos cômicos. O Boi é varado por lanças e tiro de espingarda e cai no chão, morto até o ano que vem. A toada derradeira já se mistura com as cachaças dobradas que se estendem noite adentro, recordando-se o Rei das Campinas, malhado, chifres recurvados e pontudos, rodeado pelos Caboclos Reais e Vaqueiros, Catirina, Cazumbá, Folharal, Burrinha.

Adeus, Rei das Campinas! Até para o ano, no próximo São João!



# *Ambiente externo*

*Um teatro vivo, com características que,  
provavelmente, só existem no Piauí.*

Rosinete Pereira, jornalista





## Prefeitura

Os parnaibanos que têm hoje idade acima dos cinqüenta anos são todos saudosos dos Bois de sua infância. Costumam dizer que em sua época de menino havia mais Bois que hoje e eram os verdadeiros Bois de nossa Cultura Popular. Dizem também que o Boi de hoje está desvirtuado devido à falta de interesse da Prefeitura e de outras autoridades competentes. Acontece que, há cinqüenta anos, havia menos Bois que hoje e a Prefeitura nada fazia por qualquer um dos poucos Batalhões existentes. No entanto, os Bois estavam na rua todo ano. Como não se fez registro, não se sabe as dificuldades por que passavam os Donos-de-Boi para vestir seus Batalhões. Certo é que os Bois saíam e não pairava sobre eles nenhum perigo de extinção.

Com o tempo, começaram a crescer os percalços a serem vencidos por Donos-de-Boi e de Marujos. Os preços de vestimenta passaram a se avolumar e ultrapassaram as poucas posses de cada brincante e Botador-de-Boi e de Marujada. Os Marujos se acabaram e seu retorno ficou ainda mais difícil com a morte recente de Seu Batista, o último líder de Marujada na Parnaíba.

E de tal modo cresceram as dificuldades financeiras que os Bois da Parnaíba estão hoje presos à Prefeitura Municipal, sem a qual é quase impossível que algum Batalhão se vista. E de modo mais ostensivo, os nossos Bois são ignorados pelo Governo Estadual. O desprezo da Empetur (empresa governamental encarregada de fomentar o turismo no Estado) tem sido tanto por falta de conhecimento como por desprezo mesmo.

A Prefeitura é, pois, o único órgão que “faz alguma coisa” pelo Boi. E essa “alguma coisa” é apenas realizar o Campeonato de Bois, no Arraial de São João da Parnaíba que, desde 2001, vem sendo realizado na Esplanada da Estação. No final do Campeonato, concede prêmios em dinheiro aos vencedores. Fora isso, neca de pitibiriba. Os Bois que participam do Arraial e não se classificam entre os cinco primeiros nada ganham; amargam dívidas.

O Arraial de São João da Parnaíba foi criado como festa popular junina com apresentação de Bois e Quadrilhas. E o que seria do Arraial sem a presença dos Bois? Mas, nem mesmo para o Arraial, os Bois são procurados. Os donos têm de procurar informações na Secretaria da Cultura. Mesmo tendo se tornado a festa popular de maior amplitude, com média de seis mil pessoas por noite, e tendo os Bois e Quadrilhas como principais atrações, nem Quadrilhas nem Bois recebem tratamento de estrelas da festa. Gastam para apresentar-se; apresentam-se e a contrapartida é mínima. É durante o Arraial que se realizam os Campeonatos. Para os não classificados, sobram dívidas a pagar.

O Campeonato de Bois na Parnaíba é invenção de uns dez anos. Foi feito, no início, no Porto das Barcas; depois, na Concha Acústica (que tem péssima acústica) e, por fim na Esplanada da Estação, que é o espaço mais apropriado hoje, pois se o Arraial crescer em público há várias ruas laterais por onde se estender.

O Prefeito Paulo Eudes (2001-2004), através dos três Secretários da Cultura que se sucederam em sua gestão, estabeleceu uma ação de política cultural referente aos Bois. Foi ele quem abriu horizontes para que a Parnaíba vestisse tantos Bois a cada ano. Em seu governo, pela primeira vez, Donos-de-Boi tiveram acesso a um Gabinete de Secretário da Cultura e liberdade para falar com ele de igual para igual, exigindo dessa “autoridade” tratamento condigno e respeito à Cultura Popular que eles representam. Desprezados antes, e sequer recebidos, todos os Donos-de-Boi, hoje, sabem falar

com um Secretário e exigir que sejam escutados. Por isso, qualquer Secretário que ocupe aquele Gabinete tem de saber que todo parnaibano de boa cepa gosta de Bois e que os Boi precisam brincar. Se não brincarem, estão ociosos. Ociosos, não se pagam. Se não se pagam, não saem no ano seguinte. Se não saírem.....adeus. Tango-liá, já se acabou..

## Três Secretarias

Na Parnaíba, três Secretarias Municipais deveriam ter o Boi dentro do seu contexto de ação: Cultura, Turismo e Educação. Até hoje, porém, a Secretaria de Turismo jamais moveu qualquer palha em relação aos Bois. Nenhum secretário dessa pasta jamais conheceu ou procurou sequer um Dono-de-Boi. As vezes em que algum Boi foi levado ao aeroporto para a chegada de alguma personalidade, foi a chamado da Secretaria da Cultura. Todos os secretários que ocuparam a pasta do Turismo parecem não perceber que foi, pelo Boi, que São Luís e Parintins se fizeram nacionalmente conhecidas como pontos turísticos. Só mais recentemente os Lençóis passaram a atrair gente para o Maranhão. Antes, entre outros atrativos de São Luís, o mais envolvente sempre foi o Bumba-meu-boi. Nossa Secretaria de Turismo nunca agendou o Boi de São João em qualquer calendário anual; nem mesmo em qualquer evento municipal, pois o Arraial é criação e execução da Secretaria da Cultura.

Por sua vez, a Secretaria de Educação também nada fez para que o Boi de São João seja visto nas escolas públicas ou apreciado por seus alunos. Por iniciativas próprias, algumas professoras, em junho, fazem tarefas de criar “boizinhos” de material reciclado com seus alunos, tal como fazem as escolas particulares dos ricos. Se a Secretaria de Educação, com verba que lhe é própria, “comprasse” apresentações dos diversos Bois já estaria incentivando os Donos-de-Boi e seus brincantes; contribuindo para suas despesas.

Assim, apenas a Secretaria da Cultura tem se voltado para o Boi. De 2001 a 2004, através dessa Secretaria, o Boi esteve presente em muitos eventos, como inaugurações, festas cívicas etc. Em 2005, os Bois apareceram somente na Arena do Arraial. E não há ainda nenhum programa ou projeto de incentivo.

Os Bois, para a Prefeitura, nunca tiveram seu valor cultural devidamente reconhecido, pois não passam de “elementos” sem os quais suas festas juninas não teriam o brilho que têm. No entanto, a partir de uma apresentação do Boi, é possível dar aulas ou propor tarefas de História, de Economia (Ciclo do Couro), de Música, de Dança, de Artesanato...

## Parcela de poder

Durante três anos, tive o gostinho de um certo poder sobre a Cultura Popular da Parnaíba. Nesse período, fui Assessor do Prefeito e vivi oito meses como Secretário Municipal da Cultura, tempo que me foi suficiente para conhecer e me fazer conhecido por todo mundo da Cultura Popular. Nesse “todo mundo”, encontram-se brincantes de Quadrilhas e Bois, capoeiristas, cantores, músicos, artistas circenses (palhaços, malabaristas, acobratas e trapezistas) e grupos de forró-pé-de-serra. A minha ação, porém, se concentrou mais fortemente no apoio total aos Donos-de-Boi e seus brincantes. Percebi então como é simples lidar com artistas populares. Em nenhuma outra época, todos me disseram, os Bois foram tão vistos; contratados para brincar em festas populares, em festas cívicas e no aeroporto, como recepção a algumas personalidades. Nos desfiles noturnos e festivos do Aniversário da Parnaíba, os Bois deram um toque especial de integração à totalidade da Cultura Popular parnaibana. Com arquibancadas na Arena do Arraial, grande parcela do povo pôde assistir aos Bois brincarem na Esplanada da Estação. E pensar que encontrei funcionários que me declararam “eu não gosto de Boi!”, mesmo trabalhando na Secretaria da Cultura.

Ainda bem que permaneceu tudo o que defini como essencial em relação aos Bois: os Regulamentos para o Campeonato (escritos por mim e discutidos, refeitos e aprovados por todos os Donos-de-Boi), os Critérios para Julgamento, a arquibancada no Arraial. Insisti com todos os Donos-de-Boi para que trouxessem a roncadeira de volta como insisti para que fizessem a Representação da Morte. Mais que isso, abri um leque de diretrizes que levassem os Donos-de-Boi a falar com autoridades no mesmo nível; a se impor como representantes do que há de melhor em nossa Cultura Popular e a reivindicar alguns pequeninos direitos que, para a Prefeitura, na verdade, são deveres. Com isso, elevou-se o ânimo dos brincantes de toda a Parnaíba. Consegui que o Prefeito elevasse o valor dos prêmios a níveis jamais alcançados que, o Prefeito atual elevou mais um pouco. Só assim, os melhores Bois da cidade, exatamente os vencedores dos primeiros lugares, conseguiram se firmar e vestir-se melhor no ano seguinte.

Os Bois se tornaram mais fortes na luta para serem mais valorizados. A cada ano, vêm se vestindo melhor e com mais brilho. Muitos até fizeram o Boi voltar a roncar. E, com certeza, se eu não houvesse sido assessor do Prefeito Paulo Eudes e seu Secretário da Cultura, este livro não teria sido escrito.

## Campeonato de Bois

Essa forma de competição anual vem de alguns anos. Em 1997 e 98, os campeonatos foram realizados na Concha Acústica da Nova Parnaíba; em 99 e 2000, no Porto das Barcas e, a partir de 2001, na Esplanada da Estação, onde a festa cresceu com o belo nome de Arraial de São João da Parnaíba.

Os dois eventos mais importantes do Arraial são o Campeonato de Quadrilhas e o Campeonato de Bois. Nessa disputa, a única da cidade abrangendo os dois folguedos, apresentavam-se todos

os Bois que se inscrevessem na Secretaria, com as regras impostas pelo Secretário sem oportunidade para análise dos Donos-de-Boi. Em 2004, porém, foram feitas várias reuniões do Secretário com os Donos-de-Boi e foram então redigidos, discutidos e aprovados dois Regulamentos, um para Bois de adultos e outro para Bois de crianças, designados como Categoria Mirim.

A existência dos Campeonatos causou uma viravolta que modificou as relações dos Bois com o seu público e dos brincantes entre si: permitiu que muita gente visse várias Bois numa só noite; fez com que o público tivesse uma visão geral de todos os Bois da cidade; intensificou a auto-estima dos moradores de cada bairro cujo Boi disputa o Campeonato; fez com que muita gente de cada bairro fosse ao Arraial assistir à apresentação do seu Boi e torcer por ele; arrogou a algumas pessoas convidadas o direito de julgar os Bois (função para a qual não estão preparadas); desenvolveu entre os brincantes o espírito competitivo gerando o orgulho de Vencedor e a humilhação e revolta dos derrotados. A tal ponto intensificou-se esse espírito de competição que, numa Toada, o Rei da Boiada invoca um Santo de sua devoção com o pedido de vitória:

São Judas Tadeu,  
Santo protetor (...)  
proteja o Rei da Boiada  
e faça ser um vencedor.

Esses Campeonatos deram origem, pela premência de vitória, a uma gama de mudanças dentro do próprio brinquedo, mudanças que vêm se processando mais e mais a cada ano e que, talvez, possam mexer em tópicos essenciais do Boi.

Com o objetivo de registrar o máximo de dados para uma História do Boi da Parnaíba, seguem-se os dois Regulamentos, elaborados por mim em união com os Donos-de-Boi e que vigoram desde 2004 e por todos aprovado.

## Regulamentos do Campeonato Parnaibano de Bumba-meu-boi

### **Categoria de Adultos**

“O objetivo do Campeonato Parnaibano de Bumba-meu-boi, na categoria de Adultos, é, incentivar os brincantes parnaibanos a botarem seus Bois todos os anos fazendo com que o folgado permaneça vivo, mantendo a tradição local, revivendo figuras da catrevagem que muitos Bois esqueceram, mantendo a história da morte do Boi e, finalmente, dando chance ao povo para ver o maior número de Bois possível.

### **As Bases do Campeonato**

**1.** O Campeonato de Bumba-meu-boi, categoria de Adultos, será realizado nos dias 23 e 24 de junho de 2004, na Arena do Boi, montada no Arraial, dentro da Esplanada da Estação, tendo início às 19.00 horas.

**2.** Para participar do Campeonato de 2004, é preciso que o Responsável por cada Boi inscreva o seu folgado na Secretaria da Cultura, preenchendo ficha com o nome do Boi; categoria a que pertence; nome, endereço e telefone do Responsável, endereço do local em que o ônibus deve pegar os brincantes e entregar fotocópia dos documentos de Identidade e de CPF.

**3.** Somente poderão competir no Campeonato os Bois que tiverem seus responsáveis residentes no Município de Parnaíba.

**4.** Não é permitido a nenhum Boi soltar foguetes ou bombinhas na área da Esplanada.

### **O Julgamento**

**1.** O Julgamento será feito por uma Comissão Julgadora formada por 5 Juizes que darão pontos a 9 Quesitos. Cada Quesito poderá receber nota de 1 a 10.



**2.** Cada Julgador receberá um folheto explicativo sobre o brinquedo, contendo alguns dados sobre a História do Boi na Parnaíba e informações sobre cada quesito que será julgado.

**3.** Os Quesitos a serem julgados serão os seguintes: Harmonia, Fantasia, Dança, Evolução, Toque de Tambor, Amo, Toada, Canto, Boi.Catrevagem.

**4.** Os membros da Comissão Julgadora serão escolhidos por seu conhecimento da cultura popular da Parnaíba, sua capacidade de julgar os Quesitos que lhe couberem. Nenhum Juiz poderá manifestar publicamente qualquer simpatia a algum Boi. Não poderá aplaudir nem aproximar-se dos brincantes. A imparcialidade e o sigilo são seus principais valores.

**5.** Cada Juiz julgará mais de um Quesito. Os Juizes e os Quesitos estão assim distribuídos:

Juiz 1 – julgará HARMONIA e FANTASIA

Juiz 2 – julgará DANÇA e EVOLUÇÃO

Juiz 3 – julgará TOQUE DO TAMBOR e o BOI

Juiz 4 – julgará TOADAS, CANTO e AMO

Juiz 5 – julgará CATREVAGEM.

**6.** Terão direito a Prêmio os Cinco Bois que obtiverem o maior número de pontos, classificando-se em 1º Lugar (Campeão), 2º Lugar (Vice-campeão), 3º Lugar, 4º Lugar e 5º Lugar. Os respectivos Prêmios em dinheiro serão de R\$ 3.800,00 (três mil e oitocentos reais), R\$ 2.600,00 (dois mil e seiscentos reais), R\$ 1.400,00 (mil e quatrocentos reais), R\$ 900,00 (novecentos reais) e R\$ 600,00 (seiscentos reais).

**7.** Em caso de empate, o desempate será feito pela maior nota obtida nos quesitos conforme a seguinte ordem: Fantasia, Toque de Tambor, Toadas, Evolução, Harmonia, Dança, Boi, Canto, Amo e Catrevagem.

### **O Batalhão**

1. O Batalhão de cada Boi deve ter 25 brincantes, no mínimo. Acima disso, pode ter qualquer número.

2. Cada Boi pode ter a Catrevagem que o Responsável quiser: Catirina, Folharal, Doutor Cazumbá, Pai Francisco, Gregório e Burrinha. Para o Julgamento, cada figura da Catrevagem conta 1 Ponto. Assim, o Boi que trouxer Catirina, Folharal, Doutor Cazumbá e Pai Francisco ganha 4 Pontos e o Boi que trouxer somente a Catirina ganha somente 1 Ponto. Por isso, ganha mais pontos o Batalhão que tiver o maior número de figuras da catrevagem, num total de 6 (seis).

3. A Catirina deve ser representada por um brincante vestido de mulher. O Boi que trouxer a Catirina representada por uma mulher perderá 1 Ponto.

### **O Canto e os Instrumentos**

1. As toadas deverão ser cantadas pelo Amo e pelos dois Cordões. Não poderá haver toque de CD.

2. Os instrumentos essenciais e tradicionais do Boi parnaibano são os Tambores, a Roncadeira, o Maracá e o Apito de Marcação. O juiz que julgará o toque ou sotaque de Tambor será o mesmo que julgará e o Boi. Outros instrumentos não entrarão em julgamento e, portanto, não contarão pontos.

3. A Roncadeira sempre foi tradicional nos Bois da Parnaíba, mas vem desaparecendo de muitos Bois. Para que essa tradição não se extinga e se mantenha viva, este Regulamento sugere que todos os Bois usem a Roncadeira, mesmo que não ela conte ponto.

### **Apresentação**

1. A ordem de apresentação dos Bois será decidida por sorteio.

2. A duração de cada Boi na Arena será de 40 minutos, no máximo. Aos 35 minutos será levantada uma placa indicando que faltam 5 minutos. Aos 37, será levantada uma placa indicando que falta 3 minutos e, aos 40, a placa final. O Boi que permanecer na Arena perderá 1 ponto por minuto.

3. A contagem começa quando entrar o primeiro personagem e termina quando sair o último.

### **Transporte**

1. A hora marcada para o ônibus chegar ao endereço do Boi será de 60 minutos antes da hora prevista para o Boi entrar na Arena.

2. Os brincantes deverão encontrar-se no local indicado para o ônibus exatamente no horário marcado. O motorista ficará esperando durante 15 minutos. Passado este período, o ônibus deve partir e a Secretaria da Cultura não será responsável pelo atraso dos brincantes.

**Nota final:** este Regulamento foi apresentado aos Donos de Boi em reunião com o Secretário da Cultura, quando foi analisado, revisto e definitivamente aprovado.”

### **Categoria Mirim**

Para o Campeonato na categoria Mirim foi mantido o mesmo regulamente da categoria de adultos com pequenas alterações, abaixo apresentadas.

No item As Bases do Campeonato, define-se que “o responsável por Boi Mirim deve ser um adulto munido de documentos de Identidade e CPF. Somente poderão competir no Campeonato os Bois que tiverem seus responsáveis residentes no Município da Parnaíba.”

Quanto aos prêmios (em 2004), seriam concedidos aos Bois que se classificassem em 1º, 2º e 3º Lugares. E quanto ao Batalhão: 1 – “O Batalhão de Boi Mirim deve ter 20 brincantes, no mínimo. Acima disso, pode ter qualquer número; 2 - O Amo e o Tambozeiros podem ser Adultos ou Adolescentes, julgados pelos mesmos critérios.

A duração de apresentação de “cada Boi na Arena será de 30 minutos, no máximo. Aos 25 minutos, será levantada uma placa

indicando que faltam 5 minutos. Aos 7, será levantada uma placa indicando que faltam 3 minutos e, aos 30, a placa final. O Boi que permanecer na Arena perderá 1 ponto por minuto.”

O objetivo do Campeonato de Boi, na categoria Mirim, deve ser sobretudo o de difundir o Boi entre crianças e adolescentes parnaibanos para que permaneça vivo e todos os anos reapareça cada vez mais bonito. Se, desde criança, o Boi faz parte de sua vida, dificilmente deixará de ser brincado quando aquela criança crescer.

## Os julgadores

Nada me foi mais difícil, como Secretário da Cultura, do que conseguir Julgadores para o Campeonato de Bois. Não se trata aqui de desmerecer parnaibanos, mas de perceber que são pouquíssimos aqueles que têm conhecimento suficiente ou uma base mínima de penetração no universo do Boi de São João, para tornar-se capaz de julgar trabalho tão específico. Primeiro, me decidi por duas comissões especiais: uma para julgar os Bois de adultos e outra para a categoria Mirim. Nisso, acertei. A escolha de cada julgador, porém, foi mais imprecisa. Quase ninguém conhece os Bois a ponto de julgá-los com sabedoria e comparar cada um com os demais. Para ajudá-los, escrevi uma “base para critérios de julgamento” que distribuí aos Julgadores para que tivessem um mínimo de fundamentação a respeito do que iam julgar. O resultado foi tortuoso. O músico que escolhi para julgar Amo e Toadas, por exemplo, julgou sob critérios de membro da Ordem dos Músicos, eruditos, esquecido de que se tratava de uma apresentação de artistas populares. Deu notas baixas a um ou outro dos melhores Amo da Parnaíba. Outro julgador entendeu que a nota máxima era 5 (cinco) quando na verdade era 10 (dez), o que fez com que o Rei da Boiada recebesse nota 3 (três) em Evolução, quesito em que esse Boi é incomparável.

## Bases para critérios de julgamento

(Escritas por Benjamim Santos para os julgadores de 2004)

**Harmonia** – É o todo do Boi; o Batalhão. O equilíbrio do conjunto produz a Harmonia do Batalhão. Cada componente do Boi deve ser observado e julgado não isoladamente, mas pelo Conjunto Harmônico que produz. É o resultado de toda a atuação do Batalhão.

**Fantasia** – É a roupagem do Batalhão. A beleza, a criatividade e a originalidade dos figurinos. A indumentária dos dois Cordões e da Catrevagem. Apenas o Boi em si não entra neste julgamento. Todos os demais brincantes, em suas roupas devem ser julgados neste Quesito: Caboclos Reais, Vaqueiros, Boieiros e Catrevagem. Suas roupas são diametralmente opostas quanto à criação, execução e riqueza: os Cordões são vestidos com elegância e luxo, adornados de fitas, espelhos, vidrilhos, miçangas e plumas de aves. (*Coitados dos pavões da Ilha das Batatas!*) enquanto as figuras da Catrevagem abusam da imaginação e de elementos pobres, reciclados e de folhagem. Mas todos compõem o Boi em sua beleza visual. Até mesmo os personagens não tradicionais, recentemente incorporados a alguns dos nossos Bois (Índias, Sargentos...) devem entrar na observação do todo. Em sua maioria, ou quase totalidade, as fantasias são novas, pois a cada ano os Donos de Boi dão as roupas de presente aos brincantes. Somente um ou outro Boi guarda as roupas do Batalhão por todo ano e, por isso, pode apresentar-se em qualquer época.

**Dança**- junto com o canto, é a marca principal do nosso Boi de São João, um folguedo que é totalmente dançado e quase totalmente cantado. Os passos seguem o ritmo do Toque de Tambor. São contínuos, rápidos e, às vezes, acelerados nos Cordões.

**Evolução** - inclui todos os movimentos coreográficos executados pelos Cordões e até mesmo pela Catrevagem. Os Cordões,

puxados pelos Caboclos Reais, dançam enfileirados, em vai-e-vem ao longo do próprio Cordão, em meia-lua e em círculo.

**Toque do tambor** – também chamado Sotaque de Tambor. Em nosso Boi, o Toque de Tambor equivale à batida da Bateria numa Escola de Samba. O som percussivo é forte com variações de Boi para Boi. Tradicional em todos os Bois parnaibanos, o Toque de Tambor deve ser julgado pela sua unidade rítmica. Se alguns Bois, fugindo à essa tradição, incluírem outros instrumentos (de corda ou de sopro), essa interferência não pode ser incluída no julgamento do Toque de Tambor.

**O Boi** - figura mítica que gerou o mais brasileiro de todos os nossos folguedos. Nesse Quesito devem ser levados em conta o próprio Boi, aqui tomado como uma alegoria brincante: sua forma, sua beleza, sua pintura, tamanho, chifres, adornos, leveza. Além disso, deve ser observada a maneira de brincar do Faca: volteios, passos de dança, perseguição a outros personagens, brincadeiras com o público...

**Toadas** – são as canções entoadas pelo Amo e respondidas pelos Cordões. São quase sempre de louvor à Parnaíba, de amor à alguma morena amada e sempre carregadas por um leve tom nostálgico e poético.

**Canto** – é composto pelo solo do Amo e a harmonia vocal dos Cordões. Através do canto, desenvolve-se o básico da história do Boi. Devem ser observados a voz do Amo e o conjunto vocal dos Cordões. Na Parnaíba, o canto só desaparece quando a Catrevagem assume o primeiro plano para a Representação da Morte do Boi. Mas, mesmo nessa representação, cantam o Amo e os Cordões, na convocação das diversas figuras que desenvolvem o enredo da morte e a busca de suspeitos.

**Amo** - é o senhor. O Dono do Boi. É o personagem que conduz todo o folguedo. Não faz parte dos Cordões. Situa-se entre eles. É o único cantor-solo. De um certo modo, equivale ao Corifeu da tragédia grega. Atualmente, em representações de Campeonatos e exibições para grande público, o Amo

**Catrevagem** - (*corruptela de catervagem*) é o conjunto de todas as figuras individuais do Boi: Pai Francisco, Catirina, Folaral, Doutor Cazumbá e Burrinha. Em alguns Bois, o pessoal da Catrevagem executa passos de dança revelando exímios dançarinos.

Em 2005, porém, o julgamento foi confuso. Uma só comissão de julgadores julgou ao mesmo tempo Bois de adultos, Bois de crianças, Quadrilhas de adultos e infantis. Essa comissão julgou todos e, de suas notas, foram classificados cinco Bois de adultos para uma final, no penúltimo dia do Arraial. Já para essa final, a comissão foi extinta e formou-se outra, também para julgar Quadrilhas e Bois. Com a nova comissão inverteram-se todos os resultados da comissão anterior. O Lírio do Campo selecionado em primeiro lugar passou a ser o terceiro no resultado final e o Novo Fazendinha, que estava em terceiro, sagrou-se Campeão.

## Prêmios e vitoriosos de 2004

<b>Categoria de Adultos</b>		
1º lugar	Campeões empatados Igarapu e Lírio do Campo	R\$ 3.600,00
2º lugar	Vice-campeão – Novo Fazendinha	R\$ 2.900,00
3º lugar	Rei da Boiada	R\$ 2.000,00
4º lugar	Novo Vencedor	R\$ 1.000,00
5º lugar		R\$ 800,00

<b>Categoria Mirim</b>		
1º lugar	Campeão – Prateado	R\$ 1.700,00
2º lugar	Vice-campeão – Garantido	R\$ 1.500,00
3º lugar	Novo Ano	R\$ 1.000,00
4º lugar	Novo Dominante	R\$ 800,00
5º lugar		R\$ 600,00

## Troféu Simplicião

Nesse mesmo ano, inventei, como Secretário da Cultura, o Troféu Simplicião, em homenagem a Simplicio Dias da Silva, Herói da Independência do Piauí, em 1822. O Troféu seria concedido aos melhores Bois em sete quesitos: Evolução, Empolgação, Figurino, Adereços, Toque de Tambor, Amo e Animação da Catrevagem. Competiam, sem que seus donos soubessem, todos os Bois, não importando se de adultos ou de meninos. A escolha seria feita somente por mim, que assisti às apresentações de todos os Batalhões, e o resultado foi o seguinte:

Melhor Boi em Evolução - Rei da Boiada

Melhor Boi em Empolgação - Mirim Prateado

Melhor Boi em Figurino- Igaracu

Melhor Boi em Adereços - Novo Vencedor

Melhor Boi em Toque de Tambor - Novo Fazendinha

Melhor Amo - Mano, Batista e Canário (empatados)

Melhor Boi em Animação da Catrevagem - Mirim Prateado.

Por escassez de dinheiro na Secretaria, pude comprar somente um Troféu, o de Evolução, que entreguei ao Batista, no último dia do Arraial, quando o Rei da Boiada se apresentou, antes dos Campeões e do Vice-campeão. Com esse Troféu, que só existiu naquele ano, rendi homenagem ao Rei da Boiada, que é o Melhor em Evolução e que fora injustiçado pelo Julgador que o julgara nesse quesito.

## Prêmios e vitoriosos de 2005

Categoria de Adultos		
1º lugar	Campeão – Novo Fazendinha	R\$ 5.000,00
2º lugar	Vice-campeão – Rei da Boiada	R\$ 3.000,00
3º lugar	Flor do Lírio	R\$ 2.000,00
4º lugar	Novo Vencedor	R\$ 1.500,00
5º lugar	Lírio Verde	R\$ 1.000,00



Categoria Mirim		
1º lugar	Campeão – Novo Ano	R\$ 2.500,00
2º lugar	Vice-campeão – Novo Dominante	R\$ 2.000,00
3º lugar	Prateado	R\$ 1.500,00

## Prêmios ou incentivo?

Em abril de cada ano começa o *tormento* dos Donos-de-Boi. A caixa de todos eles está zerada. Nenhum tostão existe para comprar seja o que for. Então, como vestir o Batalhão? Os Bois grandes, aqueles que têm mais chance de vencer e ganhar prêmio no Arraial, vão ao comércio em busca de crédito para compras a serem pagas com o dinheiro dos prêmios. No ano de 2005, apenas quatro Bois conseguiram crédito (no Armazém Mesquita, para tecidos, e na Iforpel, para enfeites e adereços) e, se conseguiram, foi porque eu fui pessoalmente apresentar o Batista e o Acrísio ao dono Iforpel, afirmando-lhe que os dois Bois, com certeza, seriam bem colocados no Campeonato, e o Secretário da Cultura pediu ao dono do Armazém Mesquita. Nenhum dono de loja quer correr o risco.

E os outros Bois, aqueles que jamais chegaram sequer ao 5º Lugar e que, por isso, não recebem dinheiro algum das premiações? É cruel que o João Picolezeiro, do Sabiazal, nunca receba qualquer auxílio financeiro para vestir o Brilho da Pedra, que sempre fica em último lugar. E o Chico Doura, do Pindorama, que, há anos não classifica o seu belo Lindo Amor e, por isso também nada leva em dinheiro? Que estímulo esses homens encontram?

Em 2005, o valor do 1º Prêmio foi adequado ao Boi vencedor. O valor do prêmio, R\$ 5.000,00 (1.900 dólares), deu para pagar as dívidas, bancar a Morte do Boi e fazer a festa de comedoria no dia seguinte. Não deu, porém, para o Boi que ficou em 2º Lugar, que com o dinheiro mal pagou as dívidas. E, do segundo lugar para baixo, foi só prejuízo.

Certo é que, para que todos os Bois parnaibanos continuem saindo todo ano, tem de haver algum incentivo financeiro, seja municipal, seja estadual. Os Donos-de-Boi estão desgastados com o sofrimento por tantas dificuldades. Todos se estressam. Homens que mal recebem o salário mínimo no fim de cada mês, vêem-se obrigados a colocar dinheiro do seu bolso para completar alguma coisa que falte ao Boi. E até quando esses homens, artistas de nossa mais fina Cultura Popular, até quando continuarão sofrendo tanto para botar seus Bois na rua com a única expectativa de serem classificados e ganharem algum dinheiro numa festa que não lhes pertence, que é bancada pela Prefeitura e cujas normas por ela lhe são impostas? Os resultados do Arraial jamais compensam os Bois. Os elogios e as maiores vitórias vão para a Secretaria da Cultura e para a própria Prefeitura. Depois do Arraial que coordenei como Secretário, recebi dezenas de elogios pela “organização” da festa, que foi o ponto alto do Prefeito, mas não ouvi ninguém elogiar este ou aquele Boi.

Daí impõe-se uma questão: o que é mais importante para a sobrevivência dos Bois na Parnaíba: a premiação concedida aos cinco melhores do Arraial, como vem acontecendo, ou uma ajuda financeira para todos?

Fiz essa pergunta aos Donos-de-Boi que me são mais próximos e a resposta de todos foi a mesma:

— Tem de haver ajuda e premiação. Com ajuda, os Bois se vestem; os prêmios são incentivo aos melhores.

E complementaram:

— Se não houver ajuda no ano que vem, meu Boi não sai.

Certamente vão sair. Não todos, talvez. Mas é possível que não se apresentem no Arraial.

Que caminhos seguir então para que não se chegue a tais consequências e a tal risco? Como convencer o Prefeito? Como sensibilizar o Governo Estadual? Ahn?

## Os políticos e o Boi

A relação dos políticos parnaibanos com o Boi é movida a interesse traduzido em votos. Os grandes Bois chegam a formar Batalhões com mais de oitenta brincantes. Contando-se dois votos em cada casa de brincante, são 160. Mas qual a contrapartida para tantos votos? É mínima. Sabe-se que, em 2005, um vereador eleito com muitos votos deu duzentos e cinquenta reais para o Lírio Verde e cem reais para o Novo Fazendinha; outro conseguiu que algumas lojas abrissem crédito para o Flor do Lírio (Tucuns), mas deixando o dono-do-Boi responsável pela dívida e, às vezes, este vereador arruma um ônibus para um Boi dos Tucuns ser levado aos arraiais de bairro. Mas nenhum desses políticos é financeiramente ligado a qualquer Boi, como acontece com os dois vereadores que bancam Quadrilhas. Estes, sim, entram com dinheiro, vão para as quadras de disputa, torcem por suas Quadrilhas, gostam delas.

## Em Teresina

Parnaíba não conhece o Boi de Teresina, mas o povo teresinense anda agora conhecendo o Boi da Parnaíba. Alguns dos nossos Bois têm se apresentado por lá. Todo ano, pelo menos dois são convidados a se exibir no Festival de Folguedos, mas fora de competição. Assim, já brincaram em Teresina, o Igarçu, o Lírio do Campo, o Rei da Boiada e o Flor do Lírio. Até para isso, porém, os Donos-de-Boi têm de se humilhar perante as autoridades municipais. Teresina convida, mas não dá o transporte. Entonce, lá se vão os donos de Boi mendigar um ônibus junto à Secretaria Municipal da Cultura. Nem sempre conseguem, como aconteceu com o Mirim Prateado, que não pôde ir, em 2005, porque não teve ônibus. Também neste ano, uma grande novidade: o Rei da Boiada e o Igarçu participaram do Concurso de Toadas, realizado pela

Fundação Cultural do Piauí, órgão do Estado. O Rei da Boiada fez uma apresentação primorosa com uma Toada nova e venceu. Foi o primeiro colocado, com direito a prêmio de R\$500,00. Mas até novembro, cinco meses depois do concurso, o Batista ainda não havia recebido o dinheiro do prêmio. E, conforme a coordenação do Concurso, as doze melhores toadas seriam gravadas em CD. O Rei da Boiada, ao ser chamado para a gravação, precisava de transporte para sete homens. E a humilhação prosseguiu.

## Na imprensa

Em 2004, durante o IV Arraial de São João da Parnaíba, pela primeira vez, os Bois da Parnaíba tiveram espaço em jornais de Teresina. Isto porque, na fase de preparação do Arraial, todas as emissoras locais de rádio e os jornais receberam *press-releases* com informações concretas sobre o Campeonato de Bois. Na época, era repórter do jornal Meio Norte, de Teresina, a jornalista Rosinete Pereira, que editava o caderno dominical Parnaíba. O Secretário convidou-a para um encontro com Donos-de-Boi e ele próprio lhe concedeu entrevistas. Foi publicada então uma série de reportagens que podem ser consideradas o primeiro material sobre o Boi de São João da Parnaíba publicado em jornal de Teresina.

## Intelectuais, tradicionalistas e o Boi

Alguns intelectuais continuam a dizer que o Boi está ameaçado de extinção na Parnaíba. Juntam-se a eles os tradicionalistas, que se horrorizam com qualquer alteração ou mudança que ocorra nos Batalhões.

Aqueles intelectuais e esses apegados à tradição carregam em algum recanto de si um Boi que viram na infância e que consideram perdido. Por isso, quando vêem um boi apresentar-se, mesmo

que seja pouco tempo que olhem, sempre se põem a dizer que o Boi está desfigurado e sentem saudade do Boi de tempos idos. Temem as mudanças que podem ocorrer no Boi, considerando nefastas as “influências negativas” que vêm dos Bois do Maranhão. Influências que, segundo eles, estão acabando com a “essência” do nosso Boi. E põem a culpa “nas autoridades competentes”, que “não valorizam o nosso Boi”. Dizem que o Boi está em perigo de extinção e põem a culpa nas “autoridades competentes”. Claro que esse receio de intelectuais e tradicionalistas é objetivo e verdadeiro. Muito mais mudanças já sofreram nossos Bois do que supõem seus receios. Mas, nenhum desses temerosos e defensores de um Boi intocável, nenhum deles chama um Boi para brincar na porta de sua casa, no aniversário do seu filho ou mesmo sem motivo especial. Eles mesmos dão margem para que seus filhos se deixem fascinar pelo Boi. Nenhum intelectual, que eu saiba, sentou-se na arquibancada do Arraial de São João da Parnaíba tendo o filho ao lado para assistir a apresentação de algum Boi. É, portanto, uma preocupação à distância.

## Projeto Revitalizando o Bumba-meu-boi

Pode ter havido outras, mas creio que não. Se a resposta for mesmo não, o Projeto Revitalizando o Bumba-meu-boi foi a única iniciativa concreta de preservação do Boi de São João e de exibição do Boi durante todo o ano. Foi uma iniciativa criada, elaborada e desenvolvida por Vitória Tude Rodrigues, executiva do ramo hoteleiro, gerente da Pousada dos Ventos, um dos melhores hotéis da Parnaíba.

Sozinha, Vitória, depois de ter participado de um movimento chamado Agenda 21, criou o Projeto com o objetivo de ajudar a preservar o folguedo tornando-o visível durante todo o ano. A cada sexta-feira, um Boi brincava num determinado ponto turístico (Porto das Barcas) recebendo pagamento de R\$ 120,00 (46 dolares).

Com essa idéia (tão simples), Vitória fez contato com alguns Bois, criou logomarca do Projeto, mandou confeccionar camisas de bom padrão com a logomarca para serem postas à venda e deu início à execução do Projeto com apresentações semanais. Não encontrou, porém, nenhum apoio. Nenhum órgão, nem mesmo a Prefeitura, incentivou Vitória, de qualquer maneira que fosse. E talvez Vitória não tenha escolhido os Bois mais apropriados, cujos donos se interessassem em levar o Projeto adiante. Assim, sem respaldo, deu fim ao Projeto. Convém ainda salientar que Vitória Tude Rodrigues, embora tenha pai parnaibano, sequer nasceu na Parnaíba. E os Bois ficaram sem seu primeiro Projeto.

Em meio a todo esse conjunto de fatores externos ao Boi, como que a querê-lo esmagá-lo, alterá-lo, oprimi-lo, estourou no meio do Amazonas o grandioso fenômeno dos bois Caprichoso e Garantido. Em pouco tempo, esse fenômeno chegou às revistas e aos jornais do Rio e de São Paulo; chegou aos mais poderosos canais de televisão, à internet, às gravadoras de disco, enfim, se fez conhecido em todo o Brasil. Chegou, é claro, também à Parnaíba. E meteu-se no nosso Boi. O super-carnaval de bois de Parintins, orçado em muitos milhões de reais, mexeu com a cabeça de alguns dos nossos Donos-de-Boi e está deixando marcas. Até onde irão tais marcas e outras que possam surgir, ninguém, agora, pode afirmar.

## Tudo levou a mudanças

São, portanto, vários os fatores que fizeram com que o Boi de São João da Parnaíba já não seja igualzinho ao Boi de São João da Parnaíba de cinquenta anos atrás. Todo esse contexto, naturalmente, levou a alterações. A cidade era pequena; o Boi corria a pé noite adentro; hoje andam de ônibus ou caminhão. Os Bois eram feitos com poucos homens; hoje têm quase o triplo de brincantes. Vestir um Boi era sofrido, mas não tanto quanto agora. Não havia dis-

putas nem premiações; passou a haver e essas disputas trouxeram com elas uma acelerada disputa pelo primeiro prêmio. Botava-se um Boi na rua, ia-se às casas brincar e recebia-se a paga; depende-se, hoje, da premiação do Prefeito para que um Boi se pague. Os ricos e os intelectuais chamavam o Boi para brincar diante de suas casas; uns e outros deixaram de chamá-lo. A noite era curta para cada Boi, com tantas casas para brincar; os brincantes de hoje dormem cedo, pois brincam apenas uma ou duas vezes por noite e passam várias noites sem brincadeira. A noite tornou-se longa, em junho, para os brincantes de Boi.

# *Reviravolta nos currais*

*Estamos todos eufóricos.*

*Vamos dar um show.*

João da Guia, quando o mirim Prateado  
começava a entrar na arena.





## Os Bois no século 21

É mau juízo supor que o Boi esteja em extinção na Parnaíba, embora haja o risco. Conheço todos os Botadores-de-Boi da cidade e, pra todos eles, nada pode lhes acontecer de mais triste do que passar o mês de junho sem que bote seu Boi na rua. Acho difícil que, algum dia, a Parnaíba tenha tido tantos Bois como agora; tantos Batalhões nos meses de junho, julho e agosto. Tempos atrás, quando chegava agosto, os Bois já haviam morrido, para voltar só no ano seguinte. Em 2005, as Mortes começaram só em agosto e se estenderam até setembro. Vê-se daí que, antes de estarem ameaçados, estão muito vivos e brincam de junho a setembro, embora, talvez, brinquem menos a cada ano e a cada noite. As apresentações escassearam. E, também, já não existe “o Boi da Parnaíba”. O brinquedo não tem mais a mesma feição para todos. Hoje, na verdade, existem “os Bois da Parnaíba”, de tal modo cada um criou (e cria a cada ano) características próprias, que o diferenciam dos demais. Ocorreram muitas mudanças dentro de muitos Batalhões. E tantas mudanças que o Boi mais tradicional, aquele que siga direitinho as antigas referências do Boi de São João, está fadado à derrota nos campeonatos anuais. Têm esses campeonatos uma terrível dupla face: de um lado incentivam os Bois a permanecerem vivos e sair para brincar todos os anos e, por outro lado, provocam uma competição tão aguçada que faz com que cada Boi procure vencer pelas

diferenças. Por isso, a cada ano, os Bois têm vindo com novidades e novidades. Cada uma dessas novidades altera mais e mais a velha tradição do Boi de antigamente.

Em 2004, dezesseis Bois se inscreveram para o Campeonato. Eram 8 de adultos e 8 da categoria Mirim. Os Bois de adultos foram o Prateado (Rosápolis), Rei da Boiada (Catanduvras), Novo Vencedor (Catanduvras), Igaráçu (Bairro Piauí), Lírio do Campo (Bairro São José), Sol Brillhante (Bairro Piauí), Lindo Amor (Pindorama), e Novo Fazendinha (a Ilha de Santa Isabel. Na categoria Mirim, inscreveram-se Brilho da Pedra (Sabiazal), Prateado (Bairro São José), Novo Dominante (Catanduvras), Ouro Preto (São Vicente de Paulo), Novo Ano e Brilho do Delta (Ilha), Garantido (Catanduvras) e Rei Montenegro, do bairro João XXIII.

Em junho de 2005, inscreveram-se oito Bois de adultos e cinco Bois de crianças. Surgiram dois primários na categoria de adultos e, na Mirim, pois não vieram o Brilho da Pedra, o Rei Montenegro e o Brilho do Delta. Em compensação, os que se apresentaram vieram mais bem vestidos e com maior ânimo: Novo Ano (Ilha), Prateado (São José), Novo Dominante e Garantido (Catanduvras) e Ouro Preto, do Igaráçu.

Num cálculo à base de 50 brincantes por Boi, em média, e com quinze Bois em atividade, somam-se 750 brincantes. Sobretudo, sabendo-se que os brincantes de um Boi não brincam em Bois Contrários, salvo os adolescentes, que brincam no de adultos e no Mirim do seu bairro.

São esses Bois, assim, tão vivos, mais os Bois de meninos de ponta de rua, são todos eles que fazem nossas noites de inverno continuarem ao som dos Tambores, das Roncadeiras e da dolência das Toadas. São eles, também, que se mostram, hoje, carregados de diferenças se comparados aos seus ancestrais. E são eles que, a cada ano, se apresentam carregados de mudanças.

Só mesmo com um folgado bem vivo ocorrem mudanças. Um folgado estático tem mais possibilidade de se perder. São fol-

guedos estáticos, hoje, a Nau Catarineta e o Pastoril ou, como eram chamados na Parnaíba: os Marujos e as Pastorinhas. Os dois estão desaparecidos na cidade. Os Marujos há cerca de uns quinze anos e as Pastorinhas, há cerca de cinqüenta. Mas o Boi está vivo e em ebulição. A cada ano, o Boi se renova com alguma novidade acrescentada. Quem pode afirmar que o Boi visto na Parnaíba, em 1920, era igual ao Boi que por aqui brincava em 1870? Haveria penas de pavão na Parnaíba para os Caboclos Reais do tempo do Império? O Boi de Parintins está super-vivo, mas, com certeza, já quase nada mantém do Boi de Parintins de cinqüenta anos atrás. O folgado permanece, mas com características externas muito distintas daquelas. Através de tanta mídia, alguns Donos-de-Boi da Parnaíba vêm os tais Bois de Parintins. Daqui, não está indo nada para o Boi de lá, mas muita coisa está vindo de lá pra cá. Nossas malhadas andam pois transfiguradas. Detalhes se perderam; alguns estão em extinção e muitos, novos, apareceram querendo se impor, querendo ficar. Desses, alguns já se fixaram.

## O que ficou da tradição

O Boi que vemos brincando pelas noites da Parnaíba é o mesmo velho Boi de priscas eras? Ou acabou-se aquele Boi e o que temos hoje é apenas um brinquedo falseado?

Frente a tais perguntas, a primeira resposta que vem é tão simples quanto empolgante: o Boi está vivo e, com ele, todo o seu espírito de alegria, de dança, de tristeza, de romance, de melancolia, de morte e ressurreição. É o espírito do brinquedo a envolver as noites de cerca de mil brincantes de diversos bairros. Isto, o tempo não agrediu. Nem o tempo nem as autoridades, nem os governantes, nem a televisão. Dos dezesseis Bois que se têm vestido neste começo de século, se nem todos conseguem ir à rua todo ano, não é que falte a seus brincantes desejo, vontade, intenção, amor; é falta de

dinheiro. O Boi que não sai tem um único motivo que o impediu de sair: seu dono não conseguiu dinheiro suficiente para vesti-lo.

Mas, passados cinqüenta anos, o Boi alterou-se em detalhes. Alguns deles, seculares, se perderam. Muitos, porém, permanecem. É olhar e é ver. Homem de hoje que tenha sessenta anos e viu o Boi quando menino, reconhece tudo que permanece, mas, se mergulha na saudade, revolta-se contra tudo o que há de novo. Importa, porém, ver o que ficou. E logo se vê que ficou a visão festiva do Boi como um auto dionisíaco (Boi sem cachaça, só se for Boi de menino.), lúdico, cativante, mítico e amedrontador, como sempre. Continua igual em toda sua grande aparência. E ficou muito mais que isso.

O Boi continua formado por dois Cordões. Tempos atrás, cada um desses Cordões era composto por Caboclos Reais (à frente, com capacetes encimados por plumas de pavão), Vaqueiros (no meio, usando chapéus enfeitados de flores artificiais) e Boieiros, atrás, com chapéus menos adornados. Os três grupos continuam, mas formados apenas por Caboclos Reais e Boieiros. E continua o brilho das roupas de cetim, as fitas de cores fortes cruzadas no peito com as tiras descendo pelos lados da calça. Ficaram também os capacetes dos Caboclos Reais, adornados de espelhos, vidrilhos, lantejoulas, medalhas e penas de pavão. Sua única arma, de grande efeito lúdico, continua sendo a lança de madeira, que tanto lembra o guerreiro antigo quanto o índio tapuia. Também segue a mesma linha tradicional o figurino dos Boieiros.

Toda a ação do Batalhão continua comandada pelo Amo, o dono da Fazenda e senhor de todos os personagens. Com roupa próxima à dos Caboclos Reais, o Amo usa chapéu baixo ricamente adornado com fileiras de miçangas pendentes sobre o rosto. Ele tira todas as Toadas que são repetidas ou respondidas pelos Cordões. Dele, continuam vindo os diversos improvisos que um assistente pouco preparado nem imagina que sejam repentines. Iniciada a brincadeira, vê-se também que continua a dança em dois-por-dois dos brincantes de Cordão, com evolução frontal e circular.

A área entre os Cordões e de fora deles, sempre foi dominada pelo Boi e a Catrevagem. Continua. Ficou também, e tão visível quanto antes, a velha liberdade lúdica e primitiva da Catrevagem (Burrinha, Follharal, Cazumbá, Catirina e Pai Francisco), com vestimenta de vistosa criatividade primitiva e o uso secular de máscaras. Continua também a voz destorcida, aquele falsete que faz com que os mascarados não sejam reconhecidos, mesmo por quem os conhece.

A Catrevagem e o Boi (o bicho) são os componentes que sofreram menores alterações ao longo desses anos. O Boi continua tal qual era: grande, de longos e arqueados chifres, com desenhos (ou sem eles) e o nome estampado no lombo. Continua sendo carregado pelo Faca. Continua também a antiga tradição do Boi brincar pelas casas. Por fim, ficou dos velhos tempos o belo ritual da Morte do Boi marcando o encerramento da temporada e que é, ainda hoje, espetáculo de beleza e emoção.

## O que sumiu

Ah! já se foi, já se acabou, já ficou prá trás a Véspera de São João como a noite da saída tradicional do Boi. Nenhum Boi aparecia ou brincava antes de São João. E, fruto do crescimento da cidade, já não é feita aquela antiga Meia-lua diante da Delegacia à guisa de pedido de licença para brincar.

Desapareceu de todos os Bois a Lamparina acesa em cima da cabeça do Doutor Cazumbá, o médico chamado à Fazenda para curar o Boi depois que lhe arrancaram a língua. Hoje, esse personagem é também chamado Cabeça de Fogo, mas já não há chama, símbolo da sabedoria do personagem. E desapareceram dos chapéus de Vaqueiros e Boieiros aqueles belos arranjos florais feitos com flores de papel-de-seda.

— É muito caro. As floristas cobram caro e é um trabalho demorado.

Foi o que me disse Acrísio, do Novo Fazendinha. Pena! Era um adorno de muita beleza e colorido.

Também sofreu perdas o belo espetáculo da Morte do Boi, no final da temporada. Há mudanças nesse ritual dramático-festivo, mas é o que se verá em capítulo específico.

Por fim, sumiu o brinquedo de nossas ruas.

Com a escassez de convites, os Bois estão desaparecendo das casas. Dançam ainda nas casas de classe média; desapareceram por completo da casa dos ricos, costume tradicional que, sobretudo, fazia as crianças se aproximarem e gostarem de Boi. Hoje os filhos dos ricos não conhecem o Boi. Nenhum pai de classe média alta ou muito alta chama um Boi para dançar em sua porta e nem sobe uma arquibancada do Arraial levando os filhos para assistirem às apresentações. Com isso, perdem as crianças, obrigadas a se contentar apenas com os boizinhos reciclados por suas “tias professoras” dos colégios de granfinos. Assim, muito mais triste que prever a extinção dos Bois é constatar que a criança rica da Parnaíba não tem acesso ao brinquedo, embora todo menino, quando vê algum Boi que passa, viva instantes de medo, alegria, empolgação, deslumbramento.

Já não se vêem Bois todas as noites pelas ruas da cidade; nem mesmo dos subúrbios. Acabou-se aquela brincadeira diária; acabou-se o velho som dos tambores soando madrugada adentro. Os Bois de hoje dormem cedo ou sequer despertam para ganhar a noite. Com isso, acabaram-se as pancadarias entre Bois Contrários.

## O que pode sumir

Com o advento do Campeonato, em junho, mas sem data fixa para começar, o Boi da Parnaíba deixou de ter sua primeira saída na Noite de São João, tradição secular. Antes disso, já pode ter brincado nos festivais de Teresina ou mesmo aqui, em arraiais de

bairro. O Boi deixou de sair pela primeira vez na noite de 23 de junho e começa a perder a associação a seu Santo de origem, São João. Também segue a caminho de extinção o velho costume parnaibano de se chamar um Boi para brincar “na porta de casa”. Com isso, corre perigo a Meia-lua que, na tarde da Morte do Boi, é feita nas casas em que o Boi havia brincado. Se as famílias pobres não chamam um Boi por falta de dinheiro, as ricas nem pensam em Bois. Nenhum pai de família de classe média para cima leva seus filhos para assistirem aos Bois no Arraial, nem facilita para que cresça neles um espírito sensível ao Boi.

Alguns Batalhões já não estampam nome do Boi em seu lombo. O Boi vem liso, cópia vulgar e pobre dos Bois de Parintins. Em 2005, quatro Bois se apresentaram sem seus nomes estampados no lombo: o Flor do Lírio, o Prateado, o Rei da Boiada e o Novo Fazendinha. Isto por que os Bois de Parintins não tem seus nomes em seus lombos. Mais cruel ainda é que estão com ar de sumiço os grandes compositores de Toadas. Já pouco se ouvem aquelas melodias dolentes, ricas de poesia e saudades da malhada ou da morena linda.

Também a ronqueira, hoje chamada Roncadeira, que faz o ronco do Boi anda desaparecida da maioria dos Batalhões. Permanece em alguns, como no Novo Fazendinha. Experto, seu Amo, o Canário, enquanto se apresentava disputando o Prêmio no Campeonato, aproximou o microfone da roncadeira e lá se foi o ronco do Boi direto aos ouvidos dos julgadores, encantando os tradicionalistas. Muitos Donos-de-Boi me disseram que já são poucos os brincantes que sabem tocar a Roncadeira, cujo som precisa estar em harmonia com os outros tambores.

Já na Catrevagem quase não se vê mais aqueles lenços sujo que seus brincantes colocavam no ombro ou no colo de algumas pessoas do público recolhê-los depois, com algum dinheiro dentro. É um costume que não está ainda de todo extinto; continuam em



alguns Bois, quando se apresentam para grupos de turistas. Também os porretes de pano da Catrevagem, chamados Cachimbada, estão desaparecendo. Eram usados para bater nos moleques que acompanhavam o Boi e para bater-se entre eles próprios, uns nos outros. E sem graça é perceber que a Catirina tem perdido antiga virilidade, quando era feita por estivadores e embarcadiços. As Catirinas de hoje são tão sem viço viril que o personagem quase desaparece. Quê que se pode fazer?

Mas o que está mais próximo de extinção é a Representação da Morte do Boi, a cena teatral que feita em cada apresentação. Acontece que, sem essa representação, o brinquedo se torna apenas uma dança, uma sucessão de evoluções sem diálogos e sem dramaticidade e a Catrevagem perde força, vigor e até sua razão de ser. Seus personagens tornam-se figurantes, sem ação, a não ser brincar aleatoriamente. O Pai Francisco (Nego Chico), sem a Morte do Boi, perde a própria função. Mesmo carregando uma espingarda, torna-se o mais inexpressivo dos personagens e, mais ainda, por não ser pícaro nem cômico. A brincadeira só se faz completa se tiver a Morte do Boi, núcleo essencial do brinquedo, quando o Boi é morto e ressuscita. É o único momento em que o Amo-Corifeu dialoga com os Cordões-Coro. Um pergunta, outro responde e age. Sem a Representação, a Vaqueirama perde também seu papel na ação e passa apenas a repetir as Toadas cantadas pelo Amo, ou apenas os refrões, quando o Amo improvisa. Pior é que vem sumindo o tom pungente e poético das Toadas. Já pouco se ouvem aquelas melodias saudosas da “morena”, como as antigas:

“Lá no pé da roseira,  
papagaio anunciou:  
morena tá chorando  
apaixonada de amor.”

...

“Morena, esses teus cabelos  
às vezes só me fazem lembrar  
que desde a primeira vez que te conheci  
eu comecei a te amar.

Ai, morena,  
eu chorei de dor  
porque meu coração  
na fogueira incendiou.”

Uma maravilha, porém, é que o Novo Fazendinha ainda faz seu Batalhão cantar essa beleza de Toada de Despedida, composta pelo Zé Rodrigues, o Canarinho da Ilha:

Moça bonita, nós vamos embora.  
Chegou a hora. Não podemos ficar.  
Não fique triste com a nossa partida,  
deusa do amor, volto pra te amar.  
Tchau, morenhinha, eu já vou.  
Vai ser demais a dor da separação,  
mas não vá chorar  
o seu amor eu levo no meu coração.

Tchau, moreninha, eu já vou.  
Vai doer a dor da separação,  
mas não vá chorar.  
Eu vou saindo.  
Eu vou levar meu Batalhão.

São possíveis perdas, que ainda podem se manter. Mas, por quanto tempo?

## As novidades

Para tormento de intelectuais aferrados ao Boi de suas infâncias, os Batalhões têm operado muito mais mudanças do que apenas aquelas que aqueles intelectuais pensam que perderam, além de correr o risco de novas perdas. São novidades que, de imediato, vêm modificando antigas características visuais e sonoras do Boi. As mudanças mais ostensivas aos olhos de quem não quer perder os Bois de outrora: introdução de instrumentos de a cordas ao lado dos tambores, o figurino dos Vaqueiros imitando os peões de Barretos, o desaparecimento do ronco do Boi e a intromissão de Índias entre os personagens. Nada disso, porém, afeta o que o Boi de São João da Parnaíba tem de essencial e, sobretudo, nada disso já é definitivo. Apenas um Batalhão usa instrumentos de cordas e o ronco, a nova roupa do Vaqueiros e as Índias ainda não estão em todos os Bois da cidade. Alguns Bois, como o Igarapu, reagem também a essas mudanças. Seu Bandeira, dono do Igarapu, finca o pé e, para ele, um Batalhão é formado, sempre foi, por 26 brincantes, com os mesmos personagens, o mesmo estilo de roupas e pronto. Curioso é que os últimos Campeões nos Arraiais têm sido sempre os Bois que apresentam tais mudanças. O Bois mais simples e mais apegados à tradição sequer têm se classificado entre os cinco finalistas. Vendo-se assim, aparentemente, nada mudou, no que o Boi tem de essencial; mudaram-se acidentes. Mas as principais mudanças ocorridas têm atingido aquilo que o Boi da Parnaíba sempre teve como essencial: um brinquedo de homens, o prazer de brincar, a andança pelas ruas e o contato diário com o povo. Isso, sim, o Boi perdeu de todo e vem perdendo mais a cada ano. Hoje, o Boi anda de ônibus ou caminhão, pouco brinca nas casas, a maioria dos brincantes se interessa por brincar apenas no Arraial e as mulheres invadiram a malhada e encontraram lugar no meio da Vaqueirama. Nada, nos últimos trinta anos, modificou tanto a fisionomia dos nossos Bois. Nem mesmo o número de brincantes,

que cresceu em quase todos os grandes Bois. Isto, sim, os intelectuais e folcloristas precisam ver. É verdade que, com a entrada das mulheres nos Cordões, o Boi ganhou mais vida e mais adesão de brincantes; elas brincam com a mesma garra dos homens e vestidas exatamente como eles.

Vários intelectuais, e gente que busca o progresso da Parnaíba, querem que o Boi brinque o ano inteiro, tal como acontece em São Luís; que o Boi seja exibido para turistas. (Eu mesmo já pensei e realizei, em janeiro, um “São João Fora de Época”). Mas o curioso e que aqueles esses intelectuais e aquela gente são as mesmas pessoas que defendem a tese de que o Boi da Parnaíba deve manter suas tradições, aquilo que lhe é essencial. Acontece que o Boi, além de lúdico e dionisíaco, guarda de sua origem uma base religiosa: é dedicado e é homenagem a São João. O Boi é junino e joanino por excelência. Tirá-lo de junho já é, de um certo modo, desvirtuá-lo. Mas com isso aquela gente pouco se incomoda. O Boi na Parnaíba jamais foi atração turística; nem no Maranhão, nem no Amazonas. Tornou-se assim em São Luís e em Parintins; mas desvirtuou-se. Na Parnaíba, tal como em Parintins e São Luís, se quiserem que o Boi se transforme mais ainda, que mais se desfigure, é só torná-lo atração turística de ano inteiro.

## Cordas no toque do Boi

Uáu!!! Um dos Bois mais grandiosos da Parnaíba, aquele de mais rica e bela evolução, o Rei da Boiada, botou instrumentos de corda no seu Batalhão. Ao lado dos tambores, soam um cavaquinho, um banjo e um baixo elétrico, além de um pandeiro.

— Absurdo!!! esbravejam os tradicionalistas.

— Dez vezes absurdo!!! gritam outros, em defesa da tradição.

Por enquanto, o Rei da Boiada é o único a mostrar essa novidade. Mas é uma nova que lhe tem provocado prejuízos e dissa-

bores. Por causa dela (e de outros fatores, por certo), esse Boi do Catanduvas não é Campeão há seis anos. Digo isso e dou, à guisa de exemplo, um episódio ocorrido no Arraial de 2005.

Durante a fase de classificação, que selecionou cinco Bois para a decisão final, o julgador do quesito Toque de Tambor era um jovemque, com certeza, não devia ter qualquer iniciação em Boi. E aí começa o problema. Para que um moço parnaibano de vinte e poucos anos possa julgar qualquer item de Boi tem que ter nascido brincante ou conhecer muito bem o Boi de São João ou ser um profissional da área do seu quesito. Nascido em Boi, aquele rapaz não era; bom conhecedor de Batalhões? não demonstrou. Resta que seja um profissional em música ou percussão de tambores. O certo é que ele estava julgando Toque de Tambor, quesito a que devia dar nota de 1 a 10 para cada Boi.

Sobre esse quesito, assim dita o Regulamento: “Outros instrumentos não entrarão em julgamento e, portanto, não contarão pontos.” E no documento que serve de base para os julgadores, redigido por mim com aprovação de todos os Donos-de-Boi, está registrado que o Toque de Tambor, “tradicional em todos os Bois parnaibanos, deve ser julgado por sua unidade rítmica”. E mais: “se alguns Bois, fugindo à essa tradição, incluírem outros instrumentos (de corda ou de sopro), essa interferência não pode ser incluída no julgamento do Toque de Tambor.”

Pois o rapaz, Julgador do Quesito Toque de Tambor deu nota 5 ao Rei da Boiada. É um absurdo, pois ali estão seis dos melhores Tambozeiros da Parnaíba. Depois que se divulgou o resultado, Batista perguntou ao Julgador porque recebeu nota tão baixa e o rapaz explicou que deu aquela nota porque o Rei da Boiada incluía instrumentos de corda junto aos tambores. Ora-ora, pois- pois! Ele era Julgador do Toque de Tambor e não de instrumentos de corda. Apesar disso, o Rei da Boiada foi classificado para a final. Entonce, para a última apresentação, que daria os cinco Prêmios, o Batista

resolveu não entrar com as cordas. Mas aconteceu ainda pior: quando o Rei da Boiada entrou, o Julgador chamou o Batista ao pé do palco e lhe disse que podia usar as cordas. (Onde já se viu um Julgador falar baixinho com um Dono-de-Boi antes da apresentação? É motivo pra impugnar o Quesito inteiro.) Mas o Batista, brincante que se preza, ignorou o rapaz e se exibiu com oito tambores: os seis que já eram seus mais dois, cedidos pelo Novo Vencedor. Fez uma exibição brilhante. O tal Julgador, porém, ainda não se agradou e lhe deu Nota 9. Mesmo assim, respeitado pelos demais Julgadores, o Rei da Boiada foi Vice-campeão. Batista, que estava devendo as compras do Boi, recebeu o prêmio e pagou as dívidas.

Batista é um Dono-de-Boi experiente. Sabe o que faz. Nasceu e se criou no Catanduvás, um dos berços do Boi de São João. Nasceu e se criou dentro de Boi. Como então aceitar que alguns tradicionalistas ou intelectuais queiram impedir que ele faça o seu Boi do jeito que ele quiser? E como alguém, que não é de Boi, pode querer que ele não faça alterações naquilo que ele mais entende: o seu Boi?

## Mulheres invadem a malhada

O brinquedo do Boi é secular e sempre foi coisa de homens. Brinquedo viril; dança viril. Mas, na virada do século 20 para o 21, a faceirice das mulhahes mexeu na virilidade do Boi. O Boi, em todo o Brasil, sempre foi um folguedo de homens, como os Caboclinhos e a Marujada. Então, como brinquedo de homens, jamais houve lugar para mulhahes. O único personagem feminino, pivô da estória é a Catirina, mas, até a Catirina sempre foi feita por homem vestido de mulher. Mas as mulhahes já invadiram quase todas as áreas do Boi.

Depois que elas chegaram à maçonaria, à Academia Francesa e à Academia Brasileira de Letras, aonde elas não podem chegar? Pois chegaram ao Boi de São João, um dos mais fechados redutos

de virilidade no universo das artes e do folclore. Embora ainda não sejam bem vindas nos Bois mais tradicionais (o Igarauçu e o Lindo Amor), já pintam e bordam no Rei da Boiada, no Novo Vencedor, no Novo Fazendinha, no Flor do Lírio e nos Mirins Prateado, Garantido, Novo Ano e Novo Dominante.

Elas chegaram como Índias, “representantes do povo da mata” e, no rasto delas, vieram uma Porta-estandarte carregando o Estandarte com o nome do Boi e até Vaqueiras. Com as Índias, apareceu também um Pajé. Elas e ele são personagens inteiramente distanciados de qualquer fazenda de gado do Nordeste. Mais ainda do Piauí, onde o povo indígena foi completamente exterminado.

— Elas são representantes do povo das matas, dizem os Donos-de-Boi.

São os personagens mais estranhos à tradição do Boi de São João.

Quando surgiu o Boi, os índios que habitavam o delta do Parnaíba já haviam sido exterminados ou estavam em fase final de extinção-expulsão. O herói índio da região do delta, chamado Mandu Ladino, líder guerreiro dos tapuios, foi assassinado enquanto fugia a nado nas águas do Parnaíba, em frente a atual cidade. Isto em 1716.

Na verdade, essas Índias e seu Pajé vieram ou do Maranhão ou de Parintins, onde podem se encaixar com propriedade ao lado da Cobra Grande e de outros seres amazônicos.

Na Parnaíba, elas apareceram no final dos anos 1990 e o primeiro Boi a incorporá-las foi o Lírio do Campo, o Boi de Hélio Lemos. Para entrar, não pediram licença nem chegaram devagarinho. Nada disso. Súbito, estavam elas lá, vestidas de índias carnavalescas. Foi também o Lírio do Campo que fez aparecer o Estandarte, conduzido por uma Porta-estandarte. Depois disso, ninguém refreou mais as mulheres. O passe foi liberado e quantos Bois quiseram já as têm.

Em 2005, vestidas de homem, como Caboclos Reais e Boieiros, meteram-se nos Cordões. No Novo Fazendinha, mais auda-

ciosas, duas moças vieram à frente, puxando os Cordões, como Caboclos-guia. Talvez os tradicionalistas nem tenham percebido. Simplesmente acham uma aberração trazida do Maranhão, ou de Parintins, por influência negativa. Ainda não viram que as garotas já ocupam lugar no batalhão inteiro (menos na catrevagem, até agora), seja como brincantes seja como donas-de-Boi (Socorro, Nunes, Conceição). Com isso, queira-se ou não, concorde-se ou não, elas trouxeram ao Boi de São João um novo frescor; frescor de algo bem vivo, dinâmico e aberto ao novo. O certo é que os Donos-de-Boi modernizados não se despegam mais de suas Índias, nem de seu Pajé que, segundo eles, vem à Fazenda a chamado do Amo para curar o Boi.

## Outras novidades

Ah, são muitas! Muitas mais do que supõem os defensores do tradicionalismo. Algumas fazem doer o coração mesmo daqueles que não sejam tão aferrados à tradição. Mas há que ver que são essas mudanças que têm feito o Boi sobreviver, manter-se vivo e tão esfuziante quanto outrora. Mais que meras influências de Bois de fora, são fruto do clima competitivo dos campeonatos. Na ânsia de vencer, de ser o Campeão do Ano, cada Dono-de-Boi quer que o seu Batalhão ultrapasse todos os outros em garra, galhardia, beleza, canto, dança, brincadeira e... criatividade, originalidade, inovação. É aí que os Donos-de-Boi extrapolam e deram de fugir da mesmice, ou seja, da tradição pura. Conheço vários brincantes revoltados com a nota baixa dada ao quesito de Tambores ao Rei da Boiada só porque havia no Batalhão toque de banjo, cavaquinho e pandeiro. Mas nenhum julgador, nem mesmo aqueles que têm julgado o quesito Toadas, jamais perceberam ou souberam que o mesmo Rei da Boiada canta uma toadinha do Garantido (Parintins), com nova letra, como se fosse sua: “Rei da Boiada do Catanduvás, povão...” aparece em troca da letra original: “**Boi Garantido, ...**”).



## A saída dos Vaqueiros

Uma das maiores mudanças ocorrida nos Cordões foi a saída dos Vaqueiros, aquele grupo que vinha entre os Caboclos Reais e os Boieiros. Por iniciativa de Hélio Lemos, dono do Lírio do Campo, para que o seu Boi entrasse no Arraial diferente dos demais, os Vaqueiros foram tirados dos Cordões e passaram a brincar unidos, como um grupo isolado.

O efeito visual foi bom. Provoca maior vitalidade à evolução geral, que era simples e simétrica, marcada apenas pela fileira dos Cordões em vai-vem. Com a vitória do Lírio do Campo, a novidade espalhou-se pela malhada. Hoje, só alguns Batalhões, os tradicionais, ainda não tiraram os Vaqueiros dos Cordões.

Mas, além de terem saído dos Cordões, toda a vestimenta deles foi alterada. Parecem-se hoje com vaqueiros americanos, aqueles que são imitados pelos peões de boiadeiro dos rodeios de Barretos, São Paulo. Em troca dos antigos chapéus, adornados de flores, usam chapéus industrializados, sem qualquer enfeite a não ser o barbante que se prende ao pescoço. Além disso, estão sempre com um laço de corda na mão, prontos a laçar o Boi que nunca laçam; nem ameaçam.

**PLUMAS.** Surgiu também o uso de plumas industrializadas, saídas das Escolas de Samba, mas, como compensação simpática, entrou a palha de carnaúba, que foi ricamente usada na fantasia do Pajé, do Novo Fazendinha, em 2005.

**BOI DE ESTANDARTE.** Já um Estandarte levado por uma Porta-estandarte é novidade criada pelo Lírio do Campo. O estandarte é tradição dos maracatus, dos blocos e clubes de frevo de Recife assim como a bandeira e sua Porta-bandeira são tradição das Escolas de Samba do Rio. O Estandarte que o Lírio do Campo lançou no seu Batalhão, levado por linda brincante, trazia estampados uma cara-de-boi e o nome do Boi, substituindo o nome estampado no lombo do seu Boi.

**VIOLÊNCIA, NÃO.** Não dá muito para acreditar que nossos velhos Bois de São João saiam hoje acobertados por Organizadores e Seguranças. Mas há que acreditar. É coisa recente e nascida também do espírito competitivo do Campeonato. O Novo Fazendinha, para se apresentar no Arraial, veio guardado por 4 Seguranças e 4 Organizadores. Os Seguranças fazem a segurança mesmo: vigiam se alguém quer boicotar a apresentação, perturbar, atrapalhar ou agredir brincantes. Os Organizadores zelam pela boa exibição dos brincantes. Socorrem em caso de pequeno acidente, apanham e guardam adereços que caem e tudo mais que possa prejudicar a exibição.

**OUTRO ASPECTO MILITAR.** Além de se chamar Batalhão e as fantasias serem Fardas, os Bois da Parnaíba ampliaram esse caráter militar com a entrada dos Sargentos, dois brincantes que acompanham os Cordões, dançando o tempo todo.

Alguns Donos-de-Boi me disseram que os Sargentos existem na Parnaíba há mais de dez anos. Acrísio, do Novo Fazendinha, tem 35 anos de idade e me disse que vê Sargento nos Bois desde criança. Significa então que apareceram há mais de vinte anos, exatamente quando os Bois começaram a sofrer essas mudanças.

Os Sargentos não são personagens; nada têm a ver com a trama do Boi morto. Sua função é fazer com que os brincantes dos Cordões não esmoreçam um só momento, nem percam o pique da dança, nem do canto, a fim de que lutem pelos prêmios e vitórias. Mas estão presentes mesmo fora dos campeonatos. Em qualquer casa ou arraial que o Boi brinque, aí estão os Sargentos cumprindo sua missão, impedindo que eles deixem a brincadeira cair por falta de garra e energia.

— É o capataz da fazenda, já me disseram. Estão o tempo todo vigiando a Vaqueirama para que ninguém cometa erros e os conserte, se cometer.

São eles que comunicam a todos os brincantes dos Cordões a mudança de passo ditada pelo Caboclo-guia.

## Até o Boi?

E sobrou também para o próprio Boi, o bicho, o mito, o ícone; a mais rica e fina tradição dos nossos Bois; a única até agora ainda não estropiada nem adulterada. Em alguns Batalhões, porém, o Boi tornou-se tão grande e pesado (Lírio do Campo e Flor do Lírio) que é preciso ser muito bom Faca para brincar debaixo dele. A todo instante é preciso mudar de Faca pois ninguém o agüenta por muito tempo. O Boi de Seu Bandeira, o Igaráçu, tem os olhos acesos por lâmpadas e mexe a cabeça para os lados. Alguns passaram a carregar uma argola presa no focinho, costume dos boiadeiros de Minas e São Paulo, para que possam dominar o touro brabo. O Mirim Prateado apareceu em 2005 todo branco, sem estampa nem nome no lombo e com um coração vermelho fincado na testa, numa vulgar imitação dos bois de Parintins. Agora, numa inovação ainda maior, o Rei da Boiada trouxe um grande São Judas Tadeu (Padroeiro do Catandubas) feito de purpurina no lombo do Boi. O padre do Bairro não gostou.

**MUDANÇA DE COSTUMES.** Mas não é só no visual que o Boi está mudado. Os Batalhões já não saem pelas ruas a pé em direção às casas adonde vão brincar. Em vez disso, vai todo mundo aboletado dentro de um ônibus ou em cima de um caminhão. Apresenta-se na Esplanada da Estação para um público de duas mil pessoas. Mas é em clima de competição e não mais pela pura alegria de brincar. Ali, o Amo canta com a mão direita no maracá e a esquerda segurando um microfone. De lá, sai levando um prêmio em dinheiro ou a tristeza de ter perdido para um Contrário.

**DOIS BOIS JUNTOS.** Nos anos quarenta, quando dois Batalhões se encontravam na calada da noite, pelas ruas da Parnaíba, a briga era inevitável. Soco, pernada, faca, navalha, parnaíba (não é à-toa que parnaíba é também o nome de uma faca peixeira). Mas isso também mudou. Hoje em dia, para os arraiais de bairro, cada

Boi convida todos os outros, que aceitam o convite e comparecem. É comum, então, como manifestação de amizade e de boa acolhida, que o Boi anfitrião brinque junto com um dos convidados. Ah, é belo de ver! Empolgante! Dois Bois no mesmo curral, duas Catretagens, dois grupos de Tambozeiros, dois Amos contrários e uma Vaqueirada de mais de cem brincantes. Uáu!!!

**BOI DE MULHERES.** Cafuringa é um grande mestre artesão de Bois e Escolas de Samba. Em 2002, entrou fortemente para a História do Boi da Parnaíba quando levou ao Arraial um Batalhão todo de mulheres, mocinhas dos Tucuns (Bairro São José), onde ele mora. Apresentado dentro da competição, ficou muito abaixo das aspirações do dono. O Boi não emplacou. Não agradou e fez flamejarem de ira os olhos dos tradicionalistas. O Boi não saiu mais. O Cafuringa, porém, não desistiu da idéia e está preparando outro, também só de mulheres, para 2006. Não pretende, porém, competir; apenas brincar. E mal anunciou, ainda à boca pequena, sua intenção, já as garotas do bairro se alvoroçaram.

**UM DESEJO.** Juntar Tambozeiros e Amos de todos os Bois formando uma Orquestra de Tambores, Roncadeiras, Maracás e Apitos mais o Canto de Toada dos Amos.

**TORNOU-SE UM BRINQUEDO DE JOVENS.** Com exceção do Novo Vencedor, o Boi dos Morenos, já não se vêem muitos brincantes com mais de trinta anos de idade. O Boi de São João a cada ano se remoça. A média de idade dos brincantes anda pelos 22 anos. O Boi está mais e mais juvenil. Acrescentando-se a isto o bom número de Bois de meninos, o Boi de São João da Parnaíba tem um belo futuro a trilhar. Só se extinguirá agora se...

**COMPRA DE PASSE.** De um modo geral, os Bois da Parnaíba são todos Contrários uns aos outros. São defendidos por seus brincantes e pelos moradores dos seus bairros. Cada morador ligado ao Boi torce por ele e o defende, se necessário. Sempre foi assim e mais ainda agora, que disputam prêmios. Aí, é cada um por si. Mas um

Dono-de-Boi ajuda outro, se preciso. Encontram-se, como companheiros, e juntos reivindicam seus interesses gerais. No entanto, queira-se ou não, rusgas existem. Pois se deu que, em 2005, um Dono-de-Boi que perdeu no Arraial convidou três brincantes de outro Boi para vir brincar no seu. Ofereceu quinze reais a cada um: 5% do salário mínimo. E os brincantes se passaram para o Contrário. É negociação jamais nos tempos do Deoclécio. Equivale a compra de passe, no futebol.

**EXPULSÃO.** Também já aconteceu que um brincante de Boi foi visto brincando num Batalhão Contrário. Dia seguinte, o dono do Boi do seu bairro foi à sua casa, pediu-lhe à farda e aquele brincante não brincou mais no Boi do bairro, que ele tanto defendia. Julgou que o brinquedo era universal. Ainda não. Continuam contrários os Bois de bairros distintos.

**DIA DO FOLCLORE.** O dia 22 de agosto de 2005 não foi lembrado na Parnaíba pelas ditas “autoridades competentes” e já se ia terminar a semana quando os Bois festejaram a data. Por iniciativa do Batista do Cantanduvras, reuniram-se vários Bois no Campo do Botafogo, numa celebração festiva comemorando a data. Tudo pensado e realizado de um dia para o outro. Pediram à Prefeitura um caminhão ou ônibus para transporte dos brincantes e não conseguiram. Tiveram de alugar um caminhão gastando do próprio bolso. Compareceram o Rei da Boiada, o Novo Vencedor, o Garantido, o Flor do Lírio, o Igarauçu e o Novo Fazendinha. E a festa se fez.

**SOLENIDADES, FESTAS E COMÍCIOS.** Durante os últimos quatro anos (2001 a 2004), os Bois apareceram em muitas festividades a convite da Prefeitura. Eram inaugurações e festejos. No aniversário da Parnaíba de 2003 e 2004, houve desfile cívico-festivo, noturno, com a participação de representantes de toda a cultura popular da cidade. O fechamento dos desfiles era com um Boi. Empolgação geral. Houve também presença de Bois em comícios, durante a campanha política de 2004. Esses convites são importantes para

os Bois, que precisam fazer caixa para se vestir a cada ano. É preciso que a Prefeitura tenha sempre em mente que os Bois, além de precisar de dinheiro encantam qualquer festa e fazem o brilho de qualquer festejo. Em 2005, porém, a Prefeitura os esqueceu. Nenhum Boi foi chamado por ela para qualquer apresentação fora do Arraial.



# ***O Boi vivo***

*Todo mundo aqui faz parte. Marido,  
mulher, filhos e sobrinhos.*

Socorro Cardoso, do Igarapu





## Estrutura familiar

Com poucas exceções, o Boi da Parnaíba tem a família por base. Um Dono-de-Boi que era uma dessas exceções foi o soldado Deoclécio, aquele do “boi mais enfeitado”. Ele, sozinho, era o dono do Boi e pronto. Era o Boi do Deoclécio. Afastadas as poucas exceções, todos os Bois, mesmo administrados por homens, possuem o envolvimento familiar: mulher, filhos e demais parentes. Nascido nas camadas mais pobres da cidade, muitas vezes, em casas de chão de terra batida ou cobertas de palha, o Boi de São João é esteio familiar. Muitas famílias de Dono-de-Boi vivem para o Boi; pensam o Boi o ano inteiro. Cada filho nasce ouvindo o Boi e, desde pequenininho, veste Farda de Boieiro. Em 2005, as mascotes do Mirim Prateado não tinham mais de três anos de idade.

A maior família de Donos-de-Boi é a do Novo Fazendinha. São cinco irmãos e uma irmã, entre os 16 e os 48 anos de idade. Todos são envolvidos com o Boi, além de suas mulheres, filhos, sobrinhos e cunhados. Acrísio, que trabalha na Parnaíba como jardineiro de casa rica, é quem assume as responsabilidades e é o Presidente do Boi. Habitantes da Fazendinha há muitos anos, eles moram em cinco casas vizinhas, na Rua Evangelina Rosa. Todos fazem alguma coisa pelo Boi, seja o que for. Quando é preciso, quem pode, bota dinheiro do seu bolso.

A partir de abril, em todas as famílias, o assunto passa a ser o Boi. E, quando começa o trabalho de vestimenta, todo mundo trabalha na feitura do fardamento, dos capacetes, chapéus, enfeites, máscaras e seja mais o que for. Cada casa de Dono-de-Boi torna-se um atelier ou, como se diz em Escola de Samba, um barracão. Ali, todo mundo enfeita chapéus; cola penas de pavão ou pinta capacetes. A casa de um Dono-de-Boi vira um barracão artesanal.

## Núcleo comunitário

Em alguns casos, o Boi se constitui um núcleo comunitário vivo e dinâmico dentro do bairro. Era assim com o Lírio do Campo. Durante o ano inteiro, os brincantes giravam em torno do fundador e dono do Boi, doutor Hélio. Sua casa, esquina de Vera Cruz com Sete de Setembro, era um eixo que aglomerava homens do bairro, dia ou noite, chuva ou sol.. Ali se consertava um cano furado, limpava-se o quintal, varria-se, faziam-se mandados, almoçava-se, conversava-se sobre o Boi. As vitórias e a Morte do Lírio do Campo eram regadas a muitos litros de cachaça, tudo bancado por doutor Hélio. Mas veio sua morte e o bairro se entristeceu. No ano seguinte, Consola, como todos os brincantes chamam a viúva de Doutor Hélio, bancou a permanência do Boi, mas o núcleo se havia desfeito. Por fim, em 2005, acabou-se o Lírio do Campo e, dele, nasceu o Flor do Lírio. Mas o antigo núcleo comunitário não se refez.

Bem longe de lá, no Bairro Piauí, Seu Bandeira e Dona Socorro também nutrem o núcleo comunitário do Boi Igarauçu. É um Boi que jamais se dispersa. A qualquer época do ano, é possível chamar o Igarauçu para brincar que ele está pronto. É só avisar o pessoal. E avisar sempre dando uma hora de antecedência: se o compromisso é às sete, Bandeira avisa aos brincantes que é às seis, pra ver se chegam às seis e meia.

Na casa de Seu Bandeira respira-se Boi o ano inteiro, com exceção de outubro, quando Socorro veste o burel de São Francisco

e vai ao Canindé com o filho mais novo e alguns brincantes. É praxe; é de lei; é promessa.

## Os Brincantes

Em todos os bairros da Parnaíba encontram-se homens que brincam ou já brincaram em Boi. Todos são pobres. Nenhum filho de rico jamais brincou em Boi. (O único folguedo parnaibano em que brincaram filhos de gente rica foi o das Pastorinhas, quando organizado pelo bispo Dom Felipe Conduru Pacheco, há cinqüenta anos.) Os brincantes de Boi são moradores do mesmo bairro. Todos se conhecem desde criança. Só agora, a partir dos Campeonatos, Donos-de-Boi arrebanham brincantes de outros bairros para brincar no seu Batalhão. Mas ainda é raro.

Os brincantes são pedreiros, serventes, vigias, vendedores de picolé, jardineiros, pintores de parede, agricultores, pegadores de caranguejo... Muitos são analfabetos e não possuem documentos. É comum que um Dono-de-Boi chame um companheiro para receber o dinheiro dos prêmios porque não sabe assinar o nome ou não tem documentos pessoais. Em alguns Bois infantis, há crianças fora da escola e jovens de quinze anos de idade que abandonam os estudos antes de concluído o ensino médio.

Se, nas Quadrilhas de adultos, está bem definida a faixa etária dos brincantes, que é juvenil, nos Bois, há brincantes que começam aos três, quatro anos de idade e vão até aos sessenta e tantos. Um dos Amos do Novo Fazendinha, João Rodrigues, pai do Canário, tem setenta anos e canta ainda com brio e firmeza. O mascote do Mirim Prateado, em 2005, tinha três anos de idade. Seu Bandeira, do Igarauçu, tem setenta. E, tal como os brincantes, os Bois também não são documentados. Nenhum deles possui estatuto, diretoria legalizada, CNPJ, nem registro em cartório. Nos três celeiros de Boi, os brincantes são apaixonados pelo Boi em que brincam. Sa-

bem parte das dificuldades vencidas pelo dono do Boi para vestir o Batalhão e têm a gana de vencer no Arraial.

Os únicos personagens que exigem uma certa escolha especial de brincantes são os da Catrevagem. Para fazer Catirina, Folharal, Burrinha, Cazumbá e Gregório, é preciso que o brincante tanto compreenda bem a função desses personagens como tenha já o espírito brincalhão e a desenvoltura trapalhada que cada papel exige.

Nenhum Boi deixa de ir às ruas, na Parnaíba, por falta de brincantes, a não ser durante o dia, em hora de trabalho. E para os ensaios, basta que se anuncie que se vai botar um Boi e os brincantes de todo o bairro aparecem e procuram o dono do Boi.

## Dono-de-Boi

O primeiro Dono-de-Boi que conheci foi o soldado Deoclécio; o segundo foi o Capitão Boca-Mole, dono do Boi Misterioso, da Mustardinha, em Recife. Os dois já morreram e os dois foram famosos; cada um com seu Boi, cada um sua cidade. Foram velhos Donos-de-Boi na Parnaíba o AdriãoNeres, o Sebastião Santos, o João Peinha, o Lorico. Este Lorico era um marceneiro e calafate que fazia e calafetava canoas. Era o pai do Borê, que também é calafate. O Lorico botava Boi de meninos, nos Tucuns. Mas não os conheci.

Hoje, conheço todos os Donos-de-Boi da Parnaíba. Conheço suas casas, sei o que fazem, como vivem, o desemprego de alguns e as dificuldades de todos. Por isso, quando vejo seus Batalhões brincando, me espanta que aqueles homens, de vida tão humilde, tenham produzido esses espetáculos de tanta beleza e de origem secular, tudo passado de pai pra filho por gerações e gerações. E penso: o que faz, hoje em dia, um parnaibano ser Dono-de-Boi? É paixão. O Boi corre no sangue de um Dono-de-Boi como um componente vital tão importante quanto necessário. Vem de nascença.

Na moderna cidade de hoje, em que brincam dezesseis Bois, nenhum Dono-de-Boi é conhecido pela população, como antigamente o soldado Deoclécio. Poucos são conhecidos pelos Secretários da Cultura, do Turismo ou da Educação. No entanto, são pessoas importantes e de alta liderança em seus bairros. Alguns são Presidentes da Associação de Moradores ou participam de algum grupo da Igreja. São líderes dentro de sua comunidade. Seus brincantes têm confiança neles e basta que os chame.

Assim como a base do Boi é a família, o chefe da família é o “dono do Boi”, seu organizador e responsável. É assim, por exemplo, nos Bois do Catanduvas: o Batista é o responsável pelo Rei da Boiada e pelo Garantido; o Claudiano é o responsável pelo Novo Vencedor e pelo Novo Dominante. No Igarçu, as tarefas são divididas entre o dono e a dona da casa, Raimundo Bandeira e Socorro, marido e mulher.

A tendência atual, porém, é que os Bois se organizem como empresa ou agremiação. Alguns, como o Mirim Prateado, já possuem nome empresarial (Agremiação Mirim Boi Prateado) e Diretoria, com Presidente, Vice-Presidente, Tesoureiro e Diretor de Eventos, que promove ações que possam render algum dinheiro: bingos, rifas, shows, excursões...

## Uma Liga

Seguindo o exemplo das poucas Escolas de Samba da Parnaíba, que são todas devidamente legalizadas em cartório, alguns Donos-de-Boi já estão em busca dessa legalização.

Tendo como exemplo a LIESA (Liga das Escolas de Samba do Rio de Janeiro), que tomou para si o encargo de organização do desfile das Escolas do Rio, as Quadrilhas da Parnaíba trataram de se unir (pelo menos nisso) e fundaram a Liga das Quadrilhas da Parnaíba. Acreditavam os brincante que assim tirariam da Secretaria da Cultura o mando e desmando no Campeonato do Arraial.

Criada no início de 2005, a Liga ainda não mostrou eficiência. Pretendeu juntar a si também os Bois. Não deu certo. Pretendeu impor as regras do Campeonato. Não conseguiu. Tentou impor o valor dos prêmios. Conseguiu menos ainda. Impôs que disputassem o Campeonato somente as Quadrilhas participantes da Liga. Também nisso foi passada pra trás. Por fim, depois de diversos desentendimentos internos e acabado o Arraial, a Liga das Quadrilhas mantém silêncio.

Agora, os brincantes de Boi desejam criar também a sua Liga. Talvez seja menos difícil, pois o pessoal do Boi tem o espírito de rivalidade inferior ao que existe entre as Quadrilhas. É preciso, somente, que haja liderança e muito empenho. É o caminho mais apropriado para que o Boi apareça com um certo poder no contexto das situações externas que o envolvem.

## Ensaaios

Alguns Bois começam a ensaiar em abril. Em maio, já estão todos ensaiando, salvo alguns de meninos, que pouco ensaiam. Um destes é o Garantido que, segundo seu dono, o Batista, ensaia pouco; já às vésperas do Arraial. O Mirim Prateado começa ensaio em abril. No início, duas vezes por semana; a partir de maio ensaia três ou até quatro vezes. Em 2005, os ensaios do Prateado foram feitos na quadra da Escola de Samba Império do Cais (Rua 2 de Fevereiro), nos Tucuns. Às sete da noite começa a chegar a garotada e, quando os tambores soam, chega todo mundo. Se ensaiam todas as noites, os brincantes adolescentes estão ocupados, longe de drogas e produtos afins.

Perto dali, o Flor do Lírio ensaiou na rua, em frente à casa do Arlindo, um dos seus responsáveis. No Catanduvás, o Campo do Botafogo, em frente à casa do Batista serve para todos os Bois do Bairro. O Novo Fazendinha tem um descampado perto da casa do

Acrísio, mas ensaia quase sempre é em frente à porta de casa, que se torna centro comunitário.

Com a ânsia (ou necessidade) atual de vencer o Campeonato, surgiram os conceitos de Evolução e Coreografia. Todos os Bois grandes, que são os que têm ganho os Campeonatos, se esmeram em se fazer diferentes entre si e nisto está a base de todas as mudanças que têm ocorrido nos Bois. Os ensaios são puxados e específicos. Há ensaios separados para os dois Cordões, para o grupo do Pajé e suas Índias e para os Vaqueiros. Só no final, quando os diversos grupos já estão com a “coreografia pronta”, juntam-se todos e “arrematam a Evolução”. Se o soldado Deoclécio ouvisse isto não ia entender nada.

## Quanto custa um Boi

Vestir um Boi significa deixar o Batalhão pronto para se apresentar. As despesas são variadas: compra de tecido, calçados, chapéus, aviamentos, enfeites, contas, espelhos e plumas; pagamento de costuras; pagamento de confecção do Boi e da Burrinha; pequenos gastos com as fantasias da Catrevagem; troca de couro ou pele dos tambores; compra ou aluguel de tambores.

Os Bois da Parnaíba são pobres. Neles, não há luxo, embora haja brilho.

O valor total das despesas depende em primeiro lugar do número de brincantes. O Boi do Bandeira tem um batalhão de 26 homens; o Novo Fazendinha vem com mais de oitenta. Bandeira cria e faz o seu próprio Boi; os outros têm que pagar a quem faça pra eles.



<b>Despesas do Novo Fazendinha em 2005</b>	
Compra de tecidos	R\$ 1.280,10
Compra de brilhos e chapéus	R\$ 555,50
Capacetes/ Chapéus	R\$ 430,00
Gratificação ao Zé Rodrigues (Amo)	R\$ 350,00
Costuras	R\$ 418,00
Confecção do Boi e da Burrinha	R\$ 200,00
Pagamento de Empréstimo de Cristóvão	R\$ 125,00
Pagamento de Empréstimo de Acrísio	R\$ 125,00
Farda dos Vaqueiros	R\$ 120,00
Compra de Penas	R\$ 100,00
Gratificação a João Rodrigues (Amo)	R\$ 100,00
Gratificação ao Paulo (Organizador)	R\$ 100,00
16 Camisas Tambozeiros/ organizadores	R\$ 80,00
Gratificação a Naldo (Amo)	R\$ 50,00
Gratificação a Honório (Organizador)	R\$ 50,00
Artesãos de Capacetes e Chapéus	R\$ 40,00
Gratificação ao Caranha (Faca)	R\$ 30,00
Gratificação ao Lambeno	R\$ 10,00
Gratificação ao Daniel (Pajé)	R\$ 10,00
Gratificação ao Pai Francisco	R\$ 10,00
Bingo do Zé Rodrigues	R\$ 50,00
Gravação de vídeo	R\$ 50,00
Merenda da negrada	R\$ 30,00
<b>Total</b>	<b>R\$ 3.045,50</b>
<b>(Mil, cento e setenta e um dólares.)</b>	

## Crédito no comércio

Apoiar os Bois da Parnaíba é dar impulso ao aparecimento e amadurecimento de artistas populares e artesãos de diversas áreas: compositores, artistas plásticos, bailarinos, figurinistas e pintores ao mesmo tempo em que abre campo de trabalho para costureiras. Isto porque os Brincantes exigem de si mesmos o máximo de profissionalismo. Se, antigamente, cada brincante arcava com a despesa de própria roupa, hoje todos os custos de todas as roupas são pagos pelo dono-do-Boi, seu responsável ou Presidente. Se, por um lado, acabou-se o amadorismo dos velhos tempos, agora, qualquer Boi que se apresente de modo amador está fadado à derrota no Campeonato. O espírito de competição e a corrida contra o relógio passaram a levar cada Dono-de-Boi a superar todos os percalços e bancar sozinho todas as despesas. Nenhum Boi tem qualquer saldo em caixa.

Os Bois contam somente com o valor da premiação, que lhes é entregue somente depois de terminado o Arraial. E somente os vitoriosos têm direito a prêmio. Então todo Dono-de-Boi depende do comércio local, que jamais ajuda qualquer Boi com dinheiro. Não adianta pedir. Nem mesmo descontos no valor da compra, nenhum comerciante concede.

Além de tecido, calçados, chapéus, instrumentos e peles, o Comércio do Boi inclui um catálogo de produtos de efeito visual: brilhos, vidrilhos, miçangas, canutilhos, espelhos, fitas, medalhas, plumas... Até agora, apenas a loja Iforpel atentou para a importância desse comércio que serve também às Escolas de Samba e blocos de carnaval. Atento a tal mercado, Araújo, proprietário da Iforpel, vai às capitais e compra um vasto estoque desses produtos. E abriu crédito para os Bois que tinham mais condições de vitória: Novo Fazendinha, Lírio do Campo, Rei da Boiada e Prateado. Se não houvesse esse crédito, esses Batalhões não teriam se vestido em 2005.

Terminado o Arraial, recebidos os Prêmios, fizeram-se os pagamentos. Mas... e os Bois que gastaram mais do que receberam

de prêmio? Aí é outra questão. Escancara-se um novo horizonte para os próximos anos: que os Bois não contem somente com o dinheiro da premiação; que busquem outras fontes de aquisição de verba. Quais?

## Corrida contra o relógio

É triste, mas o Boi da Parnaíba está por inteiro dependente dos prêmios da Prefeitura. Em 2005, dois dos nossos melhores Bois e os mais tradicionais (não tradicionalistas), o Novo Fazendinha e o Rei da Boiada, quase não saíram. Por que? A Prefeitura demorava a informar o valor das premiações; os donos dos Bois não tinham critério para seus gastos; o comércio não lhes concedia crédito sem saber o valor dos prêmios. Procurado pelos donos daqueles dois Bois, levei-os à Iforpel. Expliquei que eram dois dos nossos melhores Bois e que, com certeza, estariam entre os cinco primeiros colocados. Com esse aval, pedi crédito para as compras. Valdiane, a gerente, precisava do valor dos prêmios. O tempo passava. Cristóvão, do Novo Fazendinha, me dizia:

— A gente precisa logo dos enfeites, que é um trabalho lento enfeitar chapéus e capacetes. Costura, não; a gente espalha por muitas costureiras.

Finalmente, saíram os valores. Araújo permitiu o crédito; o Armazém Mesquita fez o mesmo para os tecidos; as compras foram feitas e o pessoal dos Bois teve que correr nas costuras e no artesanato de adorno. Na Esplanada da Estação, o Novo Fazendinha e o Rei da Boiada brilharam e se sagraram Campeão e Vice-campeão.

Acontece que as duas lojas venderam também a outros Bois, que receberam prêmios, mas inferiores ao valor de suas compras. E aí?

E os Bois pequenos, que não tiveram crédito, nem prêmio... como se saíram?

## Fardamento

O Boi de São João é de colorido forte, quase sempre de cores primárias, com algumas combinações que podem ferir o gosto de alguns artistas eruditos. Não há cores fixas para cada Boi, como nas Escolas de Samba, nos Cordões do Pastoril (azul e encarnado) ou da Marujada, em que predomina o branco com detalhes azuis, como os marinheiros. As cores preferidas e mais constantes dos nossos Batalhões são vermelho, azul, amarelo e verde, que podem se fundir com o branco e com o preto. Do preto, em geral, todos os Bois fogem de usá-lo nas roupas, mas já foi muito bem empregado pelo Igaráçu, em 2001, quando os Cordões vestiram um peitoral preto bordado a ouro e prata sobre calça branca. Nada, porém, de estamparia, que aparece somente no vestido da Catirina.

O fardamento é o conjunto das roupas do Batalhão: do Amo, dos Caboclos Reais, Boieiros, Vaqueiros, Tambozeiros, dos brincantes da Catrevagem, dos Sargentos e até dos Seguranças e Organizadores. Os Caboclos e Boieiros, que formam os Cordões vêm, em geral com calça comprida (de cetim ou não) com enfeites laterais de alto a baixo e fita ou franja como atavios; camisas de cetim, mangas compridas e colete ou não, mas sempre com enfeites de fitas ou franjas. Como pertences, usam lanças de madeira, que podem vir com fitas. O Lírio do Campo, em 2001, estampou na calça branca dos Cordões o desenho de logomarca do Batalhão: uma cabeça de Boi com longos chifres arqueados. O Rei da Boiada também já usou camisas com logomarca impressa nas costas

Os Vaqueiros têm agora farda quase padronizada, nos padrões de roupa dos peões de boiadeiro dos Rodeios de São Paulo: calça branca com enfeites laterais, cinturão, sapato preto, camisa marrom de manga comprida com enfeites, lenço no pescoço, franjas, cordas cruzadas no peito, chapéu de peão de boiadeiro mineiro-paulista, corda de laço na mão direita.

O Amo usa roupa próxima à dos Caboclos e Boieiros, porém diferenciada, sobretudo no chapéu, que é ricamente trabalhado com contas e até com fitas, como o do Igaráçu. Os Tambozeiros estão sempre atrás ou ao lado do Amo. Vestem-se com o brilho do cetim e as mesmas cores fortes dos Cordões, mas sem muitos enfeites. Do Faca, vêem-se apenas as pernas. Por isso, era desvalorizado. Isto mudou. Um Faca dos Grandes Bois, hoje, usa uma calça tão bonita quanto a dos Caboclos, mesmo que dele só se vejam as canelas e os pés. Esta compreensão de que o Faca também deve vestir-se em acordo com o fardamento geral foi outra novidade lançada pelo Lírio do Campo.

A Catrevagem veste um figurino mais livre, embora dentro do estabelecido para cada personagem. A Catirina, usa um vestidinho surrado, com barriga de gravidez ou não, lenço ou peruca na cabeça. Antigamente, feita porhomens grandalhões e fortões, era cômica, sobretudo em sua participação na Representação da Morte. Com o tempo, tornou-se o personagem mais feio e mais mal vestido em todos os Bois. O Pai Francisco é o mais certinho: calça branca, capa longa e vermelha caindo pelas costas e espingarda na mão. Se não é feita a Representação da Morte, Pai Francisco e Catirina não têm a menor função dentro do Boi, pois sequer são pícaros, como o Folharal, o Cazumbá e a Burrinha. Estes, mais o Gregório, são os que mantêm a face alegre, picaresca e cômica dos Bois de hoje. O Folharal é o mais mítico dos mascarados. Com farfalhante saia de folhas secas de bananeira (a Folhaça), máscara e chapéu velho, é um brincalhão. Talvez por causa da máscara e por lembrar um bicho, um espantalho ou um ser misterioso das matas, é o mais amedrontador. Alguns, muito bem montados, escondem todo o corpo do brincante. Em parêntese com a Burrinha, o Folharal compõe o par de personagens mais livres de movimentos e estrepolias. Do corpo do brincante da Burrinha, vê-se apenas da cintura pra cima. É como um centauro de duas cabeças, a do ani-

mal e a do homem. Catirina, Folharal, Burrinha e Cazumbá levam na mão a Cachimbada: meia de homem cheia de areia ou papel que serve para bater na molecada. Mesmo sem a Representação da Morte, suas presenças continuam marcantes numa brincadeira de Boi. Personagem novo na Catrevagem, o Gregório, trazido não sei de onde, é um menino de bata longa encimada por uma peneira. Nos Bois da Parnaíba, tem sido apenas uma figuração sem muito sentido, a não ser o de compor o núcleo dos fantásticos e acrescentar movimento à área da brincadeira.

As fantasias das Índias e do Pajé têm se mostrado distantes do contexto geral de roupas do Boi. Puxadas para o carnaval, são sempre umas índias vestidas sem graça nem bom gosto. A faceirice das brincantes em sua dancinha e a boa exibição de bailarino de alguns Pajés (como o do Novo Fazendinha) salvam esses personagens que se intrometeram nos Batalhões sem aviso, nem licença. Bravo a Seu Bandeira, que ainda não lhes deu acesso ao Igaracu! O Igaracu é o mais ortodoxo dos nossos Bois; quase fundamentalista.

Os Sargentos vestem farda militar branca, que lembra oficiais da Marinha, e casquete na cabeça, como recrutas do Exército ou da Aeronáutica. Brincam sem parar, mas não pela alegria pura de brincar, e sim para fazer com que os Cordões não desanimem nem vacilem na brincadeira. Por fim, há os Organizadores e Seguranças, novidade também do Novo Fazendinha. Vestem-se de modo discreto, de preto, com inscrição na camisa designando suas funções e o nome do Boi.

Nos velhos tempos, terminada a temporada da brincadeira, cada brincante ficava com a sua farda. Ele mesmo havia pago por ela e, portanto, lhe pertencia e a aproveitava como quisesse. Alguns brincantes possuem suas fardas de muitos anos, como coleção memorial. Agora, mudou. Visto que tudo é comprado pelo dono-do-Boi, nem roupa nem capacetes pertencem aos brincantes. Tudo pertence ao Boi. Mas cada um é responsável por sua roupa, duran-

te toda a temporada. Guarda tudo em sua casa, inclusive chapéu e capacete. Depois da Morte do Boi, tudo é recolhido e mantido na casa do dono-do-Boi para voltar a ser usada sempre que necessário ou para, no ano seguinte, aproveitar-se o que for possível no ano seguinte.

## Arte e artesanato

Em muitos Bois da Parnaíba encontram-se com harmonia artesanato e arte.

Muito anterior às Escolas de Samba do Rio de Janeiro (que começaram a surgir no final dos anos noventa e vinte), o Boi de São João é igualmente artístico e artesanal. Aquelas Escolas cresceram e se enriqueceram; tornaram-se super-escolas. Nelas, os Bois de Parintins se puseram a mirar para se enfeitar mais e mais se divulgar. Com isso, também enriqueceram. Desenvolveram técnicas apuradas de carros alegóricos e de alegorias criadas por artesãos e artistas de alto nível. Mas tais artistas eruditos ainda não chegaram aos Bois da Parnaíba, onde tudo é simples, pobre e quase primitivo. No entanto, para que os Bois da Parnaíba alcancem aquele nível basta que se turisticuem e seus donos passem a dispor de mais recursos financeiros.

Certa vez, o Batista do Cantanduvás me disse:

— O Rei da Boiada é assim porque eu não tenho dinheiro. Se botassem dinheiro na minha mão a Parnaíba ia ver outro Rei da Boiada.

O artesanato para a vestimenta de um Boi na Parnaíba, embora ainda seja de baixo custo, é de alto requinte. (O Boi mais caro, em 2005, gastou mais de quatro mil reais, beirando os cinco, ou seja, 1.600 dólares, ao câmbio de junho).

Nos velhos tempos, tudo era feito na Ilha, na Fazendinha. Todos os Bois da Parnaíba atravessavam o rio para encomendar seu

fardamento. Até o Boi e a Burrinha. Só recentemente esse artesanato se desenvolveu nos diversos bairros fazedores de Boi.

É um artesanato que se faz em três níveis: o dos capacetes e chapéus, o da catrevagem e o dos bichos. Para a Catrevagem, gasta-se apenas com a Burrinha, que exige artesão especializado: que faça bem feitas a armação, a postura e que dê graça ao animalzinho buliçoso. Os demais personagens da Catrevagem são fruto de total criação livre e não dispendiosa. Quase sempre, os próprios brincantes fazem suas roupas e máscaras, num trabalho de criação exemplar. De tal modo possuem em si as características de cada personagem que os criam com arte, sabedoria e imaginação. Para isso, não gastam tostão. Tudo é feito de aproveitamentos, roupas velhas, panos e cartolas feitas de papelão. A composição maisdemorada é a do Folharal. Para fazer-se a Folhaça (aquela saia de folha seca), vai-se aos quintais, colhem-se folhas e folhas e folhas de bananeira. Deixa-se que sequem. Arranja-se um aro velho de roda de bicicleta e põe-se a pendurar nele folha por folha dobrada ao meio. Uma Folhaça bem ampla e folhuda precisa de umas quinhentas folhas de bananeira, ou mais. Quando pára o brinquedo, a cada ano, vai tudo para o lixo.

Mas bem distinto é vestir e adereçar os Cordões de quarenta e até de cinquenta homens. Cada Batalhão vem com seus Cordões de farda nova a cada ano. Se algum vem igual ao ano anterior, os Contrários não perdoam. O Batalhão vem novo na roupa, nos capacetes, nos chapéus, nas fitas. Embora aparentemente iguais, chapéus e capacetes são elaborados com requinte e cada Batalhão aplica neles beleza e originalidade. Visto que são cerca de uns 20 Caboclos Reais (de capacete) e 20 Boieiros (de chapéu), num Boi grande, a repetição de cada modelo torna-se obrigatória. Assim, são 20 capacetes iguais e 20 chapéus também iguais. Alguns Batalhões, porém, não se impõem a obrigação da igualdade, deixando mais livre o trabalho de quem adorna capacetes e chapéus. Por



isso, há Cordão de Caboclos Reais em que cada capacete difere dos demais, embora sigam todos a mesma linha de cores e de materiais utilizados: espelhos, moedas, cores...

Na feitura desses adereços, entram toda a família do dono do Boi e muitos dos brincantes. Sentam-se em bancos, cadeiras ou no chão, homens, mulheres e crianças a colar espelhinhos, enfiar contas em linha e costurar penas de pavão como se fosse uma fábrica artesanal de companheirismo em torno de um mesmo objetivo: a beleza final do Batalhão; sua originalidade diante dos Contrários.

Houve tempo, há trinta, quarenta anos e pra trás, em que todo o artesanato dos Bois da Parnaíba eram feitos na Ilha de Santa Isabel: no bairro da Fazendinha e nos Morros da Mariana. Hoje, não é mais assim. Desenvolveu-se esse artesanato na cidade em alto estilo com o aparecimento de muitos artífices. Tudo do Novo Vencedor e do Novo Dominante (os Bois dos Morenos) é feito pelos próprios brincantes e, entre eles, Cláudio Neres é exímio criador. Mas não são profissionais; criam e executam as peças apenas dos seus próprios Bois, o de adultos e o mirim. Os profissionais de hoje são quase todos residentes no velho bairro dos Tucuns, como para reforçar a tradicional imagem do bairro com um dos celeiros de Boi. Entre esses artesãos (ou artistas?) mais influentes, destacam-se o Cafuringa, o João Piranha, o Betinho e o Neguinho (pronunciados Betim e Neguim). Se o Cafuringa e o João Piranha são mestres na execução de Boi e Burrinha, o Neguinho é incomparável em adereços e o Betinho na criação dos figurinos de Caboclos Reais e em pinturas.

## Máscaras

Nascida nos remotos rituais religiosos de antigas civilizações, a máscara chegou ao teatro e incorporou-se a ele como o mais antigo componente teatral e o mais teatral de todos eles. Na fase de ouro do teatro grego, período de Ésquilo, Sófocles, Eurípedes e Aristó-

fanês, a máscara era usada em todas as tragédias e comédias. Daí, nos vieram aquelas duas máscaras tão conhecidas e que se tornaram símbolos do teatro: a máscara da Tragédia, com expressão de dor, e a máscara da Comédia, em riso desenfreado.

Séculos depois, a máscara desapareceu do teatro ocidental e veio reaparecer no século 20, sobretudo com o teatro do alemão Bertold Brecht. No Brasil, a máscara se fez presença constante nos antigos carnavais e, ainda hoje, é o elemento principal dos Clóvis, palhaços cariocas que pintam e bordam nos subúrbios do Rio durante o carnaval e os *paiaços* mascarados do interior de Minas. Nas Folias de Reis do interior do Estado do Rio e de Minas, a máscara é marca essencial dos “paiaços”. E sempre esteve presente no mais antigo dos nossos folguedos de rua: o bumba-meu-boi. (Ou será que os Pastoris são mais antigos?)

No Boi da Parnaíba, ela não tem apenas a função de encobrir a face do brincante, como as máscaras de carnaval. Ela faz parte do personagem. No Gregório, está de tal modo incorporada ao personagem que ele é quase só máscara; nada se vê do corpo do brincante. O Gregório é uma máscara que encobre todo o brincante. Mas é no Folharal e no Doutor Cazumbá que a máscara é essencial. Primitiva, pode encobrir apenas a face como pode envolver toda a cabeça dos brincantes, encimada por chapéu ou pano amarrado à cabeça. Importante é que componha com rigor cada personagem e que o brincante saiba usá-la no acordo da brincadeira. O Folharal confunde-se com a Mãe-natureza, quase como um homem-mato; ser primitivo da medicina das matas. O Cazumbá, ao contrário, é o homem da medicina erudita, o médico cheio de sabedoria estudada. Sua máscara é encimada pelo fogo de uma lamparina acesa, o fogo roubado dos deuses por Prometeu, como símbolo da sabedoria humana. Na Parnaíba como nas antigas fazendas de gado, resquíio do tempo em que não havia energia elétrica. Hoje, nem todos os Bois usam o fogo sobre a cabeça do Cazumbá, que já é chamado por muitos, Homem de Lata.

## Ele, o Boi

É o personagem central do brinquedo. Tudo gira em torno dele e por causa dele.

Os Bois da Parnaíba são sempre grandes. Tratados às vezes por Touro, às vezes por Garrote. A feitura desses dois bichos exige artífice exímio e é, quase sempre, encomendada a um artista especializado. É trabalho remunerado. Um touro grande e bonito não sai por menos de oitocentos reais. Um garrote chega a quinhentos reais, cerca de 190 dólares: material e mão de obra.

Somente o Bandeira não paga pelo seu Boi, o Igarçu. É o único Dono-de-Boi que faz o seu próprio Boi. Carpinteiro profissional, trouxe para a feitura do Igarçu algumas manhas e artimanhas de sua profissão. Ninguém interfere no seu trabalho quando está fazendo o Boi. Alguém pode até sugerir coisas quando se trata de um Boi de encomenda, pois a vontade primeira há de ser de quem faz a encomenda. Como resultado, o Igarçu é distinto dos demais, com os olhos luminosos e a cabeça que se move. Mas Bandeira aderiu também a um desenho na testa, coisa que é usada nos Bois de Parintins: uma estrela, um coração, um não-sei-quê.

Conforme a encomenda, um Boi pode ser mais rico, mais enfeitado ou mais simples. A tendência atual (mais uma vez por causa de Parintins) é que o Boi seja de uma só cor, sem pinturas; apenas alguns traços de adorno feitos com paieté ou purpurina. O Novo Fazendinha de 2005 veio todo negro e o Mirim Prateado todo branco. Para a Final, o Prateado trocou toda a cobertura do Boi, que veio agora todo preto. Outra tendência, também vitimada por Parintins, é que não haja mais o nome estampado no lombo do Boi, o que faz com que não seja, mais tarde, reconhecido em fotografias. Permanece, porém nos outros Bois, a moda antiga de estampar o nome na lombada. Mais que isso, o Novo Vencedor

estampa também seu bairro de origem: o Catanduvas. O Boi do Lírio do Campo, o mais rico Batalhão de toda a história do Boi da Parnaíba, tinha a cara feita de couro mesmo de Boi, pele de Boi.

## Um brinquedo de muitas danças

Havia a dança da vaqueirama, as piruetas da Catreragem e o bumba-bumba do Boi, tudo numa evolução simples, quase simplória, mas bela de ver. Os Cordões indo sempre de passos à frente, avançando, fazendo círculos que se cruzavam e retornando ao ponto de partida; voltados depois para o Boi em dois passos velozes para a esquerda e a direita. Em certo momento, lanças na mão, os Caboclos aproximavam-se do Boi e lhe faziam festa. Tudo carregado de energia viril, tendo o Boi como centro vital de toda a dança. Isto continua, mas a dança perdeu a simplicidade original e se fez mesclar por muitos outros passos outrora inexistentes. Tanto se diversificou e ampliou em grupos isolados de brincantes que a palavra Evolução entrou no linguajar dos brincantes. É palavra que jamais existiu dentro do universo vocabular do Boi. Apareceu com os Campeonatos, na busca de originalidade e no afincado de vencer os Contrários. Tornou-se corriqueira nos Bois maiores. Alguns falam até em Coreografia, como nas Quadrilhas.

A dança começa pelos Cordões, agora enormes. Alguns Batalhões quase triplicaram os antigos dez de cada lado para até 50 brincantes em cada Cordão, mesmo tendo perdido os Vaqueiros, que ficavam no centro de cada Cordão. Nos Cordões, concentra-se a dança básica do Boi. Mas, agora, em vez de uma só dança, conjunta, há várias coreografias isoladas, por grupos: os Cordões, os Vaqueiros, as Índias. Mas são os Cordões continuam a executar a dança máxima e básica do Batalhão: o Bailado Corrido, o passo mais característico do Boi da Parnaíba. Voltados para o centro, onde brinca o Boi, cada Cordão dança com dois passos largos para

a direita e dois para a esquerda, com os braços caídos ao longo do corpo ou com a mão direita segurando a lança. É o passo mais antigo e tradicional do Boi de São João. Outro é o Pique, um passo muito usado para a entrada na Arena. É lento e pulado, enquanto o Batalhão avança para a frente.

Para ajudar os Caboclos Reais, que abrem cada Cordão, os Bois criaram os Sargentos, que atuam como se fossem mestres-de-dança, ou regentes. Um Sargento para cada Cordão. Ele corre o seu Cordão, dançando no mesmo passo, incentivando e limpando a evolução. Chegando à frente, dança ao lado do Caboclo-guia, o primeiro Caboclo Real, aquele que puxa o Cordão. É o Caboclo-guia que anuncia a mudança de passo ou de evolução. Avisa ao Sargento que o passo será mudado e o Sargento corre todo o Cordão anunciando o mudança próxima e avisa ao Sargento do outro Cordão que faz a mesma coisa. Todos avisados, o Caboclo-guia levanta um braço avisando ao outro Caboclo-guia e solta um grande grito.

— Eeeeeeh !!!

E todos mudam o passo ao mesmo tempo.

Quando os dois Cordões estão juntos, lado a lado, vindo do fundo para a frente (ou ao contrário), os Caboclos-guia conversam rapidinho acertando os caminhos da evolução. Mas essas coisas acontecem nas brincadeiras não disputadas: nas casas ou nos arraiais de bairro. Na competição do Campeonato, faz-se somente o que foi estabelecido e ensaiado; nada de mudanças repentinas ou não ensaiadas.

Os Vaqueiros, depois que passaram a brincar como grupo isolado, destacado dos Caboclos e dos Boieiros, situam-se no centro, numa evolução do fundo para a frente, vindo e voltando, numa dança ágil e veloz, bem diversa da dança dos Cordões.

É nesse mesmo espaço que brincam também o Pajé e suas Índias. Elas, com faceirice, dançam sempre nas pontas dos pés e parecem mais havaianas que quaisquer moças índias das nossas antigas matas. Ele, quando o brincante é bom dançarino, busca

uma dança viril que evoque os homens da mata, mas nenhum até hoje convenceu nisso. A dança dos melhores Pajés é sempre tipo de dança de índio para inglês ver. Quase sempre o próprio brincante cria a dança para o seu Pajé.

Por fim, o mais exímio de todos os brincantes: o Faca. Debai-xo do Boi, é o único brincante a dançar carregando grande peso. Somente ele exerce duas funções: dançar e fazer o Boi balancear, bumar, correr, perseguir, fugir, conforme a situação. Enquanto a Vaqueirama dança apenas com os pés, o Faca dança com os pés, com o corpo e com as mãos. Nele, está todo o movimento do Boi, por ele manipulado. Embora o público veja dele apenas os pés e as canelas. Para isso, exigem-se do Faca mais talentos de brincante que dos demais. Sua atuação também depende do peso e da altura do Boi. Quanto mais leve, mais o Faca pode exibir sua destreza; quanto mais pesado, mais o Faca pode exibir domínio e talento. Se um Faca deixar o Boi cair é um vexame tão grande quanto o de uma Porta-bandeira de Escola de Samba que deixe cair o Pavilhão na avenida. Portanto isso, nem todo bom Faca se dá bem com um Boi grande e pesado, como o do Lírio do Campo ou o do Flor do Lírio. O Faca dança de pé, de joelhos e até sentado, conforme o que deseja do Boi. O mais exímio entre todos talvez seja o Caranha, Faca do Novo Fazendinha, que, sentado, consegue um lindo balanceio do Boi. Só quem pode competir com ele é o Neguim dos Tucuns, mas os Bois deste bairro são tão grandes quanto pesados e não deixam que o Neguim mostre todo o seu talento. Há até quem diga que se conhece o valor de um Faca logo pela entrada dele na Arena do Arraial: se ele entra com o Boi em pé, todo na vertical, já não é tão bom.

No Faca, o homem se faz o Boi. Bicho e homem são uma coisa só, identificados.

## Boi de meninos

Tudo no Boi seduz os meninos, a começar pelos Tambores. A pancada rítmica levando o Boi a balancear; as traquinadas, quedas e pancadarias do Folharal, da Burrinha, do Doutor Cazumbá; o medo que provocam essas três figuras; o Boi com seus longos chifres e seu jeito de bumbar, tudo encanta, amedronta e seduz. Só mesmo os meninos nascidos dentro de Boi não se assustam. Se começam cedinho a brincar, serão brincantes a vida inteira, a não ser que saiam da cidade ou dos bairros de Boi. São esses meninos que perpetuam a tradição. Desde cedo, se não brincam num “Boi de verdade”, criam seu próprio Boi, feito de paneiro ou papelão, formado por colegas de rua. Outros, ligados a brincantes dos Bois-de-gente-grande, criam os seus “Bois de verdade” e, com eles, passam a disputar também o Campeonato na categoria que a Secretaria da Cultura batizou de Mirim São esses Bois que, hoje como antigamente, constituem a principal fonte de manutenção do brinquedo na Parnaíba. É inacreditável que, nem a Prefeitura, nem o Estado, tenham um mínimo de atenção para as agremiações de Bois Mirins, portas abertas para grandes e valiosos trabalhos sócio-culturais em cada bairro.

Mesmo sem o devido estímulo governamental, esses Bois são mantidos com o mesmo vigor concedido aos de adultos. Neles, a tradição corre pelas mesmas veredas dos Bois de gente grande e pelos mesmos bairros: o Catanduvas, a Ilha, os Tucuns. Desses celeiros, saem os nossos melhores Batalhões de Meninos. Nos últimos quatro anos, três deles se destacaram no Arraial e se fixaram nos primeiros lugares: o Realeza (dos Tucuns) e o Famoso da Ilha se classificaram em 3º Lugar em 2002 e 2003, respectivamente; o Garantido (Catanduvas) foi Bi-Campeão (2002 – 2003); o Prateado ficou em 2º Lugar em 2003, foi Campeão em 2004 e ficou em 3º em 2005; O Novo Diamante (Catanduvas) foi o 2º em 2005 e o Novo Ano, da Ilha, foi o Campeão de 2005.

E não posso deixar de lembrar as dezenas de Bois de Meninos, Bois que a garotada da rua faz só mesmo pra brincar pela vizinhança. Bois que nada custam, mas que se aproximam dos grandes na dança, nos tambores improvisados, nas toadas e no canto. São Bois pobres, como seus brincantes, sem penas de pavão nem outros luxos, mas que revelam o poder mítico do Boi sobre a meninada. Botar um Boi é também sentir-se senhor do Boi. Embora não possa impedir sua morte, que é fatalidade, destino ao qual não pode fugir (Meu Prateado pediu / que não queria morrer / todo pedido lhe faço / este não posso fazer), toda a Vaqueirama e toda o Batalhão tem certeza de sua ressurreição.

Testinha, menino de dez anos de idade, é o tambozeiro mais moço da Parnaíba. Toca tão bem e de tal modo iguala-se aos tocadores adultos que é integrante do grupo de tambozeiros do Novo Fazendinha, que é de adultos.

## O Mirim Prateado

Nascido num dos celeiros, o bairro dos Tucuns, é metido em Boi desde os dois, três anos de idade. É um apaixonado, impregnado pelo brinquedo desde os cinco anos de idade, quando começou a brincar. E parou jamais. No ano 2000, aos dez anos de idade, com ajuda do pai, João da Guia, botou seu primeiro Boi, o Rosa Brilhante. Considerando, porém, o nome um tanto feminino desistiu dele e, no ano seguinte, trocou para Prateado.

Com Amo e Tambozeiros adultos (seis tambores de couro emprestados pela Consola, do Lírio do Campo), em 2004, o Prateado fez uma apresentação primorosa. Me emocionou do início ao fim. Nenhuma Catrevagem brincou com tanta alegria, graça e bufonaria. A entrada do Batalhão foi a mais diferente a que já assisti e uma das mais belas. O Amo e os Tambozeiros entraram e se posicionaram. Quando os tambores soaram, entrou a Catrevagem se espa-



lhando em brincos por toda a Arena. Entrou então o Boi carregado por seis Vaqueiros em passo de caminhada. A saia arrastava pelo chão. Os Vaqueiros retornaram deixando o Boi sozinho, deitado no centro da Arena. Os pícaros da Catrevagem também retornaram para junto do Batalhão, que esperava à entrada da Arena. Foi aí que o Prateado começou a se mexer, devagarinho, balanceando de leve, levantando-se, enquanto retornava a Catrevagem e entrava todo o Batalhão. A emoção foi geral. De ponta a ponta, aquela apresentação foi alegre, envolvente, contagiante, cheia de garra e emoção. E sagrou-se Campeão. Nenhum outro Boi empolgou tanto quanto o Prateado naquela sua exibição.

Com essa vitória, Rafael viveu os momentos mais felizes de sua vida. Gosta de brincar debaixo do Boi e nisso é Faca de boa qualidade. Músico (violão, cavaquinho e tambores), é também compositor.

No ano seguinte, como Campeão, o Prateado veio mais empolgado ainda. Gastou com fardamento, Boi e Burrinha mais que todos os Bois de adultos, com exceção do Flor do Lírio. Seus gastos passaram dos três mil reais (1.150 dólares). Nenhum Boi de Meninos jamais havia gasto tanto. Ensaiou pesado desde o fim de abril. Chamou o Bailarino Sharles para fazer a coreografia do Pajé e das Índias, com ensaios em separado, no quintal da casa do tesoureiro do Boi, o Edmundo. São seis Índias; uma delas carrega o Estandarte, ladeada por “dois destaques” (assim, com palavreado de Escola de Samba).

Os Vaqueiros também prepararam coreografia longe dos Cordões. Só nos últimos dias, às vésperas da apresentação no Arraial, o Batalhão ensaiou completo. Contratado pelo Presidente, João da Guia, Cafuringa reaproveitou o Boi do ano anterior e deixou-o novillo, todo branco, sem o nome na lombada e com um coração vermelho na testa, numa desnecessária imitação do Garantido de Parintins.

Todos os demais Bois da categoria Mirim se apresentaram com Amos adultos ao passo que o Prateado, além de trazer um Amo de apenas 12 anos. Era uma menina: Cristiane. Boa na voz, no canto e no repente, Cristiane não tocou nem o coração nem a razão dos julgadores e recebeu nota mais baixa que todos os outros Amos, que

eram adultos cantando em Bois Mirins. Cristiane é brincante desde criancinha. Começou como Boieiro e Sargento (eles dizem Boieira e Sargenta) no Realeza, um Mirim do João Piranha. Quando passou para o Prateado, já entrou como Amo, que eles dizem Ama. (Usam o feminino, mas em qualquer posição masculina em que brinquem as meninas ou moças vêm sempre com a roupa igual à dos homens.)

Passada a fase classificatória, veio a primeira decepção: o Prateado se classificou em 3º Lugar. Para a apresentação final, Cafuringa revestiu todo o Boi, que entrou na Arena agora todo negro, com salpicos de purpurina. Mas tudo foi água abaixo. O Prateado ficou mesmo no terceiro lugar.

Em 2005, o Prateado montou um Arraial próprio e o único entre todos (adultos e de meninos) a fazer um arraial de duas noites. Além das Quadrilhas, todos os Bois convidados aceitaram e compareceram. Jamais havia acontecido tal. Brincaram nas noites de Arraial do Prateado o Flor do Lírio, o Rei da Boiada, o Igarapu, o Novo Ano, o Novo Vencedor e o Novo Fazendinha. Sucesso jamais alcançado por nenhum outro arraial de bairro.

Rafael, fundador e alma do Prateado é, como um brincante já me definiu, um “convencido de Boi”. E, convencido aí, quer dizer amante, apaixonado, capaz de qualquer coisa pelo seu Boi. Basta dizer que o Prateado ficou o ano inteirinho estendido sobre sua cama, para livrá-lo de insetos, enquanto o Rafael dormia no chão, ao lado da cama. Para o seu Boi, faz de tudo e brinca em qualquer posição, porém seu cargo na administração do Boi é de Diretor de Eventos. O Prateado e o Rafael são um só. No Lírio do Campo, brincava de Boieiro; no Flor do Lírio, foi Vaqueiro. Talvez seja ele o único brincante da Parnaíba que gosta de Boi sem se importar com qual. Na arquibancada do Arraial, é o único a assistir às apresentações de todos os Bois. E se emociona com qualquer deles que lhe toque o coração. Quando algum Batalhão se apresenta onde quer que seja e que ele vá ver, se puder se mete e brinca debaixo do Boi. O Rafael, com certeza é um “convencido de Boi”.

## O Boi nos bairros

Tal como antigamente, a Fazendinha, os Tucuns e o Catandubas continuam os principais celeiros de Boi. Desses três bairros, saem oito batalhões todo ano. E todo ano, estão entre os vencedores. O Lírio do Campo levou para o bairro São José o título de tetra-campeão (2001, 2002, 2003, 2004). O único Boi que pode assustar esses bairros é o Igarapu, do Bairro Piauí, mas o Igarapu é de lá porque Seu Bandeira está morando lá. Se ele mudar de endereço, o Boi vai junto. O Bairro Piauí não tem tradição de Boi. Nem seu vizinho, Pindorama, que tem feito, todo ano, o Lindo Amor urrar. É o Boi do Chico Doura. Já do Sabiazal, vem o Brilho da Pedra, do João do Boi, também conhecido por João Picolezeiro. E São Vicente de Paulo tem surpreendido como Ouro Preto, da Conceição Silva, e agora o Lírio Verde. Este Lírio Verde, do Francisco, é um Boi Primário, como chamam os brincantes o Boi que sai pela primeira vez. É uma expressão que tem um certo travo de desprezo, ou desdém. Perder para um Primário é motivo de humilhação maior. Pois se deu que o Francisco botou esse Boi em 2005 e logo abocanhou o 5º Lugar no Campeonato. Desbancou alguns Contrários fortes, como o Igarapu, o Sol Brilhante e o Lindo Amor.

Em Rosápolis, o Prateado de adultos, do Riba e da Nunes, é um Boi bonito, mas pequeno e pobre, sem condições de competir com os grandes. Na mesma situação, encontram-se os belos Sol Brilhante, o Rei Montenegro e o Novo Diamante. A verdade é que todos os Bois da Parnaíba são bonitos. É uma questão de ver e saber olhar.

Durante o Campeonato do Arraial, é bonito de ver a juventude do bairro da Fazendinha atravessando o rio pela ponte, a pé, para ver o seus Bois disputarem. Dos Tucuns, parece que vai o povo inteiro. Cada bairro em festa, torcendo pelos Bois do coração. Em caso de vitória, a festa é tão grande quanto a das vitórias dos grandes times de futebol.

E cada Boi prepara um arraial em seu próprio bairro. É um arraial pequeno, em relação ao Municipal, mas tão belo quanto e sem competição. Apenas o prazer lúdico e dionisíaco de brincar. Esses arraiais, preparados pelos Donos-de-Boi e donos-de-Quadrilha trazem de volta o clima e a ambientação daquelas antigas festas de pátio de igreja que tanto animavam noites da antiga Parnaíba. São primores de organização das quais as Secretarias Municipais preferem não ter conhecimento e, por isso, não contribuem para as suas realizações.

Aí vai uma visão particular de alguns Bois, aqueles que tenho acompanhado mais de perto.

## Lindo Amor

Vestido com sofrido sacrifício pelo seu dono, Francisco Souza Filho, o Chico Doura, o Lindo Amor jamais conseguiu um 1º Lugar no Campeonato. Sequer chega entre os cinco finalistas. Por que? Os julgadores de 2005 revelaram-se severos tradicionalistas a ponto de quase eliminar o Rei da Boiada por trazer instrumentos de cordas, no entanto, parece nem terem visto o Lindo Amor. É um Boi pequeno; um Batalhão com reduzido número de brincantes, se comparado aos que se classificaram nos três primeiros lugares. O mesmo aconteceu, com todos os outros que trouxeram Batalhões com menos de trinta brincantes. Pobre, como todos os outros donos de Boi, Chico Doura veste o Lindo Amor sabe-se-lá-como.

## Igaraçu

Mas os julgadores de 2005, também não deram valor a esse detalhe e o Igaraçu sequer foi classificado para a final. Por não ter ficado entre os cinco finalistas, não teve prêmio e, por certo, amarga dívidas.

Por seu apego, à tradição, o Igaraçu, logo à primeira vista, já se distingue dos primeiros colocados pelo número de brincantes.

E nessa distinção sai perdendo. Os donos do Boi, Seu Bandeira, que é o Amo, e sua esposa, Socorro, não introduziram no Igaráçu nenhum desses novos personagens que afloram nos demais. Nem arredam pé de que um Batalhão tenha apenas 26 brincantes: vinte nos dois Cordões mais a Catrevagem, o Amo e o Boi. O resultado, numa arena grande como a da Esplanada, é que fica um batalhãozinho a ocupar pouco espaço deixando a arena quase vazia enquanto os Grandes preenchem todo o espaço com seus oitenta brincantes em evolução contínua.

A desclassificação em 2005 deve ter sido um grande baque para Seu Bandeira e Dona Socorro. Logo num ano em que o Batalhão veio todo de roupa nova e com sua principal marca: um mundaréu de fitas que descem dos chapéus e capacetes como cascatas coloridas.

— O Igaráçu era do finado Doca da Ilha, o DocaAnálio. Foi o que me contou o Acrísio, Presidente do Fazendinha. Mas muito antes disso, Bandeira já brincava em Boi. É hoje o Botador-de-Boi de mais idade. Mora com a família no início do Bairro Piauí, na Samuel Santos, logo depois da Avenida Pinheiro Machado. Todos os seus filhos brincam no Boi e sua casa parece que pertence a todos os brincantes do Igaráçu, que estão lá todo dia e sempre encontram o que comer.

## Novo Vencedor

O Claudiano Neres, filho do Adrião, resolveu se separar e botar o seu próprio Boi. Assim nasceu o Novo Vencedor e, com ele, o Mirim Novo Dominante. Isto fez o Catanduvás crescer em número de Bois (dois de adultos e dois de crianças), mas o bairro se enfraqueceu em vitórias. Seus Bois estão sempre entre os cinco melhores, no entanto, nunca mais o Catanduvás levou o título de Campeão, em nenhuma das categorias. O título mais alto para os Bois do bairro tem sido o de Vice-campeão, para o Rei da Boiada.

Claudiano, que nasceu em 1956, me contou que desde que se entendeu por gente que seu pai fazia Boi. Hoje, o Novo Vencedor, é

conhecido entre os brincantes da cidade como o “Boi dos Morenos” porque, tradicionalmente, todos os seus brincantes são negros. Embora não seja um Boi muito inovador, também não é apegado demais à tradição. Há anos, as mulheres invadiram sua malhada.

## Flor do Lírio

Com a morte de Hélio Lemos, em 2003, o Lírio do Campo perdeu seu dono, mas os brincantes não aceitaram que o Boi se acabasse e, juntamente com a viúva de Hélio, botaram o Boi na rua, em 2004. Consola, a viúva, entregou a João da Guia a responsabilidade de vestir o Boi, ensaiar o Batalhão e vencer. Acontece que, sem doutor Hélio, não havia recursos financeiros para vestir o Boi. João da Guia correu o comércio em busca de ajuda e nada conseguiu; buscou a Ordem dos Advogados, usando o nome de doutor Hélio e saiu sem nada; por fim, pediu ajuda a advogados que se diziam amigos de doutor e nenhum contribuiu sequer com vinte reais. Então foi o sufoco. João da Guia conseguiu crédito em lojas, botou o Boi no Arraial e venceu. Com a vitória, o Lírio do Campo entrou para a História dos Bois como o único tetra-campeão, com quatro vitórias seguidas.

Em 2005, porém, Consola não quis mais saber de Boi, mas só entregaria o nome do Lírio do Campo a João da Guia, que preferiu cuidar somente do Mirim Prateado. Então, sem Lírio do Campo, o bairro estava sem Boi. Mas nem os brincantes, nem o bairro aceitaram passar um ano sem Boi. Vai daí que Arlindo e Bianca juntaram interesses e esforço e criaram o Flor do Lírio. Seria a continuidade do bairro no Arraial e uma referência ao desaparecido Lírio do Campo.

O novo Boi, formado pelos mesmos brincantes do Lírio do Campo, chegou com ar de tetra-campeão, embora esse título fosse do Lírio do Campo. Na verdade, o Flor do Lírio era um primário e foi como Primário que disputou o Campeonato. Arlindo e Bianca

conseguiram crédito no comércio (Iforpel e Armazém Mesquita), através do nome de um vereador, contrataram o João Piranha para fazer o Boi e a Burrinha e se entregaram inteiramente à tarefa de botar o Boi no Arraial.

Vestido com esmero, o Lírio disputou para vencer. Nenhum outro Batalhão apareceu mais luxuoso. No entanto, disputando o título com o Rei da Boiada e o Novo Fazendinha, o Flor do Lírio, apesar do luxo no Fardamento, não veio com apresentação no nível daqueles dois. Perdeu em vários quesitos. Ficou em 3º Lugar. Os brincantes e o bairro consideraram a derrota inesperada, injusta e humilhante. Exatamente a mesma situação em que ficou o Mirim do bairro, o Prateado.

## Rei da Boiada

É o grande Boi do Catanduvas, subúrbio da Parnaíba junto ao antigo povoado da Testa Branca, onde nasceu a Vila, no século 18. É um Boi de tradições que vêm, pelo menos, do princípio do século 20. Passou por vários nomes; muitos. Quase todo ano, o Boi do Catanduvas mudava de nome, até que chegou a Rei da Boiada, sob a coordenação de João Batista dos Santos (João Péinha), Campeão três vezes seguidas. Com sua desistência, passou a ser coordenado por Lázaro, Claudiano e Chiquim Reis, cunhado do João Péia. Com eles, o Boi cinco vezes seguidas. Com a saída de Lázaro e Claudiano, o Rei da Boiada ficou só do Chiquim Reis.

Perdeu no nono ano – 91, perdeu pro Tira Fama, do Manuel Dinis, Tucuns (que ganhou quatro anos seguintes, ... Ninguém aceitou a derrota e o Rei da Boiada passou quatro anos sem disputar. Brincava só pelas casas. A Prefeitura ia procurar, mas não aceitavam.

Voltaram em 95 já como favoritos, ganhou desbancando o Tira Teima, na Concha. Bicampeão em 95 e 96. Perdeu em 97 para o Realeza, do João Piranha. Em 98 ganhou do Realeza e o Realeza se acabou. Ganhou em 99 do Batista, um dos descendentes dos

ancestrais do bairro. Mas há anos o Rei da Boiada não vence o Campeonato. Em 2004, quando foram empenhados muitos esforços, acreditava que seria Campeão, mas teve de amargar um 3º Lugar. Ficou atrás do Lírio do Campo e do Igarapu (empatados em 1º Lugar) e do Novo Fazendinha, que ficou em segundo. Recebeu, no entanto, o Troféu Simplicão, criado e concedido por Benjamim Santos, Secretário da Cultura, ao Boi de Melhor Evolução. E, realmente, a evolução é o ponto mais forte do Rei da Boiada. Nesse quesito, é imbatível, se passar pelo crivo de julgadores que saibam como julgar a evolução de um Boi.

Em 1762,  
a fundação da Vila de São João  
com sede no Testa Branca,  
em Catanduvas, povão.  
São Judas Tadeu,  
santo protetor,  
proteja esse povo  
com muito amor.  
Proteja meu Rei da Boiada  
e faça ser um vencedor.  
Catanduvas e suas riquezas.  
Eu cito nosso manguezal  
Que delícia é o nosso caranguejo.  
Aeroporto é internacional.  
Também tem o esporte e a cultura.  
Estão em alta, pessoal.  
São Judas Tadeu, Padroeiro  
de Catanduvas, com amor.  
O santo das causas impossíveis  
eu rogo a ti, senhor:  
proteja meu Rei da Boiada  
e faça ser um vencedor.



O Rei da Boiada é um dos Bois mais inovadores da cidade. O único em toda a cidade a apresentar-se com orquestra de cordas e tambores.

## Novo Fazendinha

O Novo Fazendinha é cria da maior família de Donos-de-Boi. São cinco irmãos, todos conhecidos na Ilha pelo apelido Pirão: José João, Honório, Cristóvão, Paulo, Acrísio. Cada um tem sua própria família e moram todos em cinco casas vizinhas, na Rua Evangelina Rosa. Junto a elas mora a mãe, viúva, com Maria Evangelina, a única filha, que brinca de Índia. Não muito longe, mora o Naldo, Amo do Mirim Novo Ano, o que faz com que o bairro da Fazendinha seja o maior núcleo de Bois na Ilha. José Rodrigues, o Canário, é Primeiro Amo do Novo Fazendinha, que reveza com seu pai, João Rodrigues, e com o Naldo. Canário é quem mora mais longe, no Barro Vermelho. As cinco famílias dos Pirão habitam casas simples, pobres, típicas de “gente humilde”, como canta a canção popular. Nelas, o Boi é o xodó constante. No quarto de casal do Cristóvão, um quarto de três metros por três metros, de um lado da cama está estendida a Burrinha e do outro, o Boi. Os dois bichos ocupam metade do quarto.

Acrísio, de 35 anos, é brincante de Boi desde os dez. É o eixo das cinco famílias, para o qual todas acorrem quando é preciso. E todos o têm como Presidente do Novo Fazendinha. É ele quem toma a frente de tudo e nele está a liderança. Todos participam dos problemas relativos ao Boi. Quando Acrísio não pode participar de reuniões na Secretaria da Cultura, por motivo de trabalho, Cristóvão o substitui, ou o Paulo. Nenhum tem renda mensal maior que o salário mínimo, mas todos põem um pouquinho do seu dinheiro para ajudar a vestir o Batalhão. Se o Boi ganha e dá para restituir o que cada um ofereceu, recebem de volta o valor

da contribuição. Todos também trabalham na feitura do Fardamento, com outros brincantes: recortam, colam, pintam, enfiam contas e vidrilhos, inventam roupas e máscaras para a Catrevagem. Curiosamente, nenhum brinca no Boi; são Organizadores e Seguranças, aos quais nada escapa.

O Novo Fazendinha nasceu em 2004, quando o Canário deixou o Lírio do Campo para tornar-se o Primeiro Amo do novo Boi. Logo nesse primeiro ano, alcançou o 2º Lugar e, em 2005, sagrou-se Campeão. Emparelha com o Rei da Boiada e com o Flor do Lírio como os três maiores Bois da Parnaíba, em número de brincantes. No Arraial de 2005, o Novo Fazendinha entrou na Arena com 50 Caboclos Reais e Boieiros, 6 Vaqueiros, 3 Amos, 2 Facas, 5 na Catrevagem, 8 Tambozeiros, 3 Índias, 1 Pajé, 2 Sargentos, 4 Seguranças e 2 Organizadores. A dificuldade para vestir toda essa gente foi das maiores. O Novo Fazendinha foi o único Boi a apresentar-se três vezes no Arraial de 2005: na Eliminatória, na Final e, por fim, como Campeão. Nas três noites, sua entrada foi apoteótica. A apresentação que o levou ao 1º Lugar foi impecável. Tudo deu certo e tudo foi brilhante. Esperto, o Amo Canário, aproximava o seu microfone da roncadeira e o Ronco do Boi se espalhava por toda Arena, encantando os julgadores tradicionalistas. Mas essa vitória do Novo Fazendinha confirmou a contradição dos tradicionalistas pois trata-se de um Boi cheio das novidades que os tradicionalistas abominam, com exceção da orquestra de cordas e do estandarte. Eles sequer devem ter percebido que os dois primeiros Caboclos Reais, os Guias, eram duas moças. Jamais havia acontecido tal. E, para mais firmar o futuro do Boi na Parnaíba, é um Boi de jovens, fenômeno que vem se tornando uma tendência geral. Nenhum brincante do Novo Fazendinha tem sequer 30 anos, com exceção de dois dos três Amos João e José Rodrigues; o terceiro, o Naldo, tem apenas 22 anos... e muita brincadeira pela frente.



# *Das mortes*

*Meu Prateado pediu  
que não queria morrer.  
Todo pedido lhe faço:  
este não posso fazer.*

Toada de Morte do Mirim Prateado



O Boi é o mais totêmico de todos os animais. Está no antigo Egito, como Apis, o boi sagrado que os egípcios consideravam a expressão mais completa da divindade sob forma de animal. Para os gregos, Pasifae, esposa de Minos, entregou-se a um touro saído do mar e concebeu um filho, Minotauro, com corpo de homem e cabeça de touro, que só conseguiu ser vencido pelo herói grego Teseu. Quando o povo hebreu, durante a travessia do deserto, afastou-se dos Mandamentos recebidos por Moisés, adorou um Bezerro de Ouro, feito com as jóias das mulheres. Na Mecânica Celeste, uma constelação boreal tem o nome de Boieiro (guardador de bois) e outra é designada Touro. Na astrologia ocidental, Touro é o quarto signo do zodíaco e, no horóscopo chinês, Boi é o segundo signo e, na tradição católica, o Boi é uma das figuras do Presépio, ao lado do Burro, na estrebaria em que nasceu o Menino Jesus. Por todo o sertão nordestino, correm histórias e lendas de algum touro bravo, indomável, em luta constante com outro mito do sertão: o vaqueiro.

Símbolo, ao mesmo tempo, de força e alimento, bravura e resistência, submissão e paciência, trabalho e fertilidade, o boi é o animal mais abatido no Brasil. Qualquer um sabe que dele tudo é aproveitado, do chifre ao rabo, do sangue aos ossos, do tutano ao couro, dos testículos aos miolos. De norte a sul, todo brasileiro gostaria de ter “carne de gado” para comer todo dia. Aquele que pode, come. É a única das carnes que o brasileiro não enjoa e, para não enjoar, criou os mais variados pratos com especialidades típicas em cada região.

Contam historiadores que o boi chegou ao Brasil em 1534, trazido por Martim Afonso de Souza, donatário da Capitania de São Vicente, onde deu início à criação de gado bovino no Brasil. Conforme Gilberto Freyre, em *Sobrados e Mucambos*, o boi trazido da Índia (*bosíndicus*) para o Brasil cruzou com o boi europeu e resultou numa raça mestiça que é o nosso boi comum, pé-duro, bom de serviço; boi que tanto aliviou o serviço braçal do homem no engenhos de cana-de-açúcar e que gerou os belos cantos de aboio no tangimento da boiada. É o nosso boi brasileiro que, nos pastos do Piauí, encontrou o melhor alimento e, na Vila da Parnaíba, a morte certa no tempo da matança parnaibana. O mais explorado dos nossos animais, é o boi que, em forma de agradecimento da vaqueirama e dos matadores, encontrou a imortalidade em canto e dança no Boi de São João da Parnaíba que, espalhado pelo Brasil, tem os nomes de bumba-meu-boi, boi-de-mamão, boi-calemba, boi-bumbá, boi-de-melão, boi-surubim, bumba-boi... É o animal que o povo parnaibano escolheu para, com ele, homenagear São João em forma de brinquedo, um brinquedo que se tornou a referência primeira de nossas manifestações populares, a única a atravessar os séculos incólume em sua essência. Mas, embora ilusório, reverenciado, saudado e cantado, como todos os bois de verdade, mesmo na representação, não escapa de seu destino e também é abatido, sacrificado. Seu sangue é bebido como libação, na certeza de que voltará, ressuscitado.

Quando entra agosto na Parnaíba, começa a soprar o vento nordeste (vento forte que vem do mar) e começam as Mortes de Boi. Com elas, encerra-se a brincadeira de cada ano. Tempos atrás as Mortes eram feitas em julho; agora vão até setembro. Nisso, os Bois ganharam mais dois meses de brincadeira.

Cada Batalhão faz sua Morte seguindo tradição secular que vem talvez da própria origem do brinquedo. Tal como há cinquenta anos, as Mortes de Boi são espetáculos de grande carga dramá-

tica e emocional. Espetáculos que nem os ricos, nem os intelectuais conhecem. São festas de bairro, assistidas pelos moradores do próprio bairro; desconhecidas pelos secretários municipais da cultura, da educação, do turismo, do desenvolvimento social, que, por obrigação, deviam não só conhecê-las como contribuir com elas, divulgá-las e participar delas, pelo menos, com suas presenças. Tampouco agências de turismo têm conhecimento desses festas tão populares. O setor hoteleiro não supõe que, nos sábados de agosto, seus hóspedes teriam belos espetáculos para ver.

Hoje, como antigamente, a Morte de um Boi continua a ser feita no bairro de cada Boi. Assim, o Rei da Boiada morre no Cantanduvás; morre na Ilha o Novo Fazendinha... São celebrações rituais, quase litúrgicas, com platéia comunitária do próprio bairro: brincantes e público integrados por elos de emoção.

Mata-se o Boi e, com a Morte, o Boi desaparece “até ano que vem”. A Morte é cerimônia de despedida. Equivale à Queima da Lapinha, no Pastoril de Pernambuco. Quando as Pastorinhas queimam a Lapinha, no dia de Reis, encerra-se o Ciclo do Natal e elas só voltarão a brincar no Natal seguinte. É um espetáculo singelo e de sofrida tristeza, a Queima da Lapinha. Choram as Pastorinhas e pode chorar o público. Na Morte do Boi, porém, nada de melancolia. Tudo é viril, audaz, violento, lembrando os bois fugidos das fazendas com os vaqueiros a persegui-los até à exaustão, até laçá-los e trazê-los, humilhados. Há também nas Mortes um pouco das corridas de touro espanholas: a busca da vitória do homem sobre o animal bruto, que morre crivado de lanças e com um golpe final certo e definitivo. Mais que isso, a Morte do Boi significa missão cumprida, tarefa realizada, brincadeira feita e que aí se encerra. Depois, tudo é alegria.

Até há pouco tempo, os Bois eram estraçalhados durante a festa da Morte, como descrevi naquele artigo de 68. Todo o corpo do Boi era quebrado, rasgado, desmontado, destruído, numa cerimônia



dionisíaca em forma de vingança onírica por todos os Bois de verdade que, nos matadouros, são descarnados, desossados, com as pelancas atiradas aos cães e aos urubus. Era o momento mais dionisíaco do ritual, marcado pela alegria e a certeza de sabê-lo redivivo no ano seguinte. Mas, no ano seguinte, para que o Boi ressurgisse, era preciso fazer um novo Boi, desde sua estrutura até os adornos. Mudou. Nos dias atuais, a feitura de um Boi custa muito dinheiro. Então, para evitar essa despesa, acabou-se a carnificina da matança. Feita a Morte, os Vaqueiros levam o Boi do Curral, deitado, morto. Os Bois de hoje são muito bem cuidados durante a Morte para que não sofram quaisquer danos e possam voltar a brincar, se necessário, mesmo fora da temporada. No ano seguinte, são reaproveitados com nova lombada; nova feição externa. Como se vê, também, a Morte do Boi sofreu mudança, mas marcada pelos rigores da economia.

Em 2005, houve Mortes em todos os sábados de agosto e até no dia 25 de setembro. A primeira foi a do Novo Ano, o Mirim da Ilha. Ninguém me avisou; perdi. Veio a seguir a Morte do Flor do Lírio, no sábado, 13 de agosto.

Não assistia a uma Morte de Boi desde a do Rei das Campinas, há quarenta anos. Por isso, cheguei ao Curral do Flor do Lírio temendo a desilusão que me podia vir com a Morte dos dias de hoje. Aquela antiga lembrança, que me fizera escrever meu primeiro artigo sobre o Boi da Parnaíba, me acalentou durante todos esses anos como um espetáculo de ritual vigoroso, primitivo e belo. Foi assim que segui para o Curral do Flor do Lírio, receando que o passado se desfizesse em mim depois dessa nova Morte. Nova e talvez modernosa.

Chego por volta das quatro-e-meia e não encontro muita gente em torno do Curral, um terreno descampado ao lado do Curtume Romão, à Rua Barão do Rio Branco, em São José, o velho bairro dos Tucuns. Cercado por cordame, o Curral está enfeitado, como o de outrora, com bandeirinhas que tremem ao vento. No entorno, acham-

-se a postos carrinhos e bancas de vendedores de caipirinha, cerveja, sanduíches. Logo encontro João da Guia, morador do bairro e dono do Prateado. Vem vindo mais gente e começo a reencontrar o clima de outrora. De longe, chega até nós um toque de tambores.

— É o Flor do Lírio. Anda fazendo Meia-lua, me disse João da Guia.

Ouvir o Toque alegrou-me mais ainda, pois achava que os Bois não cumprissem mais essa prática tradicional de passar pelas casas onde haviam brincado, fazendo Meia-lua, uma tradição muito antiga, com o qual se abria e encerrava a temporada do brinquedo: abria-se com a Meia-lua de licença diante da delegacia; encerrava-se com a Meia-lua de despedida. Entre uma e outra, muitos caminhos, veredas de terra. E para dar à festa já um pouco do clima dionisíaco, pego cerveja e o João, caipirinha, feita com cachaça, limão, raspa de gelo e leite condensado.

Mais e mais gente se achega. Paira já o ar de festa do povo. Por fim, o Batalhão se aproxima, lindo, o Boi correndo em pé, varando a rua, ladeado pela Vaqueirama. Se a pancada de tambor ao longe era já contagiante, a visão do Boi é um alumbramento.

Ao chegar, o Flor do Lírio entra pela porteira. João da Guia me carrega também. De passagem, cumprimento o Arlindo (dono-do-Boi), que está de Caboclo Real; cumprimento também Manuel Diniz, o Mano, que faz o Amo. Para meu total encantamento, apesar das Índias e de tantos outros acréscimos, a Morte corre tal qual a do velho Rei das Campinas. O Boi foge, é perseguido pelos Vaqueiros, laçado e chega ao Curreal carregado de humilhação. Preso ao mourão, os Caboclos Reais fecham o cerco e dá-se a morte. Não há tiro nem nada visível. Apenas um canto lamentoso e meus olhos, marejados.

Na tarde do sábado seguinte, no Catanduvas, morre o Boi dos Morenos, que é o Novo Vencedor, do Claudiano Neres, todo formado por negros e mulatos.

No Campo do Botafogo, o Curreal está delimitado também por cordas e enfeitado de bandeirinhas. Fica em frente à casa do Ba-

tista; o Claudiano, mora numa rua de trás. O caminhão de som de uma poderosa loja da cidade toca forró enquanto o Boi visita as casas para a Meia-lua. Batista me recebe com fineza, me apresenta à família. É quando o Batalhão aparece, se aproxima e entra no Curral sem muita preparação. Me trazem uma cadeira e lá fico eu, sentado, ao lado dos Tambozeiros e dos Amos. Embora seja do Rei da Boiada, Batista está ali para cantar com o Novo Vencedor, ao lado do Chagas, que é o Amo oficial do Boi. Claudiano, o dono, toca tambor e, numa pausa, me pede um litro de cachaça, que mando comprar, pois não se mata um Boi sem cachaça.

Sem que se entenda muito o motivo ou apenas para dar um ar festivo, de repente, os tambores param e o Batalhão descansa enquanto o caminhão estoura música de forró.

— Isso é lá Morte de Boi! diz-me um dono de Boi Contrário.

— Nada a ver, eu concordo.

Uns dez minutos depois, o espetáculo da Morte recomeça. Faz-se a perseguição; mata-se o Novo Vencedor e o Batista ataca o Tangoliá, a Toada que todos os Batalhões cantam depois da Morte dos seus Bois. No final, Claudiano me convida a ficar para a festa no clube, às dez da noite. Hoje, a Morte de um Boi sempre se encerra com uma festa em clube, com banda de forró.

Depois, veio a Morte do Rei da Boiada, o Boi do Batista, também no Catandugas e também no Campo do Botafogo, no mesmo Curral em que, há uma semana, havia morrido o Novo Vencedor e em que, há quarenta anos eu vira morrer o Rei das Campinas. Esta nova Morte, pra mim, carrega uma emoção a mais: o Batista, neto do Sebastião, velho botador de Boi no Catandugas, lá pelos anos novecentos e trinta, quarenta e cinqüenta, é filho do João Peinha, dono do Rei das Campinas e considerado o melhor Amo de todos os tempos. Agora, estou de novo ali, no mesmo campo, assistindo à Morte de um Boi que, na realidade, é o mesmo Rei das Campinas, que ao longo dos anos veio mudando de nome até virar Rei da

Boiada. É uma longa história de Botadores-de-Boi que se repassa diante dos meus olhos e do meu coração.

O Rei da Boiada passa do outro lado do campo, despedindo-se nas Meias-luas. Pelas cercanias do Curral, é grande a multidão, prometendo festa bonita. Nenhuma outra Morte havia juntado tanta gente. João da Guia veio com o Edmundo, tesoureiro do Prateado. Da Ilha, vieram os irmãos Paulo e Honório, do Novo Fazendinha. Até Dona Lourdes, dona de uma mercearia no João XXIII, em frente à Igreja de São João Batista, está aqui com uma banca de caipirinha. Afinal o Batalhão se aproxima e pára diante da porteira. O Amo e os Tambozeiros entram. Entro com eles. Batista dá a entrada do Batalhão como se faz hoje para a entrada de uma Escola de Samba do Rio. Soam banjo, cavaquinho e violão (marcas deste Boi do Catanduvás). Os tambores atacam. O Rei da Boiada entra que é uma lindeza! À frente, a garridice e o denço das Índias, depois a Catrevagem, o Boi e a Vaqueirada. A Toada de abertura é aquela “oficial”: “São Judas Tadeu, Santo Protetor, proteja esse povo com muito amor. Proteja o Rei da Boiada e faça ser um vencedor”. Emoção em alta carga. Os Cordões exibem a poderosa e dinâmica evolução que só o Rei da Boiada consegue. Segundo o Batista não fizeram ensaio para a Morte. Vaqueiros perseguem o Boi seguindo o mesmo roteiro das Mortes. O Amo canta sem parar, sem deixar tempo para os Cordões cantarem. Por isso, os Cordões cantam pouco. O Boi foge. Os Vaqueiros saem campo afora a persegui-lo. Lá vem o Boi de volta, preso, laçado. Canta-se a despedida. Morre o Rei da Boiada e, como encerramento, o Amo Batista canta o Tangoliá. E foi-se o Rei da Boiada até para o ano.

A derradeira morte de Boi em 2005 foi a do mirim Prateado, já no dia 25 de setembro, numa tarde de domingo. O cenário era o mais central, no miolo da antiga Parnaíba, celeiro de Bois, o bairro dos Tucuns. O curral foi montado na Rua Dois de Fevereiro, em frente à casa de João da Guia, Edna e Rafael (pais e filho) donos do

Boi. Foi também a morte que demorou mais a começar, já quase anoitecendo. O Boi havia demorado a se formar para sair fazendo a meia-lua pelas casas do bairro. Além de ser uma festa de crianças, é também familiar. Todos se conhecem. Daí, os diálogos simples.

- Mãe, eu vou guardar minha chinela.
- Andréá, vem cá. Eu vou te pintar.
- Tá na hora de botar esse Boi pra andar.
- Apita pra ver se os meninos chegam.
- Já apitei. Ninguém ouviu.
- É porque tá ficando tarde.

Por fim, o Prateado apareceu ao longe, chegou ao curral e a festa começou. Em vários aspectos, o Prateado se distingue dos demais Bois de crianças e, principalmente, porque o brincante que faz o Amo é Cristiane, uma garota que começou a cantar aos dez anos e agora já chegou aos doze. Nenhum outro Boi tem um amo feito por mulher; nenhum outro se apresenta no Campeonato com um Amo de doze anos de idade. No dia da Morte, o Prateado apareceu mais distinto ainda porque, devido a um desentendimento com o Flor do Lírio, que lhe emprestava os tambores, o Prateado teve que fazer a morte com tambores da Escola de Samba do bairro, Império do Cais. É um desastre. O som estridente, agudo, seco, é muito distinto do toque tradicional dos tambores de Boi.

Correm os Vaqueiros em perseguição ao Boi. O Prateado foge. Volta preso.

Meu Prateado pediu  
que não queria morrer  
todo pedido lhe faço  
este não posso fazer.

Os Caboclos cercam o Boi que é preso ao mourão.

Eh, vai morrer meu boi  
E vai deixar saudade

Eh, vai morrer meu boi  
no meu coração  
Eh, vai morrer meu boi  
meu Boi de São João  
Eh, vai morrer meu boi  
Vai fazer terra tremer.

Adeus, Prateado! Rafael com uma enorme tigela verde serve o Sangue do Boi. Cada um toma um gole.

Mas foi no dia 3 de setembro a festa mais emocionante: a morte do Novo Fazendinha, o grande Boi da Ilha, Campeão do Ano.

O Curral foi armado na rua, em frente às casas dos quatro irmãos donos do Boi, no bairro da Fazendinha, Ilha Grande de Santa Isabel. Rua estreita, de areia fofa. Bandeirinhas e cordoada limitando e enfeitando o Curral. Barraquinha da cerveja Schin, junto à casa do Cristóvão. Um equipamento de som sem fitas de forró, só mesmo pra amplificar a voz do Amo. Organizadores e Seguranças uniformizados com suas camisas pretas.

Ao chegar, atrasadinho, o Batalhão acabara de entrar no Curral. Entro também e, como nas outras Mortes, fico ao lado dos Amos e dos Tambozeiros. O Fazendinha é o único Boi a dispor de três Amos da melhor qualidade: o Canário Zé Rodrigues, João Rodrigues e o Naldo. O espaço é pequeno; todos se conhecem e se estimam; o Boi é orgulho do lugar. João Rodrigues faz um repente me louvando. Fico em êxtase. O espetáculo é todo alegria, festa, dança. Os repentes são cantados como coisas simples, naturais, sem vaidades. Como em todos os roteiros, começa a perseguição. O Boi foge, tresmalhado, pelas terras da Ilha cravejadas de carnaubeiras.

E aí vem o Novo Fazendinha laçado, mas altaneiro em sua pompa de Campeão. Entoam-se as despedidas. João da Guia, que não faltou a nenhuma das Mortes e que, como o filho Rafael, também é um “convencido de Boi”, põe-se ao lado de um Caboclo-

-guia e dança como em louvor ao deus Dioniso. Os Cordões fazem o baiado corrido na aparência de estarem sob refletores, numa Grande Arena, mas satisfeitos de se saberem mesmo em sua Ilha. Nenhuma, de todas as Mortes a que assisti, foi tão envolvente e carregada de emoção. Estampa-se em todos os rostos, no canto e na dança, a glória de brincar e o encanto do brinquedo. O Novo Fazendinha é manietado ao mourão para a morte que chega. Ache-gam-se os Caboclos Reais. Súbito, está morto o Novo Fazendinha. Enquanto o Boi desaparece levado pelos Vaqueiros, Canário solta a voz no repente do Tangoliá que todo o Batalhão responde. É a longa ladainha do Boi Morto.

Tangoliá  
Eh já morreu  
Tangoliá  
Já se acabou.  
Tangoliá  
Meu Campeão  
Tangoliá  
Ai, ai, meu Deus  
Tangoliá  
Novo Fazendinha  
Tangoliá  
Morreu meu Boi  
Tangoliá  
Té para o ano  
Tangoliá  
Ele vai voltar  
Tangoliá  
Tangoliá  
Tangoliá  
Tangoliá  
Tangoliá

Findo o espetáculo, tudo é festa. Alguém chega a mim, enquanto meus olhos estão inundados de lágrimas.

— O sangue do Boi.

Bebo, encantado.

A emoção de alegria percorre tudo e todos. Agora, é bebida e festa. Naldo, o mais jovem Amo de Boi de adultos tira a camisa de Amo e me oferece. É demais para um pobre mortal seduzido por Boi que, antigamente, comprava Chapéu de Vaqueiro. Se pudesse, bebia noite adentro com toda aquela gente que, em felicidade, despediu-se de seu Boi. Mais tarde, haverá festa no Clube Magníficos e, amanhã, domingo, almoço para todos os brincantes, ali mesmo, à sombra das árvores do quintal da casa do Cristóvão. É o congratamento final a que os brincantes têm direito e sem gastar nada.

Se as Mortes de tempos atrás lembravam um matadouro, de onde o Boi saía descarnado e desossado, a Morte neste começo de século é, conforme linguagem também atual, *soft e clean... very, very clean*. Tão *clean* que o Sangue do Boi do Novo Fazendinha era um delicioso coquetel à base de suco de morango e aguardente servido em copinhos de plástico, mas diminutos como cálices de licor.

Depois da morte e depois de sorvido o Sangue, acho-me preparado para aguardar a Ressurreição no ano que vem. Ressurreição, ou Renascimento, não só do Novo Fazendinha mas de todos os outros tantos Bois de São João da Parnaíba.





# ***O tempo e os Bois***



**E**m 2017, pela primeira vez, desde 2001, os mais conhecidos Bois da Parnaíba não ensaiaram para brincar, não prepararam fardamentos novos, nem todas, e não brincam nesta temporada. Esses Bois são o Rei da Boiada, do Catanduvás, comandado por João Batista dos Santos Filho, o Batista do Catanduvás; o Flor do Lírio, do Bairro Mendonça Clark, que tem o Luis Carlos como Presidente, Laura como criadora de arte e o Arlindo como Amo, e o Novo Fazendinha, o Boi da família Pirão, que tem o Acrísio dos Santos como Presidente e Aline como criadora de arte. São eles os três Bois que, há mais de dez anos, se revezam no título de Campeão do Arraial de São João da Parnaíba.

Também não saem este ano o Novo Lírio, do Paulo César e Dona Aparecida, da Nova Parnaíba, nem o Igaráçu, de Seu Raimundo Bandeira, Dona Socorro e seus filhos.

Mas por que todos esses Bois não saem este ano?

Sobre o Igaráçu, a resposta é simples: Seu Bandeira, o mais antigo dono de Boi da Parnaíba, sempre na brincadeira, decidiu parar por causa da idade avançada. Já não brinca desde o ano passado.

E os outros, por que não saem?

A resposta vem dos próprios brincantes: “Não houve entendimento com a Prefeitura”.

Isto aconteceu porque, de uns trinta anos para cá, os Bois deixaram de ser “louvor a São João” e passaram, ano a ano, a depen-

der mais e mais da Prefeitura. Dependência sobretudo financeira. E hoje em dia, infelizmente, dependem quase que na totalidade.

Os tempos mudaram. A cidade cresceu. A cidade mudou. O Boi mudou. A própria Prefeitura, na sucessão de prefeitos, provocou muitas dessas mudanças, fazendo com que os antigos Bois de São João se tornassem enormes batalhões de Bumba-meu-boi, nome que não existia na Parnaíba até 60 anos atrás. Naquela época, os Bois não tinham mais de 50 brincantes e, em muitos deles, cada brincante pagava sua própria farda. Era o tempo em que os Bois corriam pelas ruas e brincavam em frente das casas.

Com o crescimento da cidade, as distâncias se alongaram. Criou-se o arraial municipal e, com ele, o campeonato anual. A antiga rivalidade de Bois contrários tornou-se competição em luta pelo título de Campeão. Os batalhões passaram a se preparar para competir no Arraial, mais do que para correr pelas ruas e brincar pelas casas. Por sua vez, os donos-de-casa deixaram de chamar os Bois para suas portas. Uma nova realidade veio se juntando a outra e deu no que se viu nos últimos anos.

Com a entrada do prefeito Paulo Eudes, em 2001, definiu-se o formato do Arraial de São João da Parnaíba, realizado na Esplanada da Estação, sob a coordenação de Maria do Amparo Coêlho dos Santos, assessora do Secretário de Cultura. (Era um tempo em que a Parnaíba tinha Secretaria de Cultura.)

Na Esplanada, desde o primeiro ano, a festa cativou a população, com o belo nome de Arraial de São João da Parnaíba, nome criado por Amparo e que celebra os antigos festejos juninos (os arraiais) e associa o Santo de Junho com o nome da Vila de São João da Parnaíba, origem da cidade.

Estabeleceram-se os Campeonatos de Boi e de Quadrilha, de adultos e mirim. (A expressão Boi Mirim, para designar os batalhões de crianças e adolescentes também foi criada por Maria do Amparo, em 2001.) Na época, os grandes Bois de adultos eram for-

mados por, no máximo, 60 brincantes. Criaram-se então os Regulamentos para os dois Campeonatos e se definiram valores de prêmios em dinheiro para os cinco primeiros colocados em cada categoria. A partir daí o Arraial cresceu e cresceu, chegando a 12 dias seguidos, em 2004, com média de público de 5.000 pessoas, e alcançando um topo de 10.000 nos fins de semana. Naquele ano, participaram 14 batalhões de Boi nas duas categorias, Adulto e Mirim, com o pagamento dos prêmios acontecendo no próprio Arraial, no último dia.

Houve mudança de prefeito em 2005, mas o nome permaneceu, mantendo-se ano a ano, como a maior festa popular e profana da cidade. O novo prefeito criou uma praça com finalidade específica para a realização do Arraiais e outras festas populares, a Praça Mandu Ladino, com projeto da arquiteta Rosalina especialmente construída para este fim, com arena de ....

O Secretário de Cultura, Arlindo Leão conseguiu elevar o valor dos prêmios, acirrando mais ainda a disputa pela conquista do título de Campeão, prêmio máximo.

Em 2006, criou-se a Sociedade de Bois da Parnaíba, sob a liderança de Benjamim Santos, eleito seu primeiro Presidente, substituído dois anos depois por Batista do Catanduvas, tendo Acrísio como vice-presidente, que continuam nesses cargos ainda hoje.

Com os prêmios elevados, os donos de Boi (agora chamados Presidentes), trataram de crescer o número de brincantes para que cada um aparecesse maior que todos os outros. Se, em 2005, os grandes Bois saíam com 70 ou 80 brincantes, três anos depois já vinham com 100 e até 110 brincantes. Ano passado, o Fazendinha, o Flor do Lírio e o Rei da Boiada, nenhum deles tinha menos de 180 brincantes. Agora: vá vestir 180 brincantes de Boi: sapato, calça, blusa, capacete com penas de pavão e chapéus adornados com plumas industrializadas (cada pluma custando 25 reais no comércio local)! A feitura de um Boi (o bicho), que chega a pesar até 50

quilos, não sai por menos de 800 reais. Os artesãos do Novo Fazendinha cobram 500 reais por uma Burrinha pronta. Quem viu os Bois do Arraial em 2016, pode avaliar com quantos reais se executa uma roupa de Pajé e das Índias, executadas com penas e plumas?

O certo é que vestir um batalhão de Boi, um Boi que possa disputar o Primeiro Lugar no Campeonato do Arraial não sai por menos de vinte mil reais. Isto: vinte mil reais, o valor do Prêmio para o Campeão até ano passado. O prefeito atual considerou um valor muito alto. Quis baixar o valor dos prêmios e, em reunião com os “donos de Boi”, não houve entendimento. Os representantes da Sociedade de Bois da Parnaíba (Presidente e Vice-Presidente) argumentaram que não dava para montar os batalhões se houvesse rebaixamento dos prêmios. O Prefeito não cedeu. Os “donos de Boi”, tristes, desistiram de botar seus Bois nas ruas, ou na Arena do Arraial. E assim, em 2017, não temos Flor do Lírio nem Rei da Boiada nem Novo Fazendinha. E assim, não temos ronco de Boi, nem toque de tambor, nos três bairros que são os celeiros de Boi da Parnaíba: nos Tucuns, na Ilha de Santa Isabel, no Catanduba. Num desses três lugares, no século 18, nasceu o Bumba-meu-boi para depois se espalhar pelo Brasil. Êh, Boi! Êh, Boi! Êh, Boi! Êh, Boi! Êh, Boi!



Foto de Walter Fontenele



O Boi da Fazendinha, com o nome pintado no lombo, foi um dos mais tradicionais e antigos batalhões da Parnaíba, num clique de fotógrafo não identificado brincando Arraial de 2002.

← Rei da boiada



Cordão de Caboclos Reais. Observe-se a grande variedade na criação artística dos capacetes de Boi para Boi. (Foto de fotógrafo não identificado.)





Raimundo Bandeira, criador, artífice, ensaiador e Amo do Boi Igaracu, o único boi da Parnaíba a acender luz nos olhos e mover a cabeça. Foto de Walter Fontenele



R-B, no tambor, são as iniciais de Raimundo Bandeira, dono do Boi Igaracu, batalhão do Bairro Piauí. Marido e mulher, Dona Socorro, tiveram atuação constante por várias décadas em que seus filhos cresceram brincando no Boi todos os anos. Deixou de brincar desde 2017. Foto de Benjamim Santos



← O Boi Igarauçu, em 2003, no Aeroporto, para recepção de turistas. Tradicional, o fardamento deste batalhão sempre usou penas, espelhos e fitas de muitas cores.  
Foto de Benjamim Santos.



Novo Vencedor, do Catanduvas, o chamado Boi dos Morenos, criado por Claudiano, quando se afastou do Rei da Boiada para botar o seu próprio batalhão, que brincou pela primeira vez em 2004. (Fotógrafo não identificado.)

Cordão de Caboclos Reais. Hoje não se encontram mais brincantes com a idade desses Caboclos. Nos batalhões existente em 2018, os brincantes são todos bem jovens. (Fotógrafo não identificado.) Igarauçu





Novo Vencedor



Amo do Novo Fazendinha, José Rodrigues (á direita) ao lado de seu pai, João Rodrigues, um dos mais antigos brincantes de Boi da Parnaíba ainda em atuação. Foto de Benjamim Santos durante a Morte do Boi, em 2007.



Robert, encarnando Simplicio Dias, é o Amo do Boi Mirim Estrela Cadente, do bairro Joaz Souza, vencedor no Arraial em 2017 e 2018.



Boi de meninos em bairro popular. Foto de Benjamim Santos.



O SESC PIAUI tem a honra de convidar V. S.<sup>a</sup> para a abertura da "Exposição Viva Meu Boi de São João", com acervo de peças e adereços, fotografias e textos sobre o bumba-meu-boi da Parnaíba.

**ABERTURA:** 20 de Agosto de 2007  
**Horário:** 18h:00

**Local:** Galeria de Arte SESC Avenida

A EXPOSIÇÃO FICA ABERTA ATÉ O DIA 08 DE SETEMBRO  
NO HORÁRIO DAS 8h ÀS 12h E 14h ÀS 18h.



Catrevagem de um Boi de Meninos de bairros populares. Com o fim de Bois brincando todas as noites e percorrendo as ruas, tem desaparecido também esse antigo fascínio de meninos e a feitura de seus Boizinhos. Foto de Benjamim Santos.



Com apresentação grandiosa no Arraial de São João da Parnaíba, o Rei da Boiada preenche toda a arena com mais de 150 brincantes. Garantido



Rei da Boiada



Um Pajé de rosto com maquiagem pesada substituindo a máscara, que era tradicional dos antigos Bois da Parnaíba.



Invenção de uma tal Índia Poranga.  
Boi Novo Fazendinha.

← Jaqueline do Bairro São Jose, do Rei da Boiada



A Catevagem:  
Cazumbá, Catirina,  
Pai Francisco,  
Folharal, Burrinha  
e Gregório.

Novo Fazendinha



↑ Chagas aos 75 anos de idade. Vendedor ambulante de picolé. 50 anos de brincadeira. Vinte anos de brincante no Rei da Boiada.

← A beleza colorida de um chapéu trabalhado a mão.

O Rei da Boiada com a mais nova invenção: um cenário pintado, à direita. ↓





Rei da Boiada: vaqueiros mirins



↑ O Boi na vertical, levado por dois Vaqueiros.



Uma Sinhazinha (personagem novato) conduz o Boi de couro branco.





Este livro foi composto dos tipos  
Minion Pro, corpo 12/15,7 e  
Myriad Pro Condensed, corpo 18/18  
no bureau gráfico [IrãodeCriação](mailto:irmaodecriacao@gmail.com)  
[paulo33moura@gmail.com](mailto:paulo33moura@gmail.com)

Na segunda metade do século 20, empobrecida, Parnaíba deu de crescer e se expandir pelas terras mais altas, mais ou menos como Alice, quando se pôs a crescer no País das Maravilhas. Existe, porém, um grande laço que continua a unir todas as épocas: o Boi. Não mais aquele boi de matadouro e de exportação, mas um Boi de ilusão que vive, brinca e morre para a cada ano ressuscitar para brincar de novo pelas ruas da cidade e de novo morrer e outra vez ressuscitar, sempre mais forte e vigoroso, num ciclo mítico de canto e dança.

É o Boi de São João: expressão máxima de nossa Cultura Popular, feita por um povo analfabeto ou de pouco estudo; manifestação do sentimento de toda a gente parnaibana; patrimônio imaterial de valor jamais dimensionado à altura que se impõe.

E de tal modo que, tendo o Boi como ponto de partida, pode-se contar a História da Cidade.

PATROCÍNIO

